

REVISTA DA SEMANA

N.º 41

7-10-44

CR\$
2,50
NA CAPITAL
3,00
NOS ESTADOS



Suplemento
de guerra com
novos mapas

"NIGHT AND DAY" ...

A melodia popularíssima, "cavalinho-de-batalha" dos *crooners* de maior evidência, mesmo os de versão nacional, reflete-se nessas duas graciosas figurinhas. A de cima, talvez em noite tormentosa de *black-out*, pouco ligando ao perigo, bocêja e mune-se de uma vela providencial, rumando para o dormitório, onde possa esquecer as pequeninas preocupações de mais um dia sem muito que fazer... A de baixo, despida com a sábia experiência de uma "estrêla" de revista, desa-



fiando os olhares maliciosos do leitor... Duas molduras, dois quadros que valem por outras tantas obras-primas, pinturas que não foram expostas no Salão de Belas Artes mas que assim mesmo fazem jús à nossa admiração. Na realidade, elas chamam-se Virginia Mayo e Elaine Riley, respectivamente, trabalham para o cinema, pertencem ao cast da RKO-Radio e posaram para o fotógrafo, com o simples objetivo de anunciar seus próximos filmes — e nada mais...



SE ele não me tivesse agarrado pelo ombro eu não o teria visto. A hora rôxa me enchera de distância. Todas as cousas da vida se tinham perdido. O vulto longo, seco, hirtó estaria tão longe quanto as amendoeiras jovens, de braços abertos para a luz, afogadas na beleza do crepúsculo.

Ele me puxou pelo ombro.

— “Você aqui, Irmão Francisco!”

Encontrara-o pela última vez, há muitos anos, no livro de Axel Munthe. Julgava-o no Paraíso, alimentando as cotovias das madrugadas eternas. Mas era bem ele. Fulgiam na sombra do burel “aqueles olhos incomparáveis que nem Deus nem os homens nem os animais podiam olhar encolerizados.” Que estaria fazendo na Praça Paris?

Contou que viera para a festa da praia do Russel. Gente de todas as crenças se reunia para homenageá-lo. Seria indelicado faltar, não seria? Depois errara pela cidade. Fôra ver o novo Jardim Zoológico, onde as araras, as arapongas e os tucanos passam a tomates, cenouras e laranjas.

— “Sabe? Não concordo com esse senhor José Mariano Filho. Acho que os nossos irmãos bichos estão até bem demais na Quinta Imperial!”

Irmão Francisco parecia cansado... Não entrava em detalhes... Falava depressa, numa voz sem cor... Visitara o hospital de cães... Vira o cemitério branco, chéio de sol, onde os amigos fiéis dormem em mausoléus de mármore enfeitados de flôres.

A’ tarde, pousara-lhe no ombro, aflito e cansado, um pardal. Viera da Gávea trazer um recado. Voara tanto que seu pequenino coração estava batendo com força em cada pluma. Alguem no Jockey Club precisava urgentemente falar com o “Povelletto”...

— “Estou chegando agora. Ah! minha irmã, o que eu vi e ouvi naquele palácio de cavalos, nunca imaginei que houvesse neste mundo de Christo!... Ainda bem que você passou para me explicar muita coisa!”

Agora, Irmão Francisco estava loquaz. Cada uma das suas palavras vinha quente e ungida de piedade como distilando balsamo para todas as dores ocultas na sombra. Chamara-o ao hipódromo a égua Farpa. O Santo ouvira-lhe uma longa e dolorosa con-

Encontrei a báia chéia; a nata açucarada era realmente uma carícia para o meu focinho tantas véses tocado pelo chicote, tantas véses ferido pelo frêio... Havia de recusar?

Pelo que o Edmar Morel disse, eu estava roubando 120 litros por mês aos pobres homens. Entretanto, quantos homens ganham milhares de cruzeiros às custas das minhas pobres pernas? Nas tardes de domingo — lindas tardes em que eu gostaria de passear sózinha, lentamente, à sombra das árvores, sôo e me esfalfo na pista, cega de pó, tonta de tanta loucura, que se agita nas arquibancadas.

Diga aos homens que a culpa não foi minha. Que outros homens encheram a minha báia. Que eu lhes deixo de boa vontade o leite, o açúcar, os criados, a casa.

Quero, em troca, a minha liberdade, como o passáiro cativo do poema.

Irmão Francisco parou aí. Não entendia de corridas, nem de prêmios; nem de *bettings*. Nada sabia sobre as filas do leite e os talões do açúcar. Na sua quieta Umbria, sombreada de oliveiras e ciprestes, a vida era tão simples!

Foi a minha vez de falar. Ouviu-me com as mãos ocultas nas mangas do

Expliquei que muita gente vive na sombra dos milhões do jogo; que tantas de pessoas morreriam de fome se não pudessem mais tratar de Farpa, Albatroz e outras celebridades; que milhares de outras só tinham um consolo e uma compensação na vida: senhar a semana inteira com o *betting* de domingo. Que ele não se preocupasse, não. Farpas de todos os tamanhos existiam por este mundo, enterradas na carne dos homens. As que não bebiam leite sorviam o sangue.

— “Está tudo errado, Irmão Francisco. Você pode derrubar o Hipódromo; mas não poderá evitar que os cavalos andem na rua e atinjam a meta da vitória. Em Roma foi pior. Houve um cavalo no Senado. E’ verdade que não prejudicou ninguém porque nunca se ocupou de leis...”

Vi uma lágrima rolar, lentamente brilhar um minuto, perder-se nas pregas do burel. Francisco de Assis levantou-se, olhou a Cidade que se enfeitava com anúncios, o céu que as primeiras estrelas enjoiavam. Caminhou devagar entre as amendoeiras, pisando as folhas secas douradas, vermelhas, cor de cobre.

Parou junto ao mar. E, as mãos guidadas num gesto que, se não fosse dele seria de anátema, apostrofou pedras, as ondas, o silêncio:

— “Oito séculos mais tarde, compreendo o meu erro. Eu não devia passado entre os homens, ensinando amor. O amor a todas as criaturas; lobo e ao cordeiro, á agua pura, humilde e boa, ao fôgo altivo, impetuoso e voraz. Eu devia ter ensinado um pouco de violência. Eu devia ter pregado a violência contra os violentos para que os bons não fossem esmagados. O amor não move o coração dos lobos. A bondade comove o coração dos máus. O adubado e regado, sufoca o trigo; searas de Deus.

E’ mistério que os bons se tornem má para que o mal desapareça da face da terra.

Errei, meu irmão mar, profundo e quieto e belo. Minhas irmãs árvores tranquilas, claras e esbeltas, errei. Errei na minha irmã cidade, onde os homens sofrem, minhas irmãs estrelas, na minha irmã terra, maternal e boa...”

Uma gaivota pousou na amurada. Tinha a aza partida e sangue no bico. Irmão Francisco tomou-a nas mãos, chagadas, apertou-a com ternura no coração. E foi caminhando com ela para o grande mar, o infinito mar, noite e do silêncio.

ENCONTREI IRMÃO FRANCISCO

Por SARAH MARQUES
Especial para Revista da Semana

fidência que se traduz assim, em linguagem de gente:

— “Irmão Francisco, eu nunca pedi leite; nunca exigí açúcar. Gosto muito mais da herva tenra, com cheiro de terra e de sol; da herva que eu mesma arranco, mergulhando o focinho no chão. Gosto de correr de vez em quando. Mas não aqui, no meio desses homens loucos que gritam e batem palmas; não com o peso do jockey nas costas e o frêio na boca. Eu não pedi esta estrebria luxuosa, que mesmo coberta de ouro, seria um cárcere. Nem a báia. Nem esta vida fácil com *entraineurs* á minha disposição. Eu sou uma égua simples como todas as éguas. Veiu um reporter e complicou ainda mais a minha vida. Foi contar que eu tinha quatro litros de leite e um quilo de açúcar por dia. E a cidade toda se ergue contra mim. Parece que os homens têm quotas muito menores: 70 gramas diárias de açúcar e leite quando conseguem chegar a tempo na fila. Disseram-me que há crianças morrendo por falta de alimento; que vem leite em pó da Argentina; que não há manteiga, nem queijo, nem requeijão para os pobres. Mas, Irmão Francisco, esse pecado é muito mais das vacas do que meu. Qual foi, afinal, a minha culpa?”

burel, os olhos mergulhados no mar todo rôxo de poente.

Quando acabei, don Quixote apareceu nos seus gestos e na sua fala. Queria ir ao Jockey, derrubar tudo, dar liberdade aos nossos irmãos cavalos. Detive-o.



O CINQUENTENARIO DO SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES

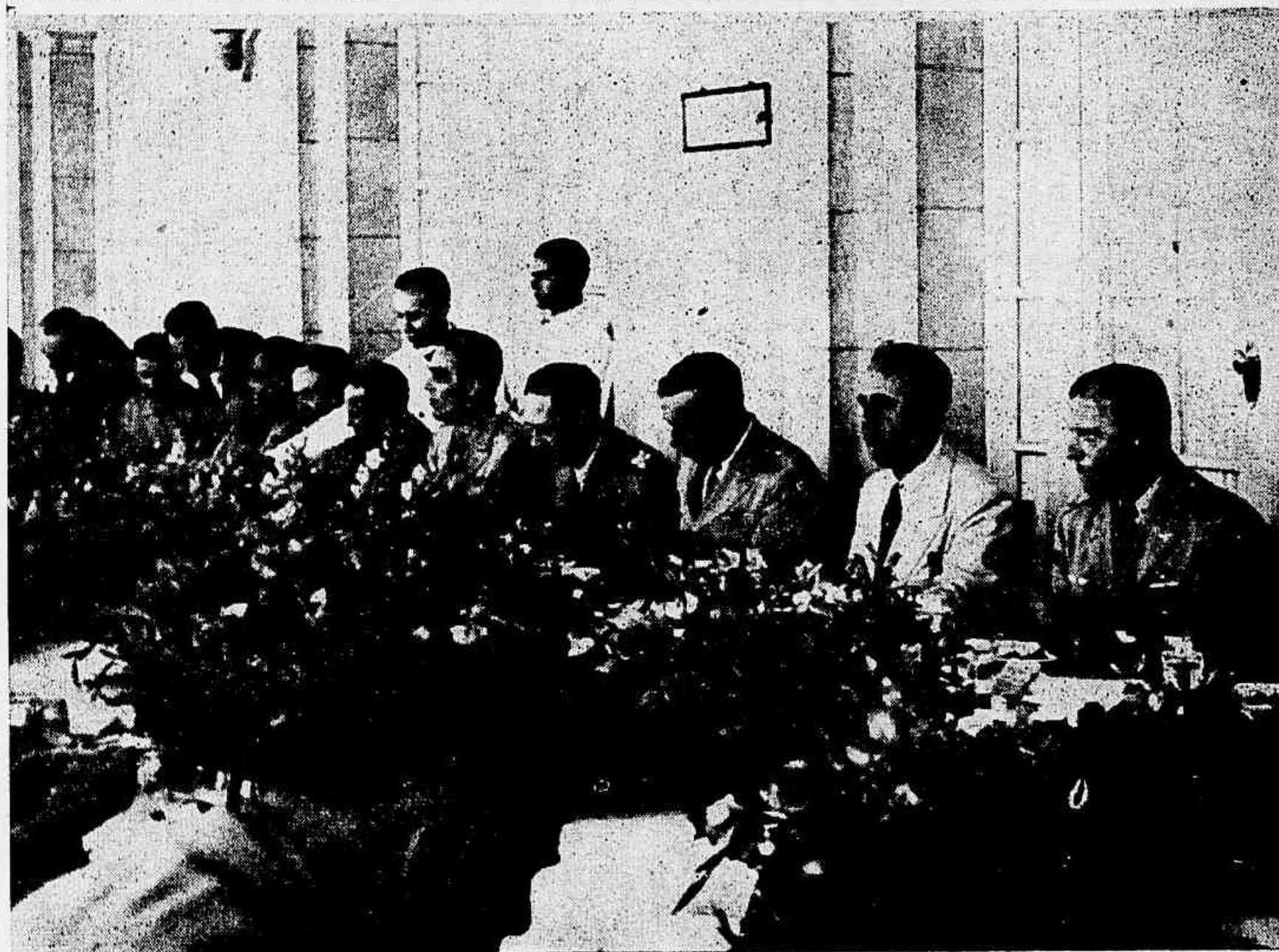
A abertura do Salão, realizada sabado da semana última, no edificio do Museu Nacional de Belas Artes, constituiu o grande acontecimento artistico do momento. Meia centena de vèzes já se repetiu esse empreendimento de arte, motivo por que foi, em 1944, denominado o "Cinquentenario do Salão Nacional de Belas Artes", assumindo as solenidades imponencia excepcional. E' certo que os meics artisticos viveram dias agitados, nas vespèras da abertura do Salão, quando foi feita a seleção dos quadros e mais de duzentos fôram rejeitados. Mas, de qualquer modo, o acontecimento registou-se valendo por uma afirmativa do alto prestígio e da evolução dos setôres artisticos nacionais em cinco décadas soberbamente aproveitadas.





NA FOTOGRAFIA QUE OCUPA A PÁGINA À ESQUERDA, *Fim de tarde*, DE JURANDYR PAES LEME, UM DOS EXCELENTES TRABALHOS QUE OCUPAM AS DEPENDENCIAS DO MUSEU. NESTA PÁGINA, AO ALTO, *Camponeza*, DE OSWALDO TEIXEIRA. EM BAIXO, À ESQUERDA, *Príncipe Mouro*, DE PEDRO ANTONIO, DA COLEÇÃO UBIRAJÁRA CAMPOS; E À DIREITA, *Orquideas Brasileiras*, TELA DE LUCILIA FRAGA, A GRANDE PINTORA DE FLORES. MAS O SALÃO DO CINQUENTENÁRIO OPERECE AO VISITANTE, A EXEMPLO DESSSES, MUITOS OUTROS QUADROS DE GRANDE CLASSE.





6

O Jockey Club Brasileiro deu continuação brilhantemente às suas atividades de 1944, com a realização dos "mêetings" turfísticos de sábado e domingo ultimos. A seleta assistência que acorreu áque-las reuniões turfísticas bem demonstra o progresso sempre crescente do nobre es-por-te na terra carioca. São dessas brilhantes reuniões os instantâneos que ilustram esta página.

JOCKEY CLUB MUNDANO



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 7-10-944 -- N. 41

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1890, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 83,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL.
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS E SUPLEMENTO DE GUERRA

Sumário

LITERATURA:

Encontrei o irmão Francisco (Sára Marques).....	3
Crimes sem causa (John Hall).....	15
Junqueira Freire (Escagnole Doria).....	22
Heraçes (Aluizio Azevedo).....	23
Mentiroso! (Jeanette Dubois).....	29
Livros Novos (J. L.).....	36/37

REPORTAGENS:

O Cinquentenário do Salão N. de Belas Artes.....	4/5
Joquei Clube.....	5
"Os Sinos de Corneville" no Municipal.....	9/11
E o palhaço o que é? (Paulo Salles Guerra) — A começar da pág.	12
Figuras e Fatos.....	24

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	25
Primavera.....	26/27
Maillots.....	28
Modas e Modélos.....	40/46

CURIOSIDADES:

Hospitais de Campanha.....	16/17
O Doze de Outubro.....	30/34
Você tem vocação para detective?.....	35

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A Guerra em Marcha.....	19/21
De Teatro (Anselmo Domingos).....	44

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	18
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

NO "ANEXO":

Suplemento de guerra com mapas.

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. NÃO PODEMOS COLABORAR SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

**Publicidade para esta
"Revista" em S. Paulo**

**Tratar com Adalberto Mendes
Rua D. José de Barros, 323.
Telefone 4-7866**

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; enfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

A nossa Capa

UMA sugestiva e interessante capa de Gene Tierney, a bonita "estrela" cinematográfica da Fox, ocupa o lugar de honra desta edição. Gene Tierney pertence à categoria das artistas cujo predomínio maior reside em seus encantos naturais. Hollywood sabe encontrar pequenas assim, de requintada elegância, donas de atributos físicos bastantes para agradar ao público mais exigente. Quando se iniciam na carreira, impõem-se por esses atributos, mas, não raro, com o passar do tempo, acabam sendo ótimas comediantes.

Esta que hoje o leitor encontra na sobre-capas vem seguindo a mesma trilha passando da condição de "pequena bonita" a interprete dramática de real mérito, qualidades que se aprimoram de filme para filme. Neste mesmo número, damos aos leitores, em anexo, o mais recente suplemento de guerra, com os novos mapas inclusive o do território alemão, cuja ocupação está começando a ser feita pelas tropas das Nações

Unidas. As seções do costume e três excelentes reportagens — uma com Benjamin de Oliveira, outra sobre a inauguração do "Salon" e a última re-



ferindo-se à representação de "Os Sinos de Corneville" feita no Municipal — completam o sumário da edição da REVISTA que o leitor tem em mãos.

Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

IND. QUIMICAS TONKIL, LTDA.
C. Postal 1405 — Rio de Janeiro

a Semana em Revista

A grande solução...



O panorama futebolístico da cidade apresenta desde domingo um delicioso aspecto de paz e concordia. Não há insatisfeitos nem revoltados. Dir-se-ia que um bálsamo de confraternização, sumamente espiritual, haja descido por sobre as cabeças dos mais renitentes "torcedores" da cidade, tudo porque quatro das maiores entidades esportivas — Flamingo, Fluminense, Botafogo e Vasco — equiparam-se na "liderança" do campeonato... E pronto, aí está como tudo pode transcorrer no melhor e no mais romântico dos ambientes... Ninguém pensa em diminuir o adversário e todos admitem que, tal como se oferece a situação, há o mais rigoroso espírito de justiça. Puderam! Os quatro mais fortes naipes do outrora chamado "esporte bretão" julgaram-se senhores absolutos do campeonato sem nenhum deles admitir, nem por sombras, que dali, do alto das cabeceiras, venham a ser desalojados, talvez amanhã, mesmo domingo... No íntimo, converhamos, o partidário de cada clube, hoje guindado lá no topo do "pau de sêbo", está com uma vontade louca de mandar para baixo, com um vigoroso chute os tres outros concorrentes. Mas só no íntimo, embora afivelando ao rosto a máscara do conformado com a situação, do indivíduo infenso a qualquer pensamento desgovernado, pois na realidade sabe, perfeitamente, que os quatro clubes não podem conservar-se nesse posto de honra, em conjunto, até o fim do campeonato. Claro que o assunto, de puro feitio esportivo, deve interessar preferentemente aos cronistas especializados na matéria, sem com isso deixar de merecer este registro, de vez que, sendo o futebol, nestes dias tormentosos, um reflexo das preferências desportivas por excelência, bem pode servir de exemplo. Pudessem todas as rivalidades que existem no mundo solucionar-se pelo processo verificado esta semana, no campeonato de futebol, que bom seria! Não mais competições, nem rivalidades, nem despeitos, nem ciúmes, nem postos mais altos e mais baixos... Tudo equitativo, rigorosamente nivelado, tudo em primeiro lugar, ombro a ombro, para evitar polémicas. Tudo, quer dizer, tudo que tem maior força, porque os fracos, coitadinhos, até no futebol continuam desprezados. Quem é que está ligando ao Bangü, ao Bomsucesso e aos outros concorrentes do campeonato, só porque não são dos derradeiros postos? Ainda, si o adágio — os últimos serão os primeiros — fôsse uma verdade, poder-se-ia supor que o Bomsucesso, numa "virada" com ou sem caráter desportivo, acabasse levando a melhor. Mas não. No "pau de sêbo" do futebol repete-se o que vemos diariamente acontecer na vida real: Os maiores podem confraternizar, definitivamente ou temporariamente. São "brances", li se entendem. Mas os "bomsucesso" tem que conformar-se com o vaticínio otimista circunscrito ao nome. No futebol e na vida, é tudo uma questão de pontapé. Há quem os dê com violência maior, outros si bem aplicam-lhes com a mesma eficiência mas despendendo menos soma de energias. E os que menos força fazem, não raro, são os que melhor jogam no futebol da vida...

Modernistas... passadistas



Os duzentos e tantos quadros que a comissão promotora do Salão de Belas Artes não deixou enfileirarem-se aos demais, de grande classe alijando-se para outras dependências de ordem artística inferior, provocaram as controvérsias da praxe. Anualmente o "caso" repete-se, mas de salão para salão ele vai assumindo importância maior. Este ano, seja porque o rigor fosse intensificado, mercê da comemoração do meio centenário das exposições, seja porque existissem em maior número os trabalhos mediocres, o total refugado subiu consideravelmente. E os protestos, "bate-bocas", "não pode" e maledicências campearam por aí, nas mesas dos cafés onde dão rendez-vous os artistas da palheta, nas redações dos jornais e no hall do próprio Museu onde se encontra o Salão. Bem pensado, não há motivo para recriminações nem devemos lamentar os protestos, indícios frisantes da vitalidade que preside, em nossos dias, o setor das Belas Artes. A pasmeira e acomodação de tempos fidos, quando os prêmios de viagem quase não se viam mais competidos, distribuindo-se dentro de um bisonho espírito de camaradagem — "Este ano vai você, no ano próximo irei eu" — sucedeu essa febre de produção, esse entreechoque de escolas, essa controvérsia que reponta nas colunas de jornais e dá animo às coisas de arte. Não se pode dizer que nossos pintores e escultores estejam vivendo dias de marasmo e decadência, de vez que nunca se expôs tanto nem jamais se discutiu desta maneira febril, a propósito do lugar exato em que os quadros devem ou não devem ser colocados. E no entanto, o Salão do Cinquentenário está sendo visitadíssimo, exatamente porque os "bate-bocas" enpolgam a multidão, surgindo a necessidade dos confrontos. Mesmo os mais leigos, tiram-se de seus cuidados, cruzam os portões do Museu e vão deitar o seu olho clínico e artístico por sobre as muralhas, pontificando a sabedoria da experiência ou da inexperiência — quem sabe! — e defendendo a sua escola. Há os eternos modernistas, inveterados discípulos dos mais novos, conscientes de estarem defendendo a própria mocidade, porque apoiar a obra dos velhos é ser velho também... Como igualmente existem os que por princípio batem palmas ao trabalho do artista mais ou menos idoso, idoso principalmente na obra que faz expôr. E sendo o moço de hoje, queiram ou não os passadistas, um velho de amanhã, é certo que seus quadros, mesmo quando seus recursos para pintá-los não tenham evoluído, mais tarde acabam recebendo a aprovação até dos que outrora os refugaram... E assim o mundo. E por que, no setor de belas artes, ele devia ser diferente? Os homens são como realmente são, não como desejariam ser — disse-o aquele pitoresco herói de Eça de Queiroz, há quase um século. E por falar no Eça — ele próprio não foi, no seu tempo, um combatido por muitos que, mais tarde, muito sinceramente o enalteciam corajosamente? Eis porque o Salão, este ano resulta perfeitamente igual aos quarenta e nove que lhe antecederam. Os modernistas de 1894, quando tivemos a primeira mostra de arte nesse gênero, deixaram de o ser há muito tempo...

A proposito de Lobato



Aquela ruidosa e trepidante reportagem que a REVISTA divulgou na semana passada, obtida em São Paulo com o escritor Monteiro Lobato, deflagrou com o ruído de uma autêntica "bomba-arraza-quarteirão", fazendo que cessassem, como por encanto, os disse-que disse então reinantes nas duas capitais. Em última análise, nosso companheiro incumbido dessa espinhosa missão prestou relevante serviço à coletividade acadêmica, travando-lhe os passos e impedindo que se martelasse, um tanto levemente, é claro, na eleição espontânea — por parte dos "mortais" — do autor de "Urupês". Quando Lobato escreveu aquelas respostas perfurantes, sabia estar mandando a derradeira pá-de-cal para a sua eleição à Casa de Machado de Assis. Mas sabido que a deliberação do homem era essa mesma, imaginemos a que situação vexatória estaria exposta a Academia, insistindo, aqui de longe, nesse convite para, no momento oportuno — será melhor dizer: inoportuno — receber um "não" definitivo, um "contra" em muito boas condições, emanado da Aclimação, pelo descobridor do Jeca Tatú!

Deve-nos o Petit-Trianon esse inestimável serviço, em que pézem todas as suposições em contrário. Mas não será tanto para enaltecer o resultado da nossa reportagem, que aqui estamos focando o assunto, sinão para extranhar o silêncio em que mergulhou o "caso" Monteiro Lobato, nestes últimos sete dias. A que conclusões terá chegado o cenáculo da Avenida Presidente Wilson? Por certo, não voltará à carga, preferindo escolher outro candidato à vaga de Alcides Maya. Falou-se que em revide à desconsideração de Lobato, outra figura de real prestígio seria convidada pelos "quarenta", eleita dentro do mesmo espírito de homenagem espontânea partida dos senhores "mortais". Mas quanta gente boa não terá se deliciado com a negativa formal das terras de Piratininga! A vaga de Alcides Maya permitirá que novos sonhos adormeçam, por espaço de algum tempo, as cabeças beatíficas de alguns candidatos quasi-perpetuos a todas as vagas, e mesmo quando novas decepções os aguardem, ainda assim terá sido mais um sonho vivido. Quando se trata de intelectuais, sinônimo de eternos sonhadores, mais um menos não faz diferença. E lá da terra bandeirante, Monteiro Lobato parece mandar-nos o eterno manancial da sua gargalhada envolta em cepticismo dos homens e das coisas. Nós o ouvimos, repisar as suas irrias nem sempre veladas e algumas vezes até extremamente cruas, tão cruas que é preciso digerir-las com cuidado. Ainda este ano serão conhecidos os resultados de novos prêmios desenrolados portas a dentro da Academia. A esta hora, tendo lido a reportagem de Lobato, quantos candidatos à imortalidade não devem estar movimentando-se por aí alem, na cabala muito justa, muito formalística mas nem por isso menos grotesca, pois tudo que se pede tem seu traço jocoso. É um pedido. E a recusa de Lobato, no fim de contas, há de favorecer a alguém. O Olimpo será ocupado por outro expoente. Quanto a Emilia, por força estará reconciliada com o escritor bandeirante, só porque Lobato a ouviu e rejeitou uma lata vasia...

Sabe onde tem casa para alugar?



Si nos perguntassem que castigo merece Hitler quando fôr entregue aos generais aliados, nossa resposta seria uma única: — "Ser trazido para o Rio de Janeiro e, aqui, obrigá-lo a procurar casa para morar". Pronto, coitado. Não podia encontrar-se outro mais viável e cruel, si não esse o de percorrer colunas onde our ora apareciam os "Aluga-se" e agora só encontramos os "Vende-se"; andar de jornal sob o braço, percorrendo a via-sacra dos bairros, subindo e descendo elevadores em edifícios de apartamentos, visitando construções mal iniciadas e cuja conclusão só virá a dar-se dez ou doze meses depois, oferecendo gratificações a intermediários, caindo no "cambio-nêgro" dos alugueis, entrando na fila dos candidatos quando surge algum anúncio mais ou menos e recebendo o "não" fulminante do senhorio, ao telefonar-lhe ou ao procura-lo no escritório...

De fato, são múltiplos os problemas de um pobre-mortal, nos dias turbulentos que vivemos; todos, porém, são resolvidos, mais cedo ou mais tarde. Só o problema da morada vai se deixando ficar cada vez mais insolúvel, cada vez mais "problema"... De que vale a construção de tantos edifícios si os apartamentos são para vender e não para alugar! Hoje, no Rio, é muito mais fácil comprar um tétó do que toma-lo mediante a quantia de tantos cruzeiros mensais para o devolver ao proprietário, findo o contrato de locação. A guerra parece ter forjado proprietários por atacado e a varejo, embora na maioria eles sejam, apenas, "quasi-proprietários". Muita gente envereda pelo caminho das compras a prazo, mas não são todos os que conseguem chegar à etapa final. E por tudo isso, o problema da habitação cresce de vulto, para assumir proporções de verdadeira calamidade. Quando a guerra terminar, tudo terá melhorado — admitem uns. Mas a realidade será muito outra, de vez que as consequências da guerra não podem sanar-se tão logo ela haja cessado. E os anúncios de "Aluga-se" desaparecem, os senhorios nem sequer dão confiança aos candidatos a um tétó, os salários não acompanham a subida astronômica dos alugueis e pronto, acabou-se... Eis porque nos lembramos de lançar, deste fim de página, um brado de alerta a quem nos lê: Leitor amigo, o senhor sabe onde existe uma casa para alugar? Desde que não ha outro modo de solucionar o problema de uns vinte a trinta companheiros, aqui dentro da REVISTA, às voltas com a premente questão, desfraldemos o estandarte e gritemos, bem alto, a súplica: — Precisam-se casas... Grandes ou pequenas... Apartamentos ou "apertamentos"... Seja o que fôr, onde fôr e custe o que custar...

E aguardemos dias melhores, si mesmo assim não encontrarmos o que tanto procuramos. Aguardemos, por exemplo, que a guerra acabe para alguns milhares de exilados voltarem aos seus penates.

Mas... de que adianta? Para o lugar destes milhares, outros e mais outros milhares devem estar lá fora, aguardando o momento oportuno de invadir estes domínios. E o momento oportuno será o fim da guerra também.

Diante disso — bolas!

"Os Sinos de Corneville" no Municipal

Por iniciativa da senhora Delegada Geral da Cruz Vermelha Belga no Brasil foram realizados no Teatro Municipal, na noite de 29 de setembro e em vespéral no dia 1.º do corrente, dois espetáculos de requintado sabôr artistico. Um elenco de senhorinhas e cavalheiros da sociedade carioca incumbiu-se de ressuscitar uma das mais antigas e apreciadas peças do repertorio da opera-cômica, recaindo a escolha em *Les Cloches de Corneville*, que sob o titulo de *Os Sinos de Corneville*, tantas e tão saudosas versões teve nos palcos brasileiros, em tempos idos. Agora, mercê dos espetáculos organizados pelas senhoras Van Yacken e Emilia Xima, respectivamente representantes da Cruz Vermelha Belga e da França Combatente, a referida opera-cômica voltou ao cartaz, em beneficio das vítimas da guerra do Brasil, da Belgica e da França. Incumbiu-se o maestro Martinez Gráu de regêr a grande orquestra do Municipal, tendo ainda esse espetáculo o concurso da festejada atriz cantora Gilda de Abreu, que ha dois anos, por motivo de saúde, se encontrava afastada de suas lides artisticas. Na vespéra da estréia mesmo de portas fechadas, o Municipal teve uma noite movimentada, com a realização do ensaio-geral. A platêa oferecia tambem um aspecto brilhantissimo, ocupadas todas as localidades pelos jornalistas e familias dos artistas amadores, que tão espontaneamente se ofereceram para colaborar no memoravel acontecimento.



GILDA DE ABREU, CUJA AUSENCIA DO PALCO VINHA SE FAZENDO SENTIR HA DOIS ANOS, REAPARECEU NO THEATRO MUNICIPAL VIVENDO A PROTAGONISTA DE "LES CLOCHES DE CORNEVILLE", A VELHA OPERA-COMICA. EM CIMA, UM GRUPO DE GENTIS SENHORINHAS DA NOSSA SOCIEDADE, QUE TANTO REALCE DÉRAM AO BONITO ESPETACULO.





A INICIATIVA DAS SENHORAS VAN YACKEN E EMILIA XIMA RESULTOU DE UM BRILHANTISMO INVULGAR. "LES CLOCHES DE CORNEVILLE" (OS SINOS DE CORNEVILLE), COM SUA PARTITURA TÃO SAUDOSA PARA OS MAIS VELHOS, REVIVEU NA CENA DO NOSSO PRINCIPAL TEATRO, DENTRO DE UMA CAPRICHADA MONTAGEM, E COM A COOPERAÇÃO ARTISTICA DE UM IRREPREENSIVEL "CAST". OS PERSONAGENS, COMO SE PODE VER DAS DUAS ILUSTRAÇÕES SUPERIORES, MOSTRARAM-SE INTEGRADOS ADMIRAVELMENTE EM SEUS TIPOS. E O VELHO GASPARE AVARENTO, MESQUINHO, ENCONTROU UM CORRETO INTERPRETE. NA GRAVURA INFERIOR, UM ASPECTO TOMADO NO CAMARIM DE GILDA DE ABREU, EM CONVERSA COM O MAESTRO MARTINEZ GRÁU, QUE REGEU A ORQUESTRA DO MUNICIPAL, BEM COMO DUAS OUTRAS FIGURAS DO ELENCO IMPROVISADO PARA ESSA CURTA E APLAUDIDA SÉRIE DE ESPETÁCULOS, CUJO PROVEITO MATERIAL RESULTOU EM BENEFÍCIO DAS VÍTIMAS DA GUERRA DO BRASIL, DA BELGICA E DA FRANÇA.





OUTROS INTERESSANTES ASPECTOS COLHIDOS PELA NOSSA REPORTAGEM, NOS BASTIDORES DO MUNICIPAL. EM CIMA, AS FIGURAS QUE INTEGRARAM O DESFILE DOS FANTASMAS, CUJO APARECIMENTO EM CASA DO AVARENTO GASPÃO, LOGRA PREGAR-LHE TÃO GRANDE SUSTO. EM BAIXO, À ESQUERDA, GILDA DE ABREU EM OUTRO FLAGRANTE, E À DIREITA, UM DETALHE RECONSTITUÍDO COM A COLABORAÇÃO DE UMA DAS SENHORITAS QUE TANTO REALCE EMPLEIAM À FESTA. A EXEMPLO DESSES, MUITOS OUTROS MOMENTOS DELICIOSOS FORAM PROPORCIONADOS AO PÚBLICO QUE ENCHIA TODAS AS DEPENDÊNCIAS DO MUNICIPAL. NA VESPERA DA ESTRÉIA FOI REALIZADO UM ENSAIO GERAL DE PORTAS FECHADAS, MAS CORRENDO O ESPETÁCULO TAL COMO SI JÁ ESTIVESSE SENDO APRESENTADO AO PÚBLICO PAGANTE. NA PLATÉIA, AS FAMÍLIAS DE QUANTOS COLABORARAM PARA O SUCESSO MAIORESSE EMPREENDIMENTO ARTÍSTICO E FILANTRÓPICO.



E O PALHAÇO O QUE É?

FALANDO AO MAIS ANTIGO PALHAÇO DO BRASIL — A FUGA DE CASA — "SAUDADES DOS MEUS PAIS? NEM UM PINGO" — "SEMPRE DEI SORTE AOS MEUS EMPRESÁRIOS" — O PRIMEIRO E ÚNICO AMOR — A HISTÓRIA DA "CATITA" — UM ANO E OITO MESES DE VAIA — O PALHAÇO CHOROU QUANDO FOI APLAUDIDO — OVOS PODRES E UMA PEDRADA NA CABEÇA — ATAÍDE MARCONDES DÁ UM SAPATO A BENJAMIM — FRANZ LEHAR DESMENTE RAUL PEDERNEIRAS — "QUANDO PARAR DE TRABALHAR VOU VER O DIA AMANHECER E A NOITE CHEGAR" — O MAIOR AMIGO DAS CRIANÇAS



— Benjamin de Oliveira vai ali adiante, com a filha e a netinha — informou o rapaz do Pavilhão Dorby, a quem interrogáramos.

Apressámo-nos o passo. Mesmo que não nos tivessem informado, e apesar de não conhecermos Benjamin de Oliveira, teria sido fácil descobri-lo. Parece que éramos a única pessoa que o desconhecíamos. Todos o cumprimentavam à sua passagem:

— Bom dia, Benjamin.

E um sorriso acompanhava a saudação. Sorriso que parecia recordar as piadas do palhaço na noite anterior.

As crianças paravam, e nos seus olhos claros e francos estampava-se uma grande admiração e um grande espanto.

Mas então era este o palhaço? Igualzinho aos outros homens? Não era possível! Então o palhaço podia vestir-se como qualquer um? Todas essas perguntas e dúvidas podiam ser lidas nos seus olhares. Benjamin passava, um largo sorriso bondoso espalhava-se na sua fisionomia.

Se algum dia a bondade resolvesse se materializar e dar um passeio pelas nossas ruas, usaria aquela mesma cara de Benjamin e aquele mesmo sorriso largo, franco.

E no seu modo de falar, de contar as longas histórias da sua vida acidentada, ele tem o orgulho humilde do preto bom. Quando as recordações vão chegando, a lembrança das emoções mais fortes deixam-lhe os olhos cheios de lágrimas.

E a gente, sem saber por que, deixa-se comover pela singeleza daquelas narrativas e se surpreende quase chorando também.

Mas afinal isto é uma entrevista que estamos fazendo a fim de contar aos leitores a vida do mais antigo palhaço do Brasil ou é uma reunião de carpideiras?

Não vamos perguntar quem é Benjamin de Oliveira. Todos já sabem. A sua vida já foi fartamente publicada por ocasião do seu jubileu. Vida longa e agitada que vai desde a fuga da fazenda onde trabalhava, ainda menino, numa longínqua aldeola de Minas que tinha o nome bizarro de Patafufu, até este período de relativa tranquilidade em que o fomos encontrar no modesto Pavilhão Dorby, em Vila Isabel, onde apresenta diversas peças.

Conversava, lançando para trás a fumaça, como a querer buscar as suas recordações que estão muito distantes:

— Sessenta anos de trabalho no circo, menino — permita que o chame de menino — não é brincadeira. Lembro-me bem do lugar do meu nascimento — Patafufu. Hoje mudou de nome. Chama-se Pará de Minas. Campos a perder de vista, as colinas arredondadas como enormes vagalhões de um mar verde que se tivesse solidificado de repente. Era um garotinho. Ajudava meu pai a amansar burro bravo. Meu pai era um negro hercúleo, enorme, que tinha uma esquisita particularidade nas mãos: uma falange a mais em todos os dedos, o que tornava sua enorme manopla uma coisa terrível. Éramos escravos do capitão Roberto Evangelista. Isto é, eu nasci fórrô. Minha mãe era uma escrava de estimação e todos os seus filhos nasceram livres. O "sinhô" era um vendedor de escravos. Andava pelo interior com levas de negros, cem, duzentos, tangidos como gado. Minha "sinhá" era uma santa.

— E as recordações que tem dêsse tempo são boas?

— Muito ruins. Não pelo sinhô, que afinal não era mau para os seus escravos. Mas pelas surras tremendas que levava quase diariamente de meu pai. Homem terrível, o meu pai. Gozava de um certo prestígio, sendo uma espécie de capataz. Frequentemente era incumbido de capturar os negros fugitivos:

— "Malaquias Pião — dizia o meu senhor — traga-me este negro de qualquer modo".

— "De qualquer modo, meu senhor?"



NA PORTA DO CIRCO, BENJAMIN DESCANÇA UM POUCO. AÍ O FOMOS ENCONRAR. LOGO À NOITE ELE ESTARÁ PINTADO, PRONTO PARA O ESPETÁCULO, EXATAMENTE COMO QUANDO TINHA DOZE ANOS, EM PATAFUFU. ELE CRESCER E SE CRIOU NO PICADEIRO.

E sublinhava com um ar terrível este "qualquer". Meu pai se embrenhava pelo mato e quase sempre trazia o negro... morto.

Aquela vida não podia continuar. Era preciso fazer alguma coisa.

— E com que idade entrou para o circo?

— Doze anos. Mas antes disso exerci todas as profissões possíveis. Carreiro, candieiro —

ia na frente do carro de bois com um lampeão para alumiar o caminho — madrinha de tropa, guarda-freio... Afinal, chegou ao logarejo um circo. Tinha poucas possibilidades de entrar como espectador. Eu sempre ouvira falar no circo e ardia em desejos de ver o espetáculo. O enorme toldo estava armado. A minha excitação era enorme. Arranjei um modo de entrar: pedi a

minha mãe que fizesse umas broas e fui vendê-las aos artistas. Cada dia que passava sentia-me atraído por aquela gente. E também eles impatizavam muito comigo. Mas um dia veio a notícia que eu tanto temia: o circo devia ir embora no dia seguinte. Dentro de mim travou-se uma enorme luta. Não estava resolvido a separar-me daqueles bons amigos que fizera. Depois, tinha uma vontade doida de ser artista. Sozinha todas as noites que era o trapezista do circo. Sentia-me voando no ar, a multidão cá em baixo, pequenina, de boca aberta. De repente falhava a minha mão, precipitava-me lá de cima. Um enorme oh! enchia todo o circo. Acordava assustado, e via que tinha apenas caído da cama. O pesadelo me impressionara. Meu

nheço o Brasil de norte a sul. Do Rio Grande ao Amazonas. Viajava sem parar, de um lado para outro. As viagens eram feitas em carro de boi, pelas estradas horríveis, esburacadas. Muitas vezes passava-se um mau pedaço. Mas era aquela a vida de que gostava. Nascera para aquilo.

— E nunca foram assaltados?

— Quem iria assaltar artistas de circo? Nós é que muitas vezes assaltávamos a casa dos outros para comer. Está claro que o assalto era apenas nas despensas e sempre fomos muito bem recebidos.

Pouco a pouco a minha situação ia melhorando como artista. Desempenhei todos os papéis em público. No começo a minha vocação

biam que éramos namorados e pareciam achar graça naquele romance infantil.

— E foi este caso de amor que o fez abandonar a companhia?

— Não. O caso foi outro. Deixei o circo em consequência de um caso amoroso, mas não foi o meu.

"E O PALHAÇO O QUE É? É LADRÃO DE MULHER!"

Benjamim continua:

— Meu patrão, o Sotero, diretor do circo, apaixonara-se perdidamente por uma mulher de uma localidade onde deramos espetáculo. O amor parecia ser correspondido. Mas o circo não poderia permanecer indefinidamente ali. Sotero não se dispunha também a deixar a sua amada.

Uma noite ele chegou perto de mim, os olhos brilhando, e disse: Benjamim, você vai roubar a fulana para mim hoje de noite.

Assim que vocês chegarem levantamos acampamento.

Combinou-se o plano. E aquela noite, eu, um menino, trazia na garupa do meu cavalo, a ôda disparada, a amante do Sotero.

Meu romance com a Catita continuava. Entretanto, eu me tornara muito amigo da mulher do meu patrão. Conversávamos frequentemente. Aos poucos, não sei como, uma suspeita infundada crecia no peito de Sotero: ele desconfiava que o estivesse enganando com a mulher. Um dia vieram me falar sobre isto.

Meu desgosto foi enorme. Despedi-me de Catita. Choramos muito. Silenciosamente desapareci. Meu destino era fugir. Destino de negro...

— E Catita, nunca mais a viu?

— Muito tempo depois. A história de Catita é uma tragédia.

Um homem de alta posição apaixonou-se por ela. Casaram-se.

Não foram felizes. Nem podiam ser. Moleque Benjamim nunca mais abandonou a memória da pobre menina. Eu fora o seu único amor. O marido compreendeu tudo. Sabia que nunca poderia ser feliz.

Um dia tiveram uma discussão. Catita confessou que nunca o amara e nunca o poderia amar. Eu ocupava todo o seu coração.

O infeliz ajoelhou-se a seus pés, e bruscamente enfiou no peito uma faca. Catita desceu todos os degraus da vida.

Eu já estava casado e tinha filhos, quando tornei a ver Catita.

Foi no intervalo de um espetáculo. Vieram me avisar que uma senhora queria falar-me. Acabei de me vestir e fui atender.

Estava me esperando um criatura horrível, asquerosa, toda encarquilhada. Parecia ter cem anos. Uma verdadeira megera.

No seu olhar apagado passou um brilho rápido e seu olhos ficaram cheios de lágrimas:

— Benjamim, você não me conhece mais...

— Perdão. Não a estou reconhecendo.

— Eu sou a Catita. Lembra-se Benjamim?

Abraçamo-nos chorando...

Esta foi a única história de amor em toda a minha vida.

A COMPANHIA DE CIGANOS

— Mas voltemos atrás. Que fez quando saiu do circo?

— Ingressei numa companhia de ciganos que passava pelo lugar.

Trabalhei com eles algum tempo até que fui obrigado a fugir.

— Outra vez?

— Que remédio. Eles queriam trocar-me por um cavalo!

Achamos razoável esta fuga.

(Continua na página 42)



TRÊS GERAÇÕES — BENJAMIM DE OLIVEIRA, A FILHA E A NETA. ESTÁ CLARO QUE A GAROTA É "FAN" INCONDICIONAL DE VÔ O VOVÔ PALHAÇO, QUE DIVERTIU QUATRO GERAÇÕES, GOSTA AINDA DE FAZER LI A NETA. PARA ELLE A MAIOR ALEGRIA É VER AS CRIANÇAS ALEGRES.

pai teve de ausentar-se nesse dia. Ia a um lugar próximo amansar uns burros novos, que haviam chegado na véspera.

Como de costume, saí de casa com o meu taboieiro de broínhas. E não voltei mais. Só muitos anos depois vi meu pai.

Daí por diante iria compartilhar a vida errante e cheia de aventuras dos artistas. Um dia eu também seria artista, como eles. Um grande artista. Meu nome seria escrito em letras enormes, à entrada.

Assim, viajei todo o sertão de Minas. Co-

era para artista ginasta.

Entretanto, um dia tive de me separar dos meus companheiros.

— Brigaram?

— Não. Eu lhe explico como foi.

UM CASO DE AMOR

Catita era uma linda mulatinha. Devia ter uns três anos menos do que eu. Trabalhava também no circo. Desde o primeiro dia nos olhamos com simpatia. Éramos as duas únicas crianças. Com a convivência aquele sentimento puro foi aumentando de intensidade. Todos sa-



Havia um motivo lógico para aqueles crimes aparentemente sem causa...

— Você não vem se deitar, João?
— Não. Fico ainda um pouco aqui no gabinete, trabalhando. Não estou com sono.
— Está bem. Mas não se esqueça de apagar a luz quando subir.
— Está certo. Boa noite, Maria.
— Boa noite, meu amor.

A esposa do médico beijou-o na testa, e saiu. Eram onze horas da noite. Pelas janelas abertas do gabinete, entrava uma brisa fresca que fazia oscilar levemente as cortinas. O médico apagou todas as luzes, exceto a pequena lampada sobre a mesa de trabalho e, no centro do espaço iluminado, sentado à mesa, escrevia, tendo ao lado a penumbra que se prolongava até as paredes e aberturas de prateleiras cheias de livros, até o jardim, onde os canteiros, cuidadosamente tratados pela sua esposa, floriam, desprendendo-se das plantas um aroma delicado e suave.

Na parede o relógio batia, compassadamente, todas as horas e meias horas. Nenhum ruído, a não ser o seu tic-tac, o sussurro da brisa, ou a pena do médico no papel perturbava o silêncio. Lá em cima a esposa já fora se deitar. Repousava, agora, como todos naquela casa, menos o doutor. Este trabalhava. Estava preparando as suas memórias clínicas. Sempre achava que se houvesse algum médico que tivesse suficiente coragem para confessar abertamente todos os seus erros, muitos deles poderiam ser evitados pelos jovens que ingressavam na carreira. Não queria que outros fizessem o mesmo que ele fizera, incorressem no mesmo engano que cometera. Mas, em vez de dar aos seus um ar vivo de exemplo, desmerecia-os, com meticulosidade, insistindo em dar-lhes o ar mais grave e mais impressionante, mesmo com o risco de fazer parecer mais graves os próprios e desabrigados enganos, porque queria impressionar bem os médicos inexperientes que o lessem. Era preciso evitar negligências que poderiam tornar-se fatais, como aconteceu no caso que agora descrevia. Um parto que, por um descuido dele, terminara com a morte da mãe. Dr. João Martin descrevia, penitenciando-se, o engano que cometera.

De repente, um móvel estalou. Não era coisa rara. Um estalido seco e breve, que parecia não ter causa. Um estalido rápido e seco que momentos depois deixava a pessoa em dúvida sobre se o ouvira ou não. Muitas vezes, quando em vigília à cabeceira de doentes, como aquela senhora que ficara paraplégica, por exemplo, porque ele não acudia a tempo, ele ouvira aqueles estalidos, no silêncio da noite. Novamente, após o estalido, renou o silêncio regularmente interrompido pelo tic-tac do relógio, pelo murmurio do vento, pela pena que rangia, ao tocar no papel.

Era indiscutível que cometera vários erros na sua carreira, erros às vezes graves, porém todos eles mais ou menos desculpáveis. Se um deles encheria-o de remorsos. Fora o caso daquela menina, cuja doença ele não ousara descobrir e que morrerá, antes que ele fizesse um diagnóstico. No entanto, como construído por isso? Era, realmente, culpado da sua morte? Lógico que não.

Não estalido. Era estranho! Nunca os móveis davam estalidos com tanta frequência. Será o chão, ou um degrau das escadas, sob os passos de alguém? Não era possível. A esposa já se fora deitar havia muito. Não havia mais ninguém acordado em toda a casa. A empregada estava dormindo havia muito tempo. Quem, então? Fixou novamente sua atenção no que estava escrevendo. Descrevendo com todos os mínimos como procedera, como se enganara...

Não. Desta vez, positivamente, não era mais possível atribuir aqueles ruídos aos móveis. Eram passos, bem distintos, passos que se aproximavam com cautela, porém que se traíam pelo ruído da madeira.

João levantou-se e foi até a porta do gabinete.

— Quem está aí? E' você, Maria?

Silêncio. Ele entrou pelo corredor e foi até a escada.

Perguntou novamente:

— Quem está aí?

A esposa que deixara a porta do quarto aberta acordou com a sua pergunta.

— Que foi, João?

— Nada. Um ruído de passos aqui em baixo. Eu pensei que fosse você.

— Não. Não deve ser nada. Com certeza é aquela rata de novo. Aninha eu vou avisar Aninha a amarrar a ratoeira novamente.

Esquecido o médico falava com a esposa um vulto negro, encolheu-se e saiu, atravessando o corredor, muito leve, pelo corredor e entrou no gabinete. Desta vez o intruso não fez ruído. Ou, se o fez, ficou abafado como o ruído da relógio da cozinha do médico.

— Está bem, Maria. Vá dormir. Eu vou fechar o gabinete e subir já.

Voltou ao gabinete. Encostou-se para a janela e fechou-a. Depois pegou a lampada sobre a mesa e saiu quando uma voz murmurou ao ouvido:

— Para que tanta pressa, João Maria? Já está com sono tão cedo?

João reconheceu a voz.

— Oi!

— Sim. Eu. Surpreendi-o?

— Por que está aí? Que deseja?

— Vingue-se. Você me chamou aqui, daqui fora, porém esqueci o papel, o meu inextinguível que me fez. Esqueci meu não esqueci ao vir aqui. Agora merrá!

— Levante!

— Por que? Tenho tudo planejado. Até os mínimos detalhes...

O vulto deu um risinho bem baixo.

O médico não estava com nada. Acabava, finalmente, que na última hora, encontrara um meio para salvar-se. Revisara, rapidamente, e ao mesmo tempo empregara todos os seus esforços para fazer com que o vulto que era Aninha, Edvina, um tin de voz insidiosa e moribunda que se usava, havia acabado, para significar coisas. Era uma novidade na sua carreira. Era uma vitória, pois ele não se esquecera de nada.

— Não a liaria, João. Você não me conhece...

— Realmente?

Havia um pouco de ironia na voz do médico. Agora, que sabia a causa do ruído perdura o receio.

— Passo saber como entrou aqui?

— Com uma chave que me foi fazer. Vim uma noite tirar o molde. Mas tenho muito que fazer esta noite!

Vamos! Acabemos com isso!

Foi esta a primeira vez que o médico teve receio.

Havia um tom de decisão na voz que fez-o recear, pela primeira vez, pela sua vida. Porém não teve tempo para pensar. Uma luzinha afiada penetrou-lhe no coração. Ele teve somente a sensação de um baque muito forte. Dentro de alguns segundos estava morto...

Maria ficou inquieta. O marido falara em passos...

Dizera que subira logo e já havia mais de meia hora que ele se fazia esperar. Finalmente decidiu ir ver. Vestiu um robe de chambre e desceu as escadas.

Nesse momento bateram, pesadamente, na porta de entrada. Ela perguntou!

— Quem está aí?

— E' o vizinho Malvina Martin.

— Que há?

— Telefonaram lá para casa, pedindo para avisar ao doutor que Malvina Lupton está passando mal. Pedem que vá vê-la imediatamente. Dizeram que o telefone lá parece estar com defeito.

— Obrigada. Eu vou avisar o João.

— De nada. Boa noite.

— Boa noite.

Maria encaminhou-se para o gabinete. A porta estava aberta. Ao entrar baboçava no vento que aumentava a insuportável. Era tudo escuro.

— Você está aí, João?

De repente a luz da mesa acesa fez-se e ela viu um rosto enfiado.

— Não. Ele não está mais aqui.

Ela olhou para o chão. Viu o marido enfiado numa porta da cozinha. Voltou os olhos para a porta enfiada pelo luz. Sobre o rosto do horror. Belou uma face. O rosto da esposa. A Maria tingiu-se de sangue. E a boca que a sinistra luz mostrava-se com a do marido...

Quando Maria voltou correndo e arrastou a porta com ela de fora. Sobre o rosto, ruborizado sobre o rosto de quem se que o médico estivera escrevendo, estava uma mulher.

— Que coisa há! E' possível seu corpo. Não se há de encontrar em nenhum dos segredos motivo para matar. Entretanto o motivo existe e é velho, muito velho. Vingue-se!

A Pessoa que se encarregou da Execução.

II

— O gabinete era no andar térreo. Havia uma janela aberta, dando para o jardim. Era possível entrar por ali?

— Algum vestígio?

Continua na página 59

CRIMES SEM CAUSA

Adaptação de
uma novela de
JOHN HALL

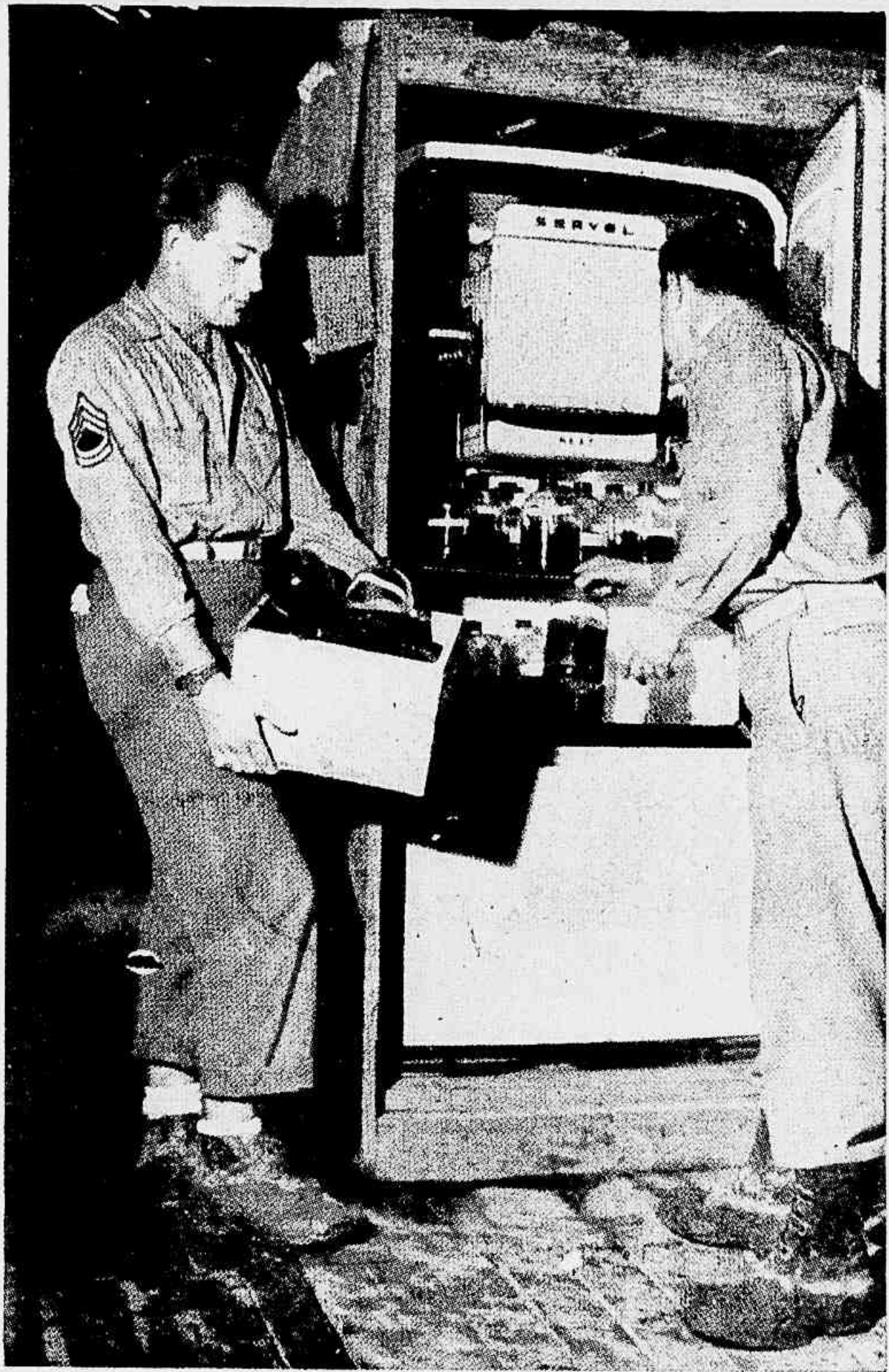


EM TODOS OS BANCOS DE SANGUE DOS HOSPITAIS DE GUERRA ESTA CENA É HABITUAL. ESTE É UM JOVEM SOLDADO QUE SE SUBMETE À OPERAÇÃO PARA DOAR O SEU SANGUE. EMBORA SIMPLES E SEM GRAVIDADE, É DE GRANDE IMPORTANCIA PARA OS MÉDICOS DE GUERRA.

HOSPITAIS DE CAMPANHA



A MODERNÍSSIMA APARELHAGEM DE RAIOS X É FEITA DE TAL MODO QUE O PACIENTE NÃO PRECISA VIRAR-SE NA MACA. O PRÓPRIO APARELHO SE MOVE EM TODAS AS DIREÇÕES. É FÁCIL AVALIAR OS BENEFÍCIOS TRAZIDOS COM ESTE PEQUENO MELHORAMENTO NOS HOSPITAIS DE GUERRA.



ISTO É UM BANCO DE SANGUE, CUJA IMPORTANCIA É ENORME NA ATUAL GUERRA. O SANGUE DE DIFERENTES TIPOS É GUARDADO EM EMBALAGENS ESPECIAIS, DE MODO A FACILITAR O TRANSPORTE, EM GRANDES GELADEIRAS. O SUPRIMENTO DE SANGUE É MANTIDO COM EXTREMO RIGOR.

Os hospitais improvisados nas linhas de frente são tão bem equipados que os feridos recebem os primeiros socorros, podendo considerar-se quase curados quando são removidos para os grandes hospitais mais próximos. O aparelhamento é completo e há sempre bastante sangue de todos os tipos, para as transfusões, e raio X para as constatações; também os laboratórios funcionam em barracas especiais. Tudo é levado o mais perto possível das linhas de fogo, de maneira a serem atendidos os feridos no menor espaço de tempo possível, embora isso aumente o perigo para o pessoal do serviço.



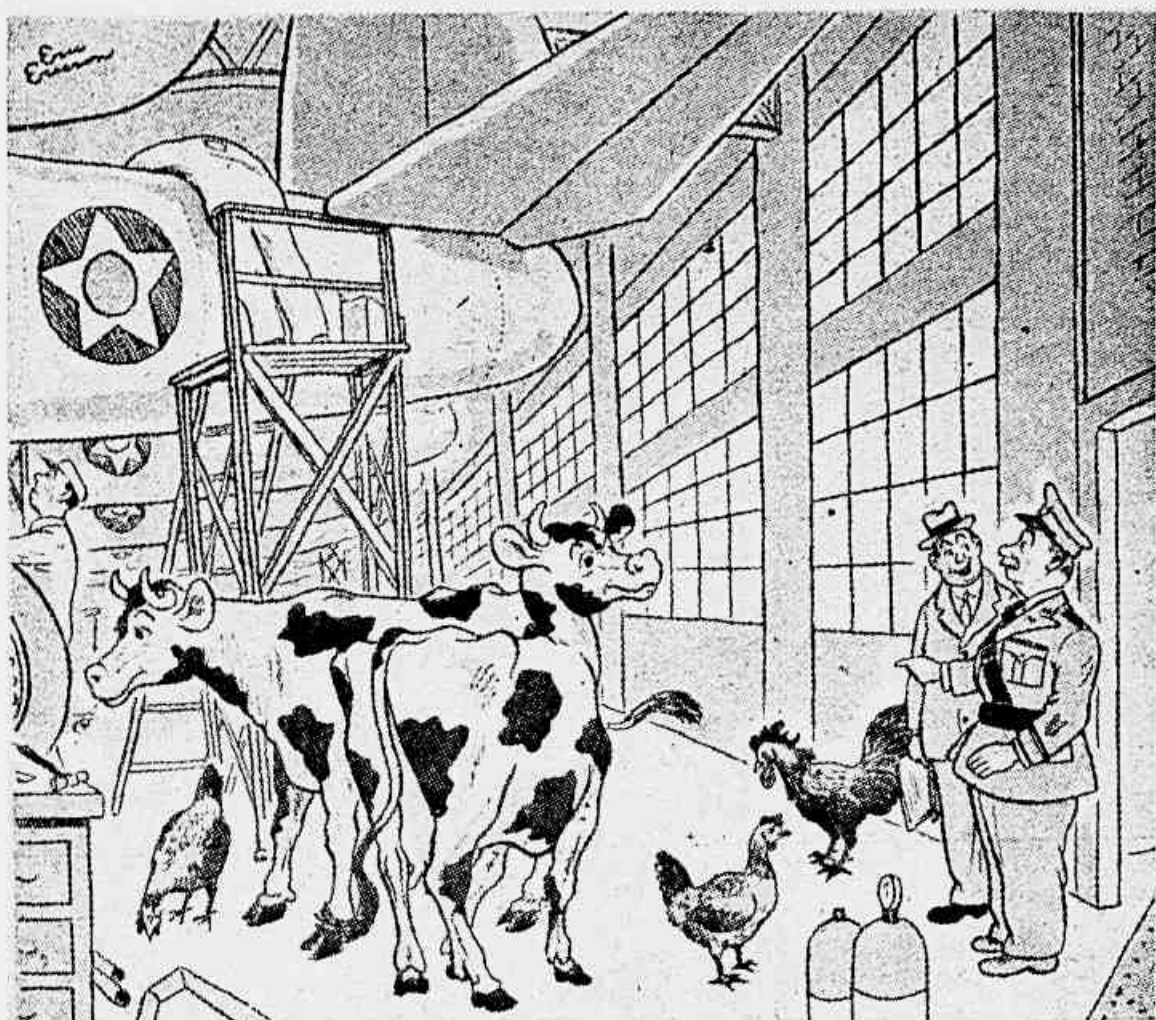
TIRADAS AS CHAPAS, ESTAS SÃO LEVADAS PARA AS BARRACAS ESPECIAIS PARA SEREM REVELADAS. NO MEIO DO FRAGOR DAS BATALHAS, QUANDO OS FERIDOS CHEGAM EM GRANDE NÚMERO, NÃO É FÁCIL REALIZAR ESSAS TAREFAS DELICADÍSSIMAS QUE EXIGEM TODA ATENÇÃO E CUIDADO.



UMA OPERAÇÃO NO TORAX COM ANESTESIA LOCAL EM UM FERIDO GRAVE. GRAÇAS AOS CUIDADOS MÉDICOS, À DEDICAÇÃO DAS ENFERMEIRAS E À PERFEITA ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS, UMA GRANDE PORCENTAGEM DE FERIDOS PODE SER SALVA, APESAR DA FREQUENTE GRAVIDADE DOS FERIMENTOS.

OS GRAVEMENTE FERIDOS E OS MORIBUNDOS SÃO TRATADOS COM PLASMA DE SANGUE. É ISTO O QUE NOS MOSTRA A FOTOGRAFIA ABAIXO, TOMADA NUM DOS CAMPOS DE BATALHA EM QUE COMBATEM AS TROPAS ALIADAS. A GRANDE MAIORIA DOS FERIDOS É SALVA.





No mês passado isto aqui era ainda uma pastagem.



Maria! A Esquadra chegou! A esqu...!

DE BOM HUMOR



Eu o habituei aos poucos, dando cada dia uma encomenda maior.

A GUERRA EM MARCHA

A famosa linha "Siegfried" é a última defesa artificial com que podem contar os alemães para deter o avanço aliado dentro do seu próprio território metropolitano.

Transpostas as formidáveis fortificações que o engenheiro do dr. Todt edificou em alguns anos de trabalho e em outros tantos aperfeiçoou, restarão ainda às tropas de Hitler outras barreiras naturais como o Reno, antes que os aliados tenham alcançado as grandes cidades industriais do vale do Ruhr, como Dortmund, Essen, Colônia, Munster, entre as principais.

A precariedade das linhas defensivas, por mais sólidas que sejam contra o assalto da infantaria, das forças mecanizadas e da aviação agindo em conjunto tem sido fartamente demonstrada no decorrer desta guerra.

Os próprios alemães deram o exemplo, contornando a linha Maginot que se tornou perfeitamente inútil para a defesa da França quando, em 1940, os exércitos nazistas se derramaram irresistivelmente neste país.

A invasão do continente Europeu pelos exércitos aliados, não apenas na Normandia, onde estavam instaladas as maiores defesas, consideradas pelos técnicos nazistas como absolutamente sólidas e intransponíveis, mas nas grandes ilhas italianas e no próprio território da Itália, constitui um golpe decisivo contra a pretensa inexpugnabilidade de qualquer conjunto de fortificações que se queira opor ao avanço de tropas bem municiadas e eficazmente apoiadas pela aviação.

Finalmente a queda sucessiva das fortificações cons-

truídas pelos alemães na Itália, em terrenos que facilitavam enormemente uma guerra defensiva, trouxeram a completa desmoralização às "linhas".

Assim é que foram esmagadas, uma após outras, as linhas Gustav, Adolf Hitler e neste momento, está se esboçando a última defesa com que podia contar Kesselring antes do vale do Pó: a linha Gótica.

Afinal, todas essas linhas não são mais que uma tentativa de ampliar e aperfeiçoar a guerra de trincheiras da última conflagração mundial.

A "Siegfried" é a última barreira que os nazistas poderão opor ao avanço aliado sobre o vale do Ruhr.

Justifica-se pois a enorme quantidade de reforços, tanto em homens como em material que estão sendo enviados pelo Estado Maior Alemão para aquele sistema de fortificações, provavelmente o mais perfeito do mundo.

A destruição da Siegfried não significa apenas o golpe de misericórdia no prestígio das fortificações do gênero, mas representa a invasão do Ruhr e a captura de algumas das maiores cidades industriais da Alemanha.

Os exércitos de paraquedistas, invenção russa, empregada pela primeira vez em larga escala pelos alemães, no atual conflito vem agora sendo empregados de modo mais perfeito pelos aliados.

Na própria invasão da Europa e na batalha da Normandia, eles foram empregados com pleno êxito.

O emprego dessas forças, virá tornar inteiramente ineficiente a linha defensiva germânica.

O que está sendo agora tentado pelos aliados é o flancoamento da linha "Siegfried".

Cinco poderosos exércitos aliados investem agora sobre a Alemanha: o 1.º canadense, o 2.º britânico, o 1.º, 3.º e 7.º americanos.

A investida do general Dempsey, comandante do 2.º exército britânico, pela Holanda, mais do que as outras, está ameaçando realizar este flancoamento.

Estes exércitos estão sendo usados estrategicamente, de modo a isolar e aniquilar a maior quantidade possível de tropas alemãs e ao mesmo tempo dispersar as suas defesas.

O sacrifício desta divisão de paraquedistas, conhecida como "Os Diabos Rubros", que por dez dias resistiu magnificamente aos contra ataques nazistas, não foi apenas mais um episódio épico dos muitos escritos pelos aliados nesta guerra. Ele veio facilitar as novas operações de larga envergadura, do general Dempsey, em Nijmegen, obrigando os alemães a deslocarem tropas de elite que lhe são essenciais em outros pontos da luta.

NADA DE PASSO DE GANSO!— VÃO MAIS LONGE DO QUE PARECE OS DIAS EM QUE A TROPILHA DE HITLER DESFILAVA COM O PASSO DURO, LEVANTANDO O PÉ À ALTURA DA CABEÇA PARA BAINÁ-LO IMEDIATAMENTE E REPETIR O EXERCÍCIO, FEITO "MOTU-CONTINUO", HORAS E HORAS... VEJAM ESSES MISEROS NAZISTAS APRISIONADOS EM PARIS, MARCHANDO NA DIREÇÃO DE UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO SOB A ESCOLTA DE OFICIAIS FRANCESES. AO CONTRÁRIO DAS PARADAS DA VITÓRIA, CAMINHAM DE PASSO INCERTO E NÃO SABIDO... (Foto Inter-Americana).

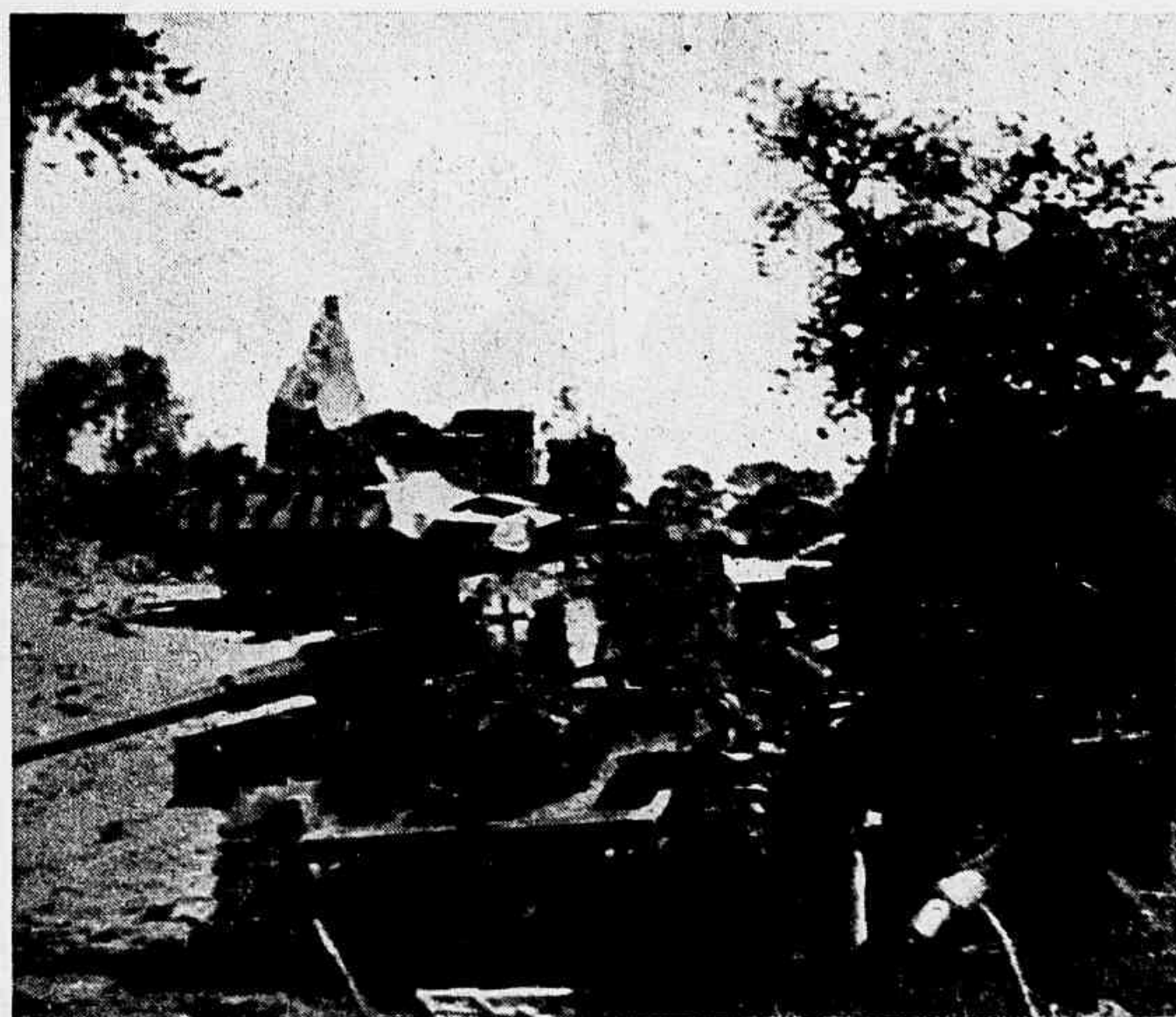




A BELGICA REDIMIDA! — MOMENTOS DEPOIS DA PASSAGEM DAS TROPAS LIBERTADORAS NORTE-AMERICANAS, UM GRUPO DE BELGAS DE TODAS AS IDADES FAZ DESFRALDAR A BANDEIRA DA PÁTRIA EM UMA DAS RUAS DO MACON. É FACIL DE CALCULAR A COMOÇÃO DESSA HEROICA GENTE, VENDO DE NOVO TREMULAR O PAVILHÃO BELGA, LÁ EM CIMA... ESSES VIVERAM PARA CONHECER A VITORIA...

TUMULO DOS TANQUES NAZISTAS — A GRAVURA INFERIOR, À ESQUERDA, MOSTRA O ESTADO EM QUE FICARAM OS TANQUES NAZISTAS EM COUTANCES, DEPOIS DO ATAQUE DOS "TYPHOONS" DA RAF ARMADOS DE CANHÕES FOGUETES. CERCA DE 50 TANQUES E OUTROS VEICULOS BLINDADOS NAZISTAS FICARAM TRANSFORMADOS EM MONTÕES DE FERRO RETORCIDO. SOMENTE NUMA SEMANA, NA NORMANDIA, A AVIAÇÃO AMERICANA DESTRUIU 2.671 VEICULOS GERMÂNICOS, ENTRE OS QUAIS 384 TANQUES.

A LUTA CONTRA A MALÁRIA NA INDIA — UM MÉDICO DA AVIAÇÃO AMERICANA, NUMA BASE AÉREA AVANÇADA NA INDIA, COMANDADA PELO MAJOR-GENERAL GEORGE E. STRATEMEYER, ENSINA A UMA MENINA INDU A EVITAR O PERIGO DA MALÁRIA. AS FORÇAS REFERIDAS REALISARAM 1.000 ATAQUES CONTRA OS JAPONESES E TRANSPORTARAM 6.500 SOLDADOS EM ABRIL DE 1944.





ENFERMEIRAS BRASILEIRAS ESCREVEM PARA A FAMÍLIA — APROVEITANDO MOMENTOS DE FOLGA, NOSSAS PATRICIAS, EM TERRAS DA ITÁLIA, ESCREVEM PARA O BRASIL. VÊM-SE DA ESQUERDA PARA A DIREITA: VIRGINIA PORTO CARREIRO, ALTÂNIRA PEREIRA VALADARES, LUCIA OSÓRIO, CARMITA CORREIA CASTRO E CARMEN BIBIANO, TODAS DO RIO DE JANEIRO. A ÚLTIMA OCUPOU O LUGAR DE HONRA NA EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO DA REVISTA DA SEMANA, ESTE ANO. ERA UMA POSE DE CARMEN BIBIANO QUE ENTÃO PUBLICÁVAMOS NA SOBRECAPA.

O NOVO TANQUE GENERAL SHERMAN — MUITOS DOS TANQUES NORTE-AMERICANOS EM AÇÃO NA FRANÇA, ESTÃO ARMADOS COM CANHÕES DE 105 MILÍMETROS, COMO O QUE VEMOS NA FOTOGRAFIA À DIREITA. ESTA É A PRIMEIRA VEZ QUE UMA PEÇA DE ARTILHARIA, COM A POTÊNCIA DE FOGO DE UM HOWITZER DE 105 MILÍMETROS, FOI INSTALADA COM ÊXITO NUM TANQUE MÉDIO. REPRESENTA O MÁXIMO DE POTÊNCIA DE FOGO ATÉ AGORA ALCANÇADA EM VEÍCULOS RÁPIDOS E DE GRANDE MANEABILIDADE. ESSES TANQUES PÊSAM 33 TONELADAS E TÊM UMA VELOCIDADE DE 24 MILHAS HORÁRIAS, PROVOCANDO SÉRIO DESMANTELO NA FORÇA INIMIGA. DIANTE DELES, CORREM OS NAZISTAS... QUANDO TÊM TEMPO PARA CORRER.



No Segundo Reinado, de notável Brasil literário, existiu grupo de poetas assinalados, de origem provinciana: Gonçalves Dias maranhense, Álvares de Azevedo paulista, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu fluminenses, Castro Alves e Junqueira Freire bahianos, Bernardo Guimarães mineiro, a este grupo ajuntado Laurindo Rabello, o carioca.

A vida de todos os mencionados poetas foi entrelaçar de sortes adversas. A maior parte dos componentes do grupo poético assim lado mal teve tempo de, à Chénier, dizer *nous avions quelque chose là*. Morreram em mocidade apenas principiada.

Um deles Luís José Junqueira Freire. Nascido na cidade do Salvador, a 31 de Dezembro de 1832, teve por pais José Vicente de Sá Freire e dona Felicidade Augusta de Oliveira Junqueira, senhora cujo primeiro nome o destino desmentiria como esposa e mãe. Ligava-se a genitora de Junqueira Freire a família de consideração na Bahia e de relevo maior na Corte do Rio de Janeiro, onde pai e filho, o conselheiro Oliveira Junqueira, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, e o conselheiro Junqueira Junior, duas vezes ministro da Guerra e senador do Imperio.

Atribue-se aos berços a iluminação por estrelas boas e más. Uma destas lançaria raios sobre o berço de Junqueira Freire e, diz o povo, quem nasce sob má estrela raro ou jamais vislumbra ventura.

Sem saúde física, perseguido por desgostos íntimos seus e alheios, alma inquieta e contraditória, Junqueira Freire tomou uma resolução oriunda da inquietude e da contradição, estas próprias de verdes anos e de angustias moribundas.

Depois de malsinar a vida claustral admirando-lhe os servidores, Junqueira Freire pediu ao claustro a paz que julgava lhe ser impiedosa inexoravelmente negada pelo seculo. Almejou companhia de frades, noviço aos dezanove anos, professo ano e dias após no convento de São Bento da cidade natalícia.

Mal de buel, começou em Junqueira Freire o drama interior do arrependimento e da revolta, pensado depois tudo quanto devera ter sido pensado antes. De vocação imaginária, guiado por nervos e não pela razão, por antecipação inadaptable à vida monástica, Junqueira Freire debateu-se no que procurára, a segregação mundana.

Entrado para o mosteiro beneditino com tal ou qual instrução, aperfeiçoar esta, uma vez frade, foi o derivativo de Junqueira Freire. Minorou no saber eculeos de pensamento e descrença, esta recoberta de habito que só se comprehende vestido para a mais absoluta fé e renúncia r.letidas em sãos exemplos da vida inteira.

Data sobretudo deste periodo agoniado o maior e melhor construir da obra de Junqueira Freire, obra impressa ou manuscrita, a despertar de futuro numerosas apreciações críticas mais ou menos aprofundadas.

A luta interior, por fim clamada, de Junqueira Freire repercutia num coração enfermo desde infancia. Acabou o corpo exigindo saída do convento para casa da Ordem em salutar arredor da cidade do Salvador. Aquela casa era uma dessas dependências que as ordens religiosas costumavam preparar para cura ou repouso dos seus, necessitados de adiar morte prolongando dias ou de refazer energias.

Para as almas à Junqueira as escapulas da vida conventual, pautada pela regra, devem produzir dous efeitos, o da satisfação da liberdade condicional momentânea, menos vigiada, e o da sua saudade ao ter de tornar a um viver às algemas da obediência.

Os conventos podem ter claustros alegres de vegetação ou mesmo jardins, mas o entre-muros imprime melancolia à natureza de limites traçados e como que aparada.

E' de crêr Junqueira Freire regressado ao convento com mais saudade que fortaleza, aos prenuncios de evasão completa do estado monástico. Então, suprimido frei Luís de Santa Escolastica Junqueira Freire, o mundo só conheceria de novo Luís José Junqueira Freire, indelével embora nele o sacramento da ordem, assimilando quem o recebe a Cristo, sacerdote e vítima.

Frei Luis de Santa Escolastica impetrou secularização requerendo-a com impeto e condenação do voto de obediência, olvidando a oposição de uma escola secular de resistencia, a Igreja. Frei Luís de Santa Escolastica teve de dobrar cerviz para obter secularização, concedida não sem condições a cargo de consciência.

O frade professo de 29 de Março de 1852, o frade egresso de 31 de Outubro de 1854, a 24 de Junho de 1855 era conduzido ao mosteiro de S. Bento, amortalhado de habito. Sabendo-o sacramentado em artigo de morte, ao antigo monge deram encomendação, suffragio, campa no mosteiro onde hoje se lhe ignora sepultura.

Junqueira Freire escreveu bastante, emendou com frequencia, do que se não esquecem quantos tentam

ESCRAGNOLLE DORIA JUNQUEIRA - FREIRE -

arte de bem escrever. A's suas obras impressas se adicionam manuscritos de seu punho, que ainda talvez possam ter acrescimo.

Inspirações do Claustro, tal o título da obra mais em luz do poeta bahiano. A obra tem tido espaçadas reedições, mas para os que gostam de ler livros velhos, e sobretudo revêr epocas em edições princeps, a primeira edição das *Inspirações do Claustro* — Bahia — Typographia de Camillo de Lellis Masson e Cia. — Largo de Santa Barbara n.º 2 — 1855 — é a edição predileta, a do ano da morte do autor, com um que de ultima palpitção do seu alanceado coração.

Entre volumes de poesias de justificado título está *Inspirações do Claustro*. A obra expõe a vida descaravel do poeta a ponto de em *Meu Filho no Claustro* dar testemunho do quanto custou a mãe afflita a separação de filho dileto. Ela sustentou coragem para o ver "adornado de crepe feral" no momento decisivo de solene profissão monástica. Não sabemos, apezar de dizel-o o filho, se a mãe blasfemou; certo chorou todas as suas lagrimas.

Da ronda incessante da morte se vêem alvo os claustros, cujos vivos, mais que os do mundo, se supõe na alerta do tumulto, na sentinela da hora extrema.

Em breve existencia claustral, frei Luís de Santa Escolastica viu desaparecer varios monges, um frei Manoel da Piedade Borba, o primeiro homem que frei Luís presenciou morrer. O primeiro encontro direto do que ainda respira e do já inanimado, do que ainda é com o que nada mais é, nunca sae da mente. Ao proprio estudante que pela primeira vez anatomisa treme a mão ao incisar ou descarnar cadaver, tal a confissão ouvida de não poucos.

O monge ancião, frei Manoel da Piedade, teve funerais no convento, teve até levar de esquife á sepultura entre duas filas de monges quais

"Negras estatuas, que emblemassem morte

tomando voz para psalmejar até

"O pizar do pilão pesado e ouco

Dos estoicos coveiros manejado";

"por ultimo ruido o baque da sonora lapida".

Findo o lugubre espetaculo correu á cela frei Luis de Santa Escolastica para escrever *A Morte no Claustro* de estampa nas *Inspirações do Claustro*.



Frei Santa Catarina Furtado. Abade de S. Bento no Rio de Janeiro e um dos conventuais coevos de Junqueira Freire, do qual não se conhece retrato.

Os espetaculos funereos se repetiriam no mosteiro e os versos do poeta de burél os iria reproduzindo em pungencia. Simulacro de morte eram as profissões, ultima beneditina na Bahia a de frei João das Mercês Ramos, professando não muito antes da circular do Ministerio da Justiça em 1855 proibindo entrada de noviços nas ordens regulares. Era à pacifica um Mata Frades sem os excessos do Mata Frades lusitano.

Pouco após a profissão de Junqueira Freire viêra a de frei João das Mercês Ramos. O poeta tambem aburelado dedicou-lhe uma de suas mais citadas poesias, com o titulo mais de prosa que de poesia *A Profissão de Frei João das Mercês Ramos*.

Esta poesia é tão pessoal, tão pessimista, que em vez do titulo dado pelo poeta se a poderia atribuir a terceiro para intitular-a *A Profissão de frei Luis de Santa Escolastica*, este apresentando a frei João das Mercês, em verso, tudo quanto o cruciára, reacções íntimas, remorsos, paixões, calunias partidas de moradas de Deus. Finda - a um voto, o de não sofrer o recém-frade as dores sofridas por seu irmão de habito, jurando o que outros desiludidos haviam jurado e acreditando no que haviam acreditado.

Outra peça das *Inspirações do Claustro* que de comum vem a citação é a intitulada *Frei Bastos*, composição de vôo poetico, em sôpro de inspiração sustentada.

Vôo e inspiração mal applicados e de mau serviço a uma memoria antes esquecível que lembrável, a de um religioso poeta, orador, mas dissoluto, propenso ao vinho e ao jogo.

As oitavas e a decima final de *Frei Bastos* terminam por versos increpadores:

*"Porque te affogas, Bossuet brasileiro
No immundo pego da lascivia impura?"*

Lembrar num religioso sem religião o austero Bossuet, e da palavra imortal dele aproximar a facundia de pregador dispensavel e sem autoridade, não parece idéa feliz. E' preciso que o valor das palavras corresponda exactamente ao das pessoas.

Pelo que revelam as suas poesias, em desabafos ou alusões, frei Luis de Santa Escolastica não encontrou no seu mosteiro só hostis ou indiferentes, tambem amigos, cujos nomes nos poz presentes.

Mercê de pesquisa e documentação devidas a Homero Pires, roborando alentado estudo de Junqueira Freire, conhecemos a lista assaz longa dos conventuais coevos do poeta, quarenta e um. Muitos permaneceram na Bahia, outros transferidos ao Rio de Janeiro e sua alcandorada abadia, por muito tempo mantendo aulas gratuitas de instrução secundaria, providas de escolhido corpo docente e ministrando ensino a muito menino que se fez gente.

No fim do Imperio varios conventuais contemporaneos de Junqueira se dedicavam ao ensino. Frei Lourenço de Santa Cecilia Ferreira da Silva, prior e notario do mosteiro da Bahia ao tempo de Junqueira Freire, leu latim em collegios particulares, um o Collegio Aquino. Alto, massiço de carnes em vasto burel, frei Lourenço tirava das mangas do habito medalhinhas de São Braz, a premio de quem não lhe arranhasse os ouvidos a silabadas.

Outros contemporaneos de Junqueira Freire, que lhe poderiam dizer da vida, foram no Rio de Janeiro frei Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu, frei Manoel de Santa Catarina Furtado, frei Bento da Santissima Trindade Cortez e frei João das Mercês Ramos, todos partícipes da existencia monacal do poeta das *Inspirações do Claustro*, que deste fôra e dos outros continuaria a ser.

Dos monges contemporaneos de Junqueira Freire passados da Bahia para o Rio de Janeiro tres nele se dedicaram principalmente ao magisterio. Honrou-o Frei Saturnino de Santa Clara de Abreu, honrou-o Frei Bento da Trindade Cortez, prior do mosteiro carioca, em catedras de S. Bento, do Collegio de Pedro Segundo e do Instituto de Surdos Mudos; honrou-o frei Manoel de Santa Catarina Furtado, abade em S. Paulo e no Rio de Janeiro, aí director de estudos do popular collegio de S. Bento, de quinhentos alunos gratuitos.

Frei João das Mercês Ramos, o sergipano a quem Junqueira Freire tanto advertira em 1854, bem dirigio, antes de abade no Rio, a propriedade agricola de sua Ordem em Campos de Goitacazes. Prolongou-se-lhe a vida até o renascer das ordens religiosas pela reabertura do noviciado, de tranca até a proclamação da Republica a separar por decreto a Igreja do Estado, como a lei unira uma e outro no Imperio.

Ordena a Igreja que os seus servidores sejam cautos e prefiram calar a falar. E' pois provavel que Frei João das Mercês Ramos guardasse para si a lembrança merencoria de Junqueira Freire.



Duro o sobrececho, a cara franzida e má, trabalhava ele sombriamente á sua secretária, importunado pelo rumor de duas vozes, uma de homem e outra de mulher, que altercavam na sala próxima, num arrastado crescendo de rixa habitual.

— Diabo! resmungou, coçando a cabeça. Já lá estão os dois a brigar! Não me deixam fazer nada!...

O ruído aumentou. Cruzaram-se injúrias mais fortes; ouviram-se punhadas e pontapés nos móveis.

— Que inferno!

E o rapaz arremessou a pena e correu á porta da sala, exclamando desabridamente:

— Então, meu pai! não tenciona acabar com isso?!

— Pois não vês que é tua mãe que me provoca?! berrou o outro, apoplético de raiva. Vem ouvir só o que ela me está dizendo, esta peste!

— Ora tenha juízo!...

— Malandro!

— Ouviste?!

— Não faça caso!...

— Especulador!

— E' de mais!

— Deixe-a lá!...

— Bêbedo! Covarde!

— Covarde?! Pois vou dar-te o pano de amostra da minha covardia vibora, asanhada!

E o homem atirou-se em fúria de mãos prontas para fechar a mulher dentro das garras. Mas o filho, de um salto susteve-lhe a carreira e aprezou-o energeticamente pelo vigoroso dorso, empurrando-o para o quarto onde trabalhava e cuja porta obstruiu com o corpo.

— Deixa-me, ou te arrependers! bradou o pai, ameaçando-o com o punho cerrado.

— Acalme-se! O senhor já está em idade de ter juízo! Apre!

— Tonto na língua! Olha que ainda sou homem para amassar vocês dous numa só pasta!

O filho não fez caso da ameaça, deu com ímpeto uma volta á maçaneta da porta e disse ao outro em tom sério:

— O senhor está hoje num dos seus dias, e eu preciso trabalhar sabe? O melhor é pôr-se ao fresco! Vá dar um giro pela estrada. A lua já nasceu e os caminhos estão secos até á estação!...

— Não vou! Ninguém aqui nesta casa tem o direito de mandar-me sair!

— Decerto, mas é melhor que se afaste!... No fim de contas sou seu filho e peza-me ter de faltar-lhe ao respeito para defender minha mãe.

— Chega a tempo êsse escrúpulo!... Não há que ver!...

— Não puxe palavras! Sinto-me pouco disposto a discutir e tenho muito que fazer!

— Pois não me provocasses! Não te fôsses meter onde não era chamado!

— Não o provoquei, ora está! Mett-me na sua contenda com minha mãe, para lhe não deixar que batesse nela. Não seria a primeira vez. Sei até onde vai a força do seu gênio!

— Meu gênio! E podes tu falar nê?... Acaso tens tu melhor gênio do que eu?...

Não me terás dado porventura as mais belas provas da tua brutalidade e da tua insolência?... Sempre te conheci feroz! Ainda bem pequeno, em um ímpeto de raiva, uma vez que no açude te quis constranger a nadar comigo, mordeste-me o braço como um cão! conservo até hoje no corpo o sinal dos teus dentes! clha!

E, em um só tempo, o homem arregaçou até ao bíceps as mangas do braço esquerdo, e estendeu-o ereto e nu de frente dos olhos do filho.

Este baixou a cabeça com tristeza, sem desfranzir o sobrececho!...

— E' exato!... disse, saí aos meus

Juro-lhe porém que sempre me arrependo das minhas violências, mal as cometo!... E se ainda há pouco não intervisse na sua disputa com minha mãe, o senhor tê-la-ia espancando!...

— E o que tinhas a ver com isso? Antes dela ser tua mãe, já era minha mulher! Tu lhe deves respeito, mas eu tenho o direito de ser respeitado por ela!

— Bom! Acabou-se! Vá dar um passeio; vá que isso lhe fará bem!...

— Não acabou! quiseste arrematar a contenda, pois agora é aguentar com ela! Se assim não fôsse, excusava eu de estar aqui a trocar palavras contigo; já sabes que posso passar perfeitamente sem te ouvir a voz!...

— Mas afinal, onde quer o senhor chegar?

— Quero despejar os meus ressentimentos contra tua mãe e contra ti!

O rapaz sacudiu a cabeça com impaciência, e soprou forte todo o ar dos pulmões, cerrando mais as sobrancelhas.

O outro prosseguiu, resfolegando a miúdo:

— Ela aos teus olhos, será tudo quanto quiseres; para mim é e sempre foi, um demônio! uma fúria infernal! uma serpente venenosa!

— Lembra-lhe de novo que sua mulher é minha mãe!...

— Sei, e é porisso justamente que não a conheces. Não podes ver nela a verdadeira criatura que nela existe! Todas as mulheres são, para os seus competentes filhos, uns anjos impecáveis; mas se aquele diabo te dissesse uma só parte do que a mim me repete a cada instante, na febre do rancor e da maldade, terias

a cabeça em fogo como a minha me escaldou neste momento!

— Basta! não quero saber disso!

— Há de saber! Não aceito imposições!

— Peço-lhe então que se cale, ou se retire!...

— Pedes-me? Com que direito? Acaso esperas tu que eu atenda aos teus pedidos? Só pedidos de amigos se tomam em consideração e tu nunca foste meu amigo!

— Se nunca fui seu amigo a culpa não é minha. O amor filial é sempre uma consequência do amor dos pais. Não nasce com o filho, é preciso formá-lo. Sei que amo minha mãe!...

— Tal mãe, tal filho! Ela declara que me destesta; ele declara que nunca me amou!...

— E o senhor?... amou-me algum dia?... No entanto o seu amor de pai devia ter nascido comigo, que sou seu filho. Eu tinha o direito ao apeio-me na vida de encontrar o seu amor já de pé, á minha espera, ao lado dos gemidos de minha mãe parturiente; e foi só o amor materno que me recebeu, e só ele me vigiou o berço. Carícias de pai não me recorda havê-las recebido na idade em que se forma o amor no coração das crianças. Saí dos alagados braços de uma ama para o venal destêro de um internato de segunda ordem, onde bem raras vezes o senhor foi visitar-me. Nesse tempo, confesso-lhe, menos me lembrava das suas fúrias que das de outros pais que lá iam frequentemente visitar os filhos mais felizes do que eu, nem sei com franqueza até como não cheguei a esquecê-las de todo! Do internato seguí logo a trabalhar para um país estranho, onde suas cartas foram tão raras quanto foram as suas visitas ao colégio. Volto á minha terra, entro de novo nesta casa, sou friamente acolhido pelo senhor e, pouco depois, recebo ordem sua para tomar por esposa uma rapariga, que eu mal conhecia; recuso. O senhor insiste. Resisto a pé firme; o senhor opõe-me com em-

HERANÇAS

Conto de ALUIZIO AZEVEDO

Ilustração de ORLANDO MATTOS

(CONTINUA NA PAG 45)



SENHORINHA MIRYAN RENATA PETTINATI, FILHA DO CASAL COM. FRANCISCO PETTINATI — D. SILA IPPOLITO PETTINATI, DESTACADO ORNAMENTO DA SOCIEDADE PAULISTANA.

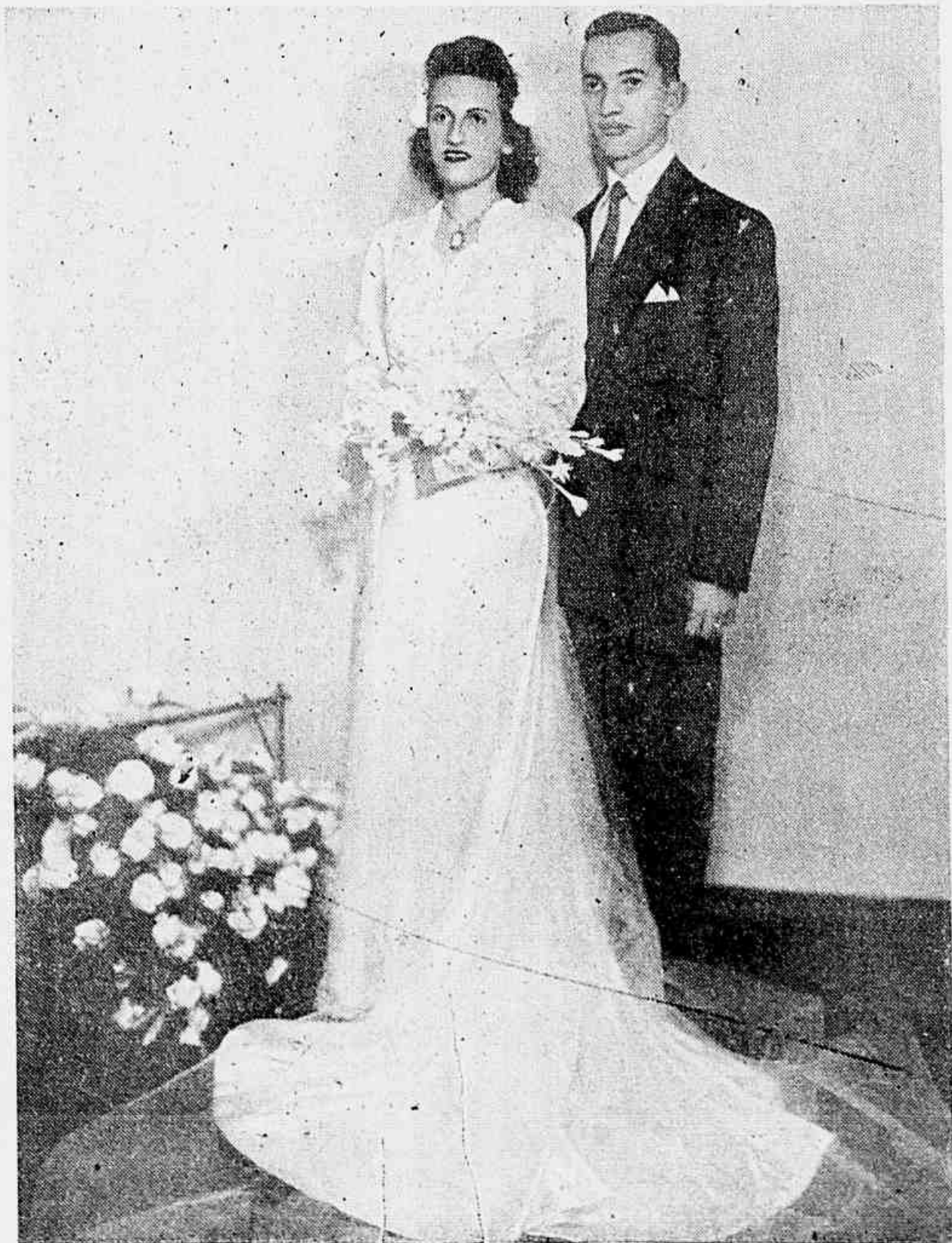
SENHORINHA LICEIA WALLECK — SR. HENDERSON TOLEDO MARIOSA, CUJO ENLACE MATRIMONIAL TEVE LUGAR NO DIA 15 DE SETEMBRO, NA IGREJA DE SANTA TEREZINHA, NO LEME.



ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DA PINTORA HILDA GOTZ, LEVADA A EFEITO NO SALÃO NOBRE DO PALACE HOTEL, VENDO-SE A ARTISTA AO LADO DE ALGUNS DE SEUS APRECIADOS TRABALHOS.

FIGURAS E FATOS

ENLACE ALCY FERNANDES PEREIRA — LYDIA PACHECO LOUREIRO. A NOIVA É FILHA DO NOSSO ANTIGO COMPANHEIRO LUIZ GOMES LOUREIRO. A CERIMONIA TEVE LUGAR EM SETEMBRO.





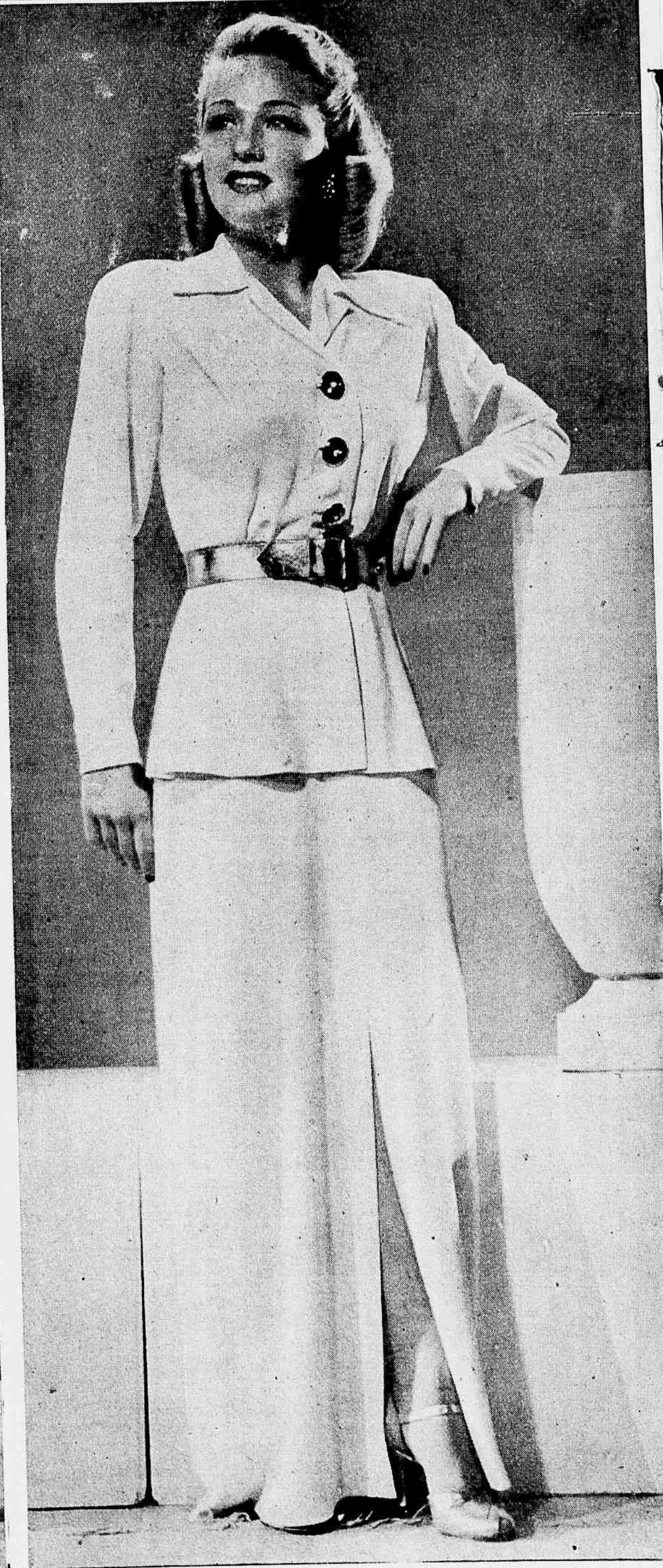
NOS BASTIDORES FEMININOS

PRIMAVERA... FLORES... POESIA...
QUALQUER COISA QUE FAZ LEM-
BRAR TAMBÉM O AMOR.
(PEGGY MALEY, DA METRO).

Nas raças latinas o homem é menos viril do que nas outras raças brancas, viril no sentido de masculinidade física e de outras qualidades externas. Menos espiritual, menos sentimental, menos místico, no sentido transcendente do termo, o homem saxão ou anglo-saxão tem uma visão mais objetiva da vida, mais prática sem contudo corromper seu espírito; ao passo que o latino, quando quer ser muito materialista, muito objetivo, desvirtua completamente a sua personalidade. Estas cousas psíquicas é que eu analiso muito superficialmente, para dá-las como razão primordial da animosidade que existe em estado latente, no fundo de cada homem latino contra a sua companheira de raça e de espécie. E' que também a mulher latina é mais sagaz, mais inteligente e tem outras características que a aproximam mais dele, do que as mulheres de outras raças dos homens seus semelhantes. Em fim o homem latino tem muitas qualidades femininas e a mulher latina, muitas qualidades masculinas deste ponto de convergência parte a

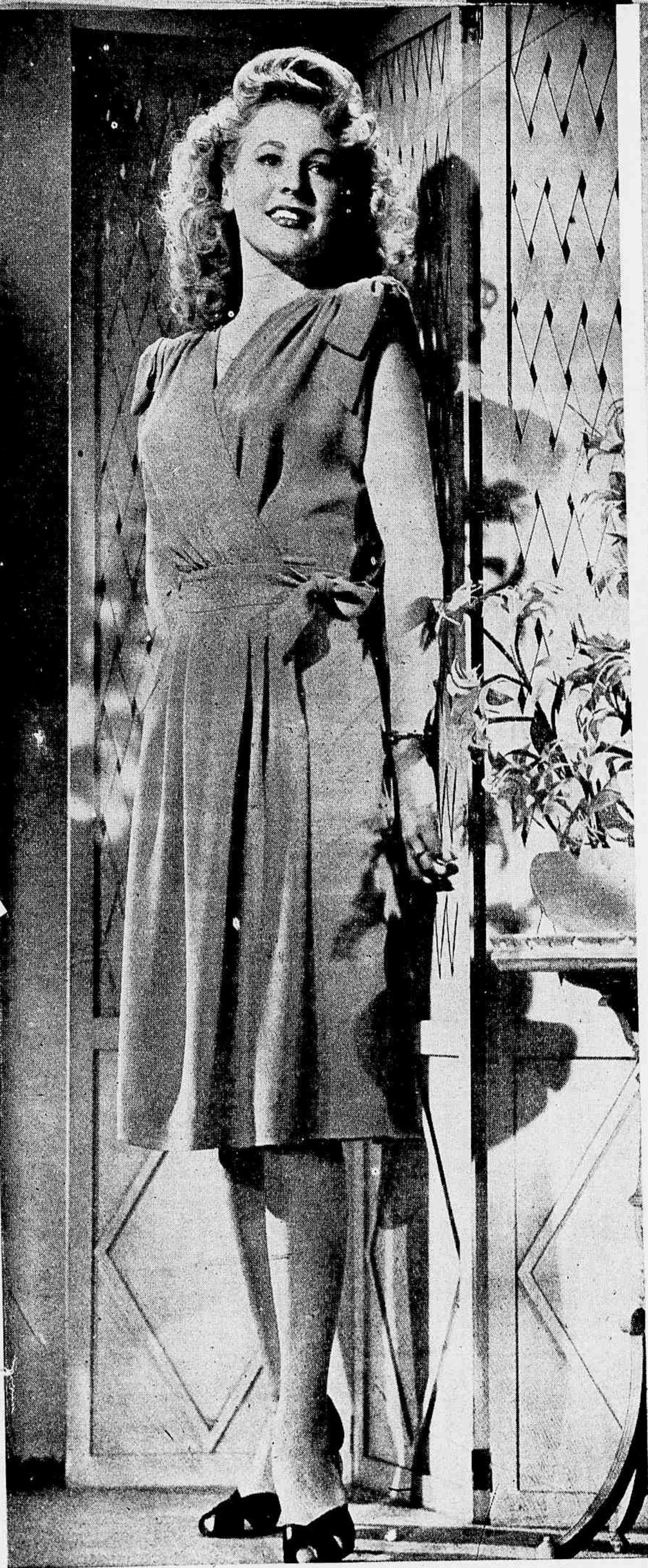
rivalidade manifestada em incoitados ataques á mulher, procurando de preferencia, ele, o homem ridicularisar-lhe os atos e os surtos, pois sente ser esta a arma melhor, uma vez que, em campo raso e sério, ele não lavaria vantagem. Por tudo isso, o entre-choque é mais constante do que aparentemente se poderia supôr. Uma prova da falta de masculinidade do latino é a sua constante preocupação em parecer *truculento*, a falta de *cavalheirismo* para com as damas, tão característica do gentleman, anglo; é uma atenuante que ele encontra para mostrar-se masculino. Comtudo a Eva da nossa era vai abrindo caminho, em frente ao homem, olha-o como igual sem reparar na sua falta de cavalheirismo, desculpando-o até ir unicamente superior, murmurando: Engraçados estes senhores de uma terra supercivilizada que tão pouco assimilaram a civilidade... E passa adiante sorrindo femininamente...

WALLY



Primavera

DA ESQ. PARA A DIR.: — CONSTANCE MOORE VESTE ELEGANTE E SOBRIO VESTIDO DE CREPE NEGRO PESADO, COM MANGAS CURTAS. A BLUSA TEM NA FRENTE UM RECORTE LISO, FRANZE DOS LADOS E MOSTRA UMA FILA DE BOTÕES MIUDOS. A SAIA É COM DRAPEADO NA FRENTE, COM LAÇO. OS ACESSÓRIOS SÃO INDISPENSÁVEIS PARA TORNÁ-LO UM VESTIDO DE PRIMEIRA LINHA. — BONITA GRANVILLE EM UMA "TOILETTE" DE JANTAR, ORIGINALÍSSIMA, COMPOSTA DE DUAS PEÇAS DE CREPE DE SEDA COM BOTÕES. CINTO E SAPATOS DOURADOS (OURO CLARO LUMINOSO). CINTO E SAPATO DE BROcado. PRÓPRIO PARA JANTAR DE CERIMONIA. — ANNE JEFFREYS



VESTE UM MODELO SEM MANGAS, DOTADO DE UMA NOTA ORIGINAL PARA A PRIMAVERA: CREPE CÔR DE PECEGO COM LAÇOS NOS OMBROS. CRUZANDO NA FRENTE, ABOTOA DE UM LADO. PARA TODAS AS HORAS, BASTANTE MUDAR OS ACESSÓRIOS: SAPATOS, BOLSA E CHAPÉU. MAS PREFERIVEL PARA O CHÁ DA TARDE. — FINALMENTE, BARBARA HALE, VESTINDO LINDO PIJAMA ORIENTAL. A CALÇA EM SHANTUNG PRETO, AMPLA, COM FAIXA DANDO O LAÇO NA FRENTE. A BLUSA DE SEDA ESTAMPADA COM RECORTES DE VELHOS JORNAIS. CONJUNTO SIMPLEMENTE EXÓTICO MAS BONITO. ACONSELHA-VEL APENAS NA INTIMIDADE (Fotos RKO-Rádio).

QUANDO CHEGOU A PRIMAVERA... E ela, agora, chega sempre de surpresa, não se sabe quando. Há por vezes uns dias estivais para, logo a seguir, eles esfriarem. Há brumas e a esperança do verão foge. As modas que se anunciam, pelos modelos preferidos de Hollywood, pouca inovação trazem; como toque principal, parece que vêm as mangas "raglan", japonezas, ou a ausência absoluta destas, como já se usou, anos atrás. Isso, aliás, vem facilitar o trabalho das costureiras, pois as mangas são o "test" mais difícil na arte do corte. Os vestidos de gala em forma esportiva, de corte discreto, costumes sobretudo, também com s i- tuirão uma novidade elegante e prática. Esse tipo de "toilette" para noite foi lançado por mrs. Simpson, a Duquesa de Windsor, considerada ainda a mu- lher mais bem vestida do mundo, e que agora, só por isso, volta ao cartaz.



Maillots



A GORA que as praias e piscinas voltam à mais franca atividade, é preciso renovar seus modelos de *maillot*. Claro que os do verão anterior podem ser aproveitados, mas o espírito de economia nem sempre vai presidir as convenções da moda mesmo quando se tratar de simples pretexto para uma agradável manhã de domingo em qualquer posto de Copacabana. Ao alto, à esquerda, Elaine Riley (R K O) exhibe um modelo estampado, ultra-audacioso mas, justamente por isso, de maior efeito. Leslie Brooks (Columbia), à direita, dá a novidade do *maillot* com debruado na gola e na barra inferior. À esquerda, em baixo, Evelyn Ankers (Universal), num modelo todo branco, de maior efeito e realce para as jovens luras, tostadinhas pelo sol destes dias tépidos de outubro. Qualquer desses "maillots" resulta espetacular. Depende da plástica de quem se dispuser a vesti-lo e, creiam ou não, plástica é o que não falta em Copacabana, a exemplo do que nos oferecem as "estrelinhas" bonitas de Hollywood...



Ela disse que era mentira.

Ele resolveu pôr à prova...

— Mas, Julinho...

— Se você diz que é mentira, explique, então, porque ele me contou tudo isso...

— Ora, despetito... Eu nunca dei confiança a ele...

— Mas...

— Julinho, você quer dizer que acredita mais no que lhe diz um idiota qualquer do que no que lhe digo? E depois você tem a coragem de me dizer que gosta de mim?

O rapaz, porém, estava obstinado.

— Mas ele contou...

— Francamente, Julinho, eu nunca pensei que você fosse dar crédito à primeira calúnia que algum imbecil viesse fazer a meu respeito...

— E' mas quando eu estava com você ele passou e cumprimentou. Isso eu vi.

— Cumprimentou — ora essa! — como qualquer audacioso cumprimenta uma moça que não é de todo desinteressante...

A explicação era plausível. Aliás, todas as explicações de Mariasinha eram plausíveis. Era sempre assim. Ele vinha, muito seguro de que não iria ceder e acabava pedindo perdão pela ofensa: desconfiar dela, imagine só! O caso é que, enquanto estava na sua presença, sob o império dos seus olhos, negros e vivos, não tinha coragem de se desarmar, sugestionado. Afinal de contas, aquele Mario podia bem ser um patife. Um rapaz desses que gostam de falar mal de todas as moças. Ela, com certeza, dissera "bom dia", ou dera mesmo um sorriso e o intrigante imaginara logo uma porção de coisas.

— Nunca mais faça isso, Julinho, porque senão eu brigo definitivamente com você!

— Desculpe, Mariasinha, mas você sabe que o ciúme...

— Bobo!

— Pois é...

Nada mais agradável do que ser xingado docemente. Aquele "bobo" soava como um grande amor aos ouvidos encantados de Julinho.

Mais tarde, quando tudo passara, saíram juntos às onze horas da noite, ele veio deixá-la à porta de casa.

— Até amanhã, Julinho.

— Até amanhã... Nesse ponto Julinho hesitou. Não sabia se ousaria dizer o que estava pensando. Procurava uma linguagem bem poética para exprimir o que sentia: até amanhã, minha vida... Bonito! Coisa para fazer chorar de comoção retrospectiva ao lembrar o passado, a qualquer velhinha enrugada que já passara da idade dessas tolices maravilhosas, ditas tarde da noite, depois de um cinema, quando a namorada já vai entrando em casa. Maravilhosas imbecilidades que saem do cérebro forçosamente deficiente desse animal desinteressante que é o homem apaixonado! Tomem um grande filósofo, um caixeiro de armazém, um artista famoso e um obscuro funcionário público e ponham-no em frente ao objeto de sua paixão, em ocasião propícia, sem vigilância próxima, na idade justa para essas baboseiras e verão: é o mesmo vocabulário, a mesma falta de imaginação de poetas líricos improvisados para exprimir um sentimentoso muito insignificante.

Julinho não era nenhum gênio. Rapaz medianamente inteligente com as mesmas manias do rapaz moderno: praia, cinema, romance policial, música americana e, de quando em vez umas dozes de Tchaikovsky, o músico ideal para

o bom ignorante acreditar que gosta de música de classe, arregalando os olhos diante da barulhada imponente da Ouverture 1812, e dizendo, muito sério: Bonito! "Um" bonito! "interminável, para dar mais ênfase". Afinal de contas, eu, também", pensa o ouvinte, "gosto dessa "história". A história é boa música.

Como vêem, rapaz estúpido, normal. Porém, sob o aspecto que o focalizamos ele leva uma grande vantagem, porque, como já explicamos, nesses assuntos, todos são igualmente idiotas.

Caminhava ele, em direção a sua casa, refletindo sobre como se certificaria da fidelidade de Mariasinha. Realmente o problema estava se tornando cada vez mais grave e assumira, agora, proporções assustadoras. Mais dia menos dia, estaria ele a pedir a mão da moça e nem sequer sabia se ela lhe seria fiel depois do casamento. Sim, porque toda a namorada que começa enquanto ainda está de namoro, anaginem só como não será quando estiver com o seu marido bem seguro, com aliança e certidão de casamento!

Enfrentá-la não ousava. Toda a vez que encarava Mariasinha perdia a coragem e só depois de sair de perto dela ocorriam-lhe argumentos. Como descobrir?

O problema angustiava-o, perturbava-o. franzira a testa em verdadeiro estado de concentração amorosa.

De repente, sem aviso prévio, desabou sobre ele uma mão férrea que, cordialmente, partia-lhe o corpo e metacarpa, ao mesmo tempo que uma voz estentórea berrava:

— Ora viva, por aqui o ilustre amigo!

Misericórdia! pensou ele, e agora não me livro mais! Era o homem mais caçote que nesse mundo existe, quem o interpelara: o Beladona. Não ria, era esse o seu nome; Beladona!

Pois o Beladona aproximou-se de Julinho e, vendo-o preocupado, foi logo perguntando:

— Que é que há com você?

— Nada. Nada. Estou com vontade de estar só.

— Ora vejamos! Estar só! Com certeza brigou com a pequena. Quer ver que acertei?

— Pois é...

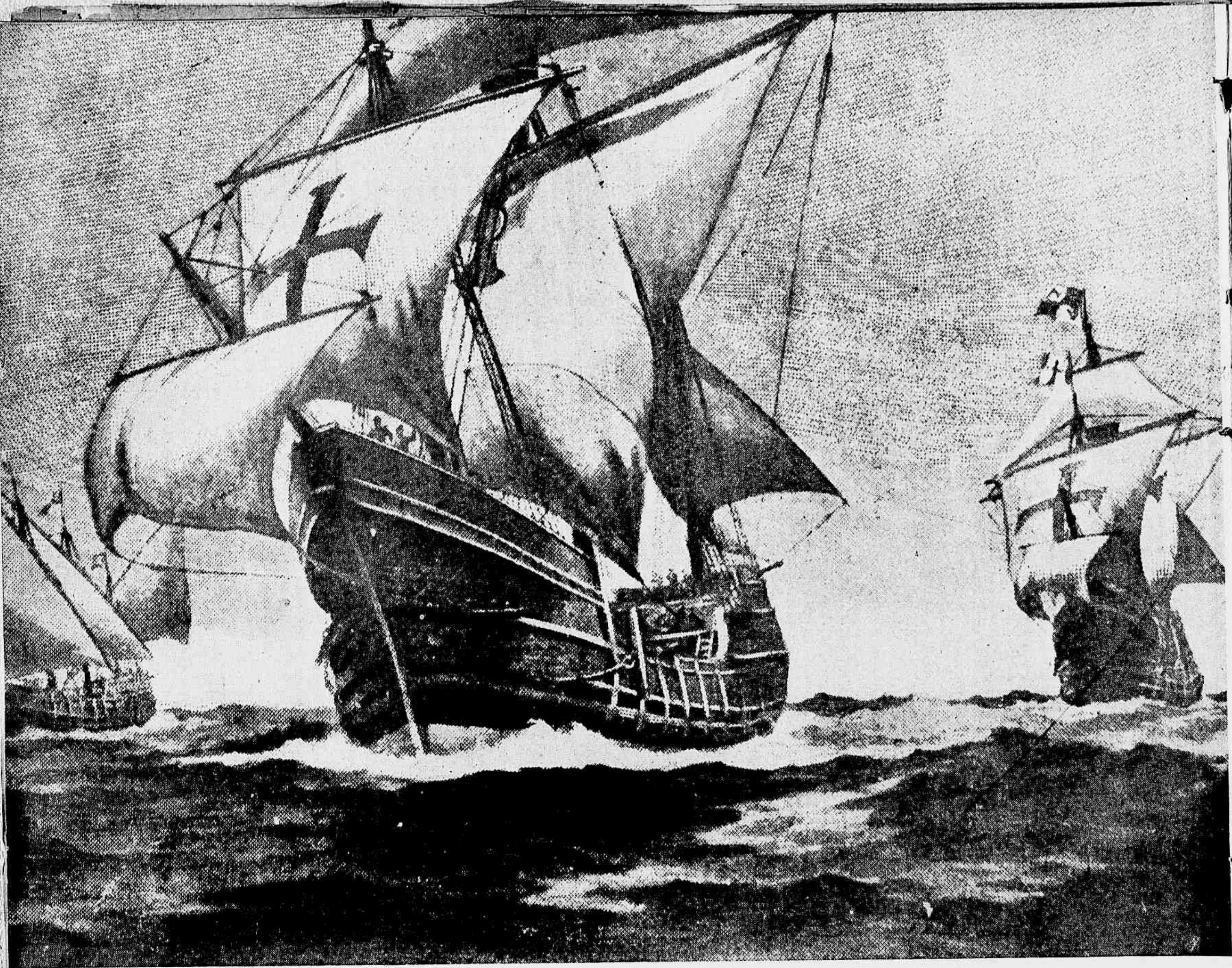
Não tinha a menor intenção de confiar em Beladona, mas o amigo parecia sinceramente interessado. Afinal de contas, sempre era consolo.

— Escute aqui, Julinho, por que você não acaba de uma vez com essas brigas tolas com a pequena?

Continua na pág. 38

MENTIROSA!

Conto de JEANNETTE DUBOIS



EM DIREÇÃO AO OESTE — ESTE QUADRO FAMOSO MOSTRA-NOS A FROTA COM QUE, NUMA SEXTA FEIRA, A 3 DE AGOSTO DE 1492, CRISTOVÃO COLOMBO DEIXOU A ESPANHA PARA DESCOBRIR NOVOS MUNDOS. A CAPITANEA DA FROTA, A NÁU "SANTA MARIA", ERA ENTÃO CONSIDERADA A ÚLTIMA PALAVRA EM CONSTRUÇÃO NAVAL. A NINA, QUE ESTÁ À DIREITA, E A PINTA, À ESQUERDA, COMPLETAVAM ESTA FROTA QUE, NA CATEGORIA DE ALMIRANTE, COLOMBO COMANDAVA. OCEANOS DESCONHECIDOS E CHEIOS DE PERIGOS IRIAM SER ENFRENTADOS PELOS 88 HOMENS QUE COMPUNHAM A TRIPULAÇÃO DA REDUZIDA FROTA E IRIAM DAR À ESPANHA UM MUNDO NOVO.

NOVO MUNDO — ESTA É UMA TELA FAMOSA DE VANDERLIN INTITULADA: "O DESEMBARQUE DE COLOMBO". O QUADRO MOSTRA O GRANDE GENOVÊS, ESPADA EM PUNHO, COLOCANDO A BANDEIRA DA ESPANHA NA TERRA RECENTE-DESCOBERTA. INDÍGENAS DA ILHA DE SÃO SALVADOR PODEM SER VISTOS À DIREITA, ATRÁS DAS ÁRVORES, TOMADOS DE TERROR COM O ESTRANHO ASPECTO DESSAS CRIATURAS BRANCAS QUE VIAM PELA PRIMEIRA VEZ NA SUA VIDA. PELA PRIMEIRA VEZ A BANDEIRA DA ESPANHA, TRAZIDA POR CRISTOVÃO COLOMBO, É PLANTADA NAS TERRAS DO NOVO MUNDO, TORNANDO O IMPÉRIO ESPANHOL TÃO GRANDE QUE "NELE O SOL NÃO SE PUNHA".



O 12 DE OUTUBRO

Esta semana todas as Américas estão em festa celebrando a data do seu descobrimento.

Nunca, na história do Novo Mundo, o doze de Outubro teve tanta significação como agora que, ombro a ombro, toda a sua mocidade atravessa os oceanos, em viagens não menos perigosas e incertas que a do genial genovês em 1492.

Colombo tinha a certeza do êxito da sua empresa apesar do cepticismo dos invejosos que o cercavam.

A sua inabalável confiança, a sua força de vontade e perseverança conduziram-no afinal à vitória.

Ele trabalhou incansavelmente pelo seu ideal, o único e imenso ideal da sua existência.

Nós todos, países da América, temos também o nosso ideal. Um ideal de justiça e de liberdade pelo qual lutaremos até à vitória final.

Que todos os cidadãos das Américas se inspirem no exemplo de Cristovão Colombo.

Apesar das lutas e dos sacrifícios que já fizemos e que ainda teremos de fazer, podemos vislumbrar o novo mundo que será edificado pelo nosso esforço e a nossa energia. Um mundo em que os nossos filhos poderão viver sem as ameaças das invasões e do estrangulamento da sua liberdade de pensar e agir.

1945 como 1492 será um ano decisivo para a história da humanidade. Que as gerações vindouras possam comemorar num mundo livre, daqui por diante, o descobrimento dessa terra que defendemos juntos.



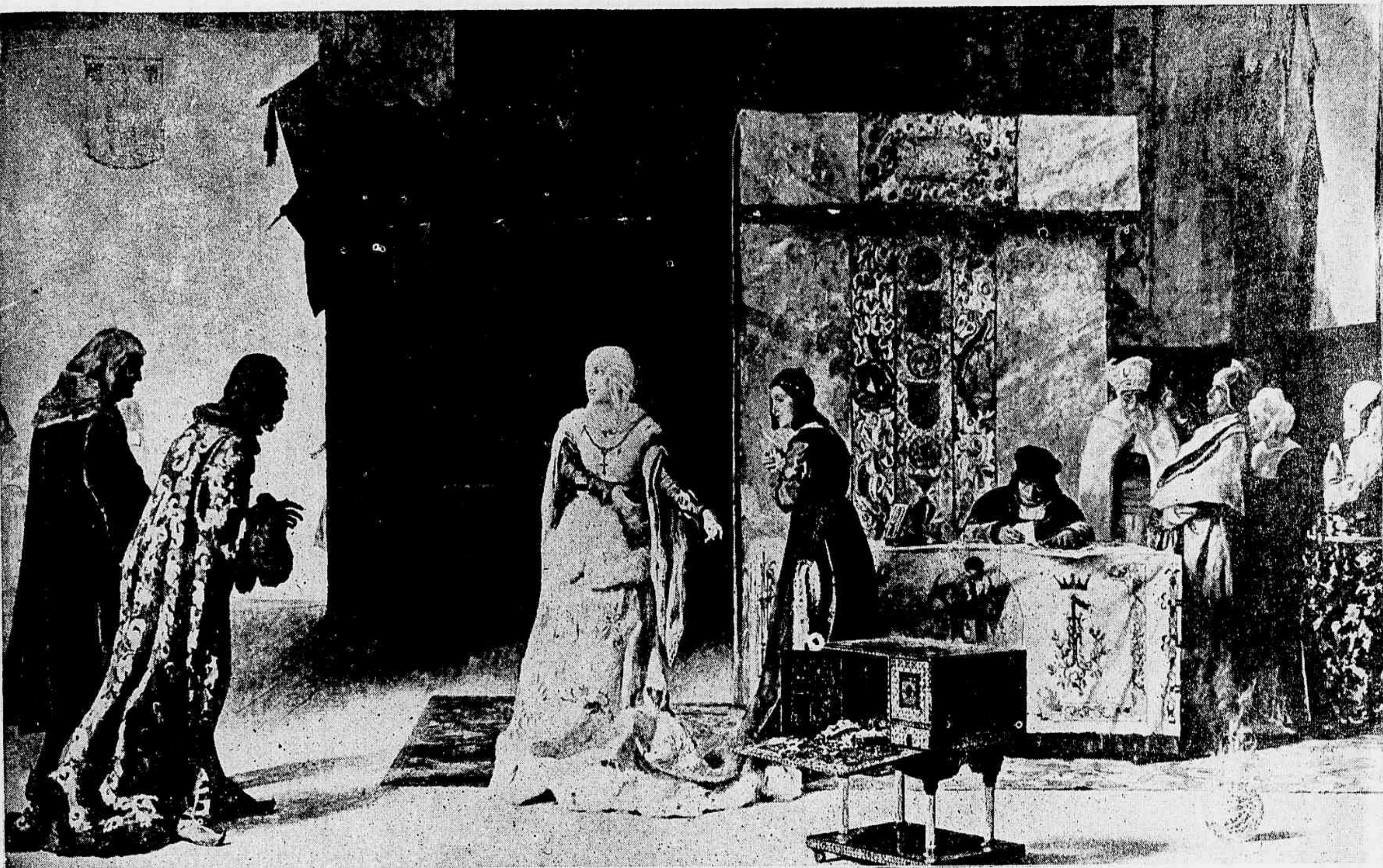
O CREPUSCULO — QUANDO REALISAVA A SUA TERCEIRA VIAGEM EM 1498, INVEJOSOS INDISPUSERAM A CORTE CONTRA CRISTOVÃO COLOMBO, INTRIGANDO-O COM OS REIS CATÓLICOS. FOI NESTA VIAGEM QUE ELE DESCOBRIU A AMÉRICA DO SUL. TENDO SUCEDIDO A BOBADILLA COMO GOVERNADOR DE SÃO DOMINGOS, FOI EMBARCADO PARA A ESPANHA, A FERROS, COMO CONSEQUENCIA DAS INTRIGAS DOS SEUS INIMIGOS. ENTRETANTO, ESTE NÃO ERA O FIM DA CARREIRA DE COLOMBO COMO DESCOBRIDOR E NAVEGADOR DESTEMIDO. TENDO VOLTADO ÀS BOAS GRAÇAS MAIS TARDE, FEZ AINDA UMA TERCEIRA VIAGEM EM 1502.

BENÇÃO FINAL — ESTE QUADRO, TOMADO DOS ARQUIVOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE NEW YORK, MOSTRA-NOS UM SACERDOTE ABENÇOANDO A VALENTE TRIPULAÇÃO QUANDO ESTA DEIXAVA O PORTO DE PALOS, EM 3 DE AGOSTO DE 1492, PARA EMPREENDER UMA LONGA E PERIGOSA VIAGEM, DA QUAL NÃO PODIAM SIQUER PREVER O FIM. PARA ESTES OUSADOS NAVEGANTES, QUE NÃO DISPUNHAM DO APARELHAMENTO CIENTÍFICO MODERNO, SEM NENHUMA SEGURANÇA OU CONFORTO, UMA VIAGEM ERA UMA VERDADEIRA AVENTURA DA QUAL NUNCA SE PODIA PREVER O RESULTADO. COLOMBO APARECE NA POPA DO BARCO DE JOELHOS, RECEBENDO A BENÇÃO.





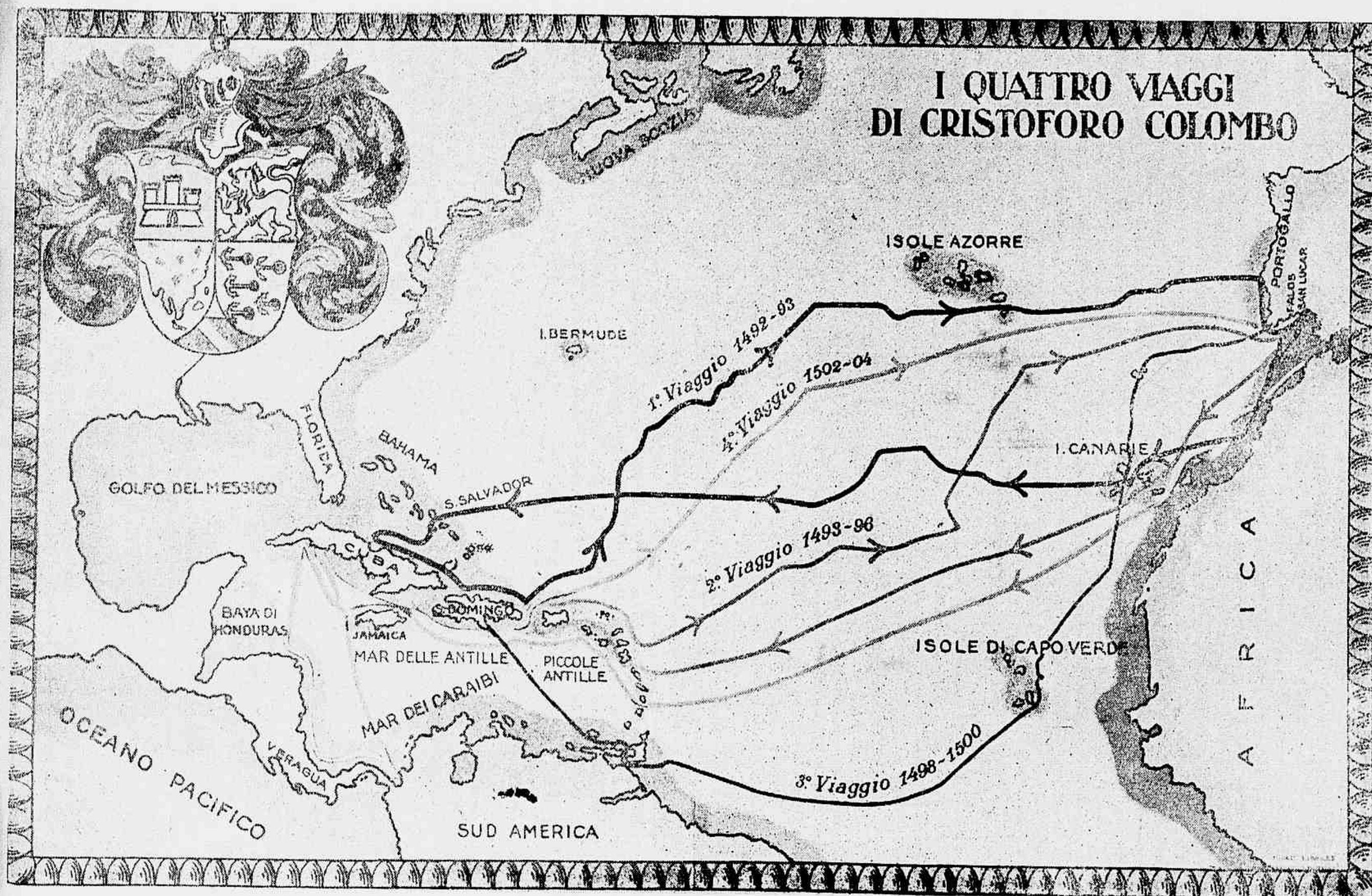
A ÚLTIMA NOITE — O ARTISTA REPRODUZIU A FIGURA DE COLOMBO NA NOITE DE 11 DE OUTUBRO DE 1492, EXAMINANDO OS SEUS MAPAS. ESTE DIA FOI AQUELE QUE PRECEDEU O DO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA. A POPULAÇÃO ESTAVA IMPACIENTE. SUA VIDA CORRIA PERIGO, POIS A BORDO TODOS SE JULGAVAM LUDIBRIADOS PELO GENOVÊS E EXIGIAM O REGRESSO IMEDIATO. COLOMBO POREM SABIA PERFEITAMENTE QUE NÃO TINHA NENHUMA OPORTUNIDADE PARA VOLTAR ATRÁZ. NESTE QUADRO ELE APARECE FORTEMENTE BARRADO. A HISTÓRIA NÃO ESCLARECE SE ELE USAVA OU NÃO BARBA.



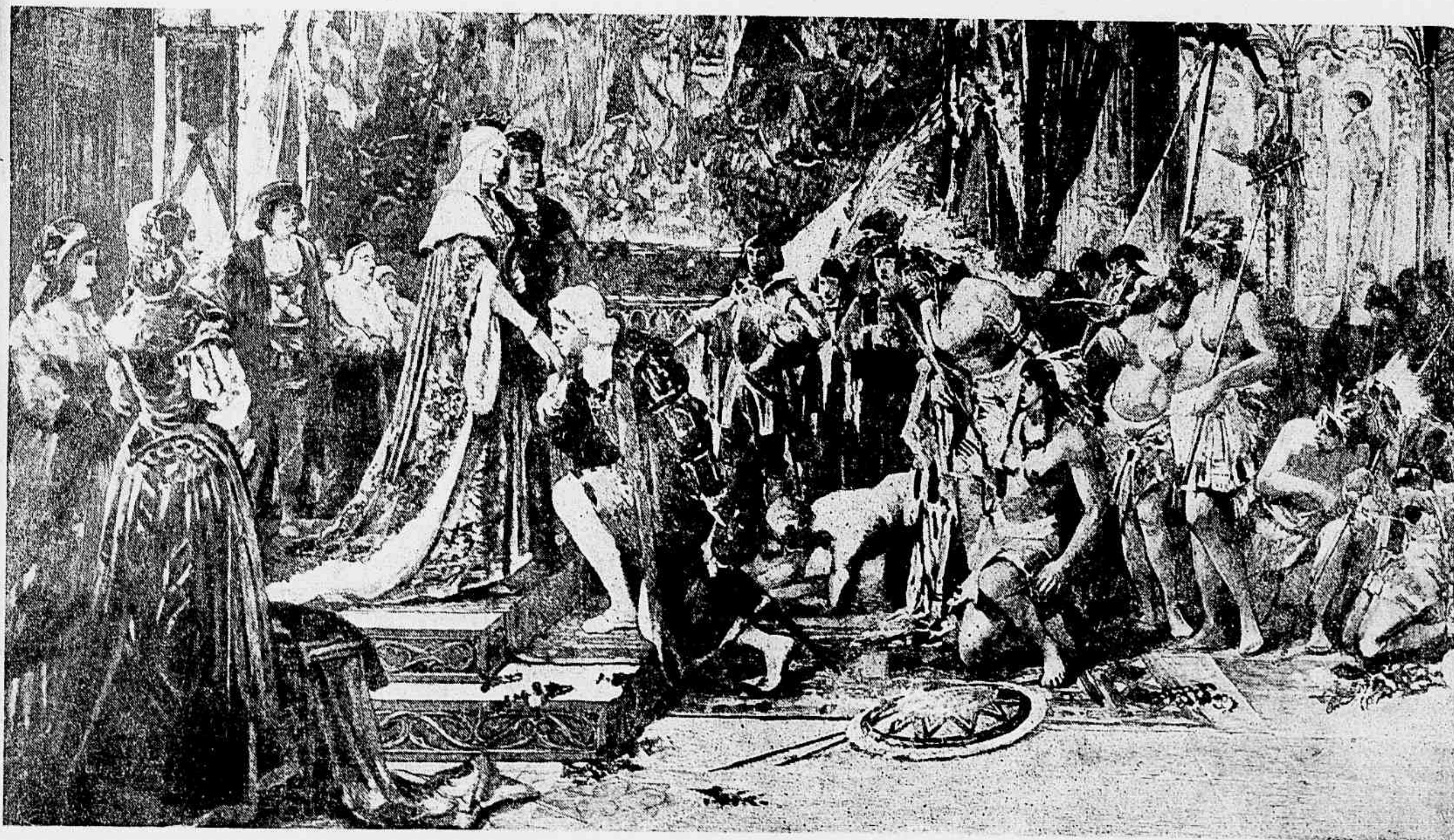
AS JOIAS DA RAINHA — ESTE QUADRO QUE FAZ PARTE DA COLEÇÃO DA BIBLIOTÉCA PÚBLICA DE NEW YORK, MOSTRA A RAINHA ISABEL DA ESPANHA EMPENHANDO SUAS JOIAS COM O PROPOSITO DE POSSIBILITAR A COLOMBO A SUA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO. COM ESTE GESTO, QUE SE TORNOU POSSIVEL APENAS DEPOIS QUE OS ÁRABES FORAM EXPULSOS DA ESPANHA, FICOU ESTE PAÍS SENHOR DE UM DOS MAIORES IMPÉRIOS COLONIAIS DO MUNDO. COLOMBO DERA À COROA ESPANHOLA O MAIS ASSOMBROSO PRESENTE JAMAIS RECEBIDO POR UM MONARCA.

PERANTE OS SABIOS — SUSTENTANDO FIRMEMENTE A SUA CRENÇA DE QUE A ASIA SE ESTENDIA PARA O LESTE, TÃO PRÓXIMO DA ESPANHA COMO PELA ROTA ENTÃO CONHECIDA DO OESTE, COM A INTENÇÃO DE PROVAR O SEU PONTO DE VISTA PROCUROU A CÔRTE DE CORDOVA. O ARTISTA INTERPRETOU NESTE QUADRO CRISTOVÃO COLOMBO EXPONDO OS SEUS PLANOS EM SALAMANCA. MAS A OCASIÃO NÃO ERA MUITO PROPICIA E A SUA EMPRESA DESTA VEZ NÃO LOGROU RESULTADO. A COROA ENCONTRAVA-SE ENTÃO DEMASIADAMENTE PREOCUPADA COM A EXPULSÃO DOS MOUROS, E CONSIDEROU POUCO OPORTUNOS OS PLANOS APRESENTADOS PARA UMA NOVA EXPEDIÇÃO.





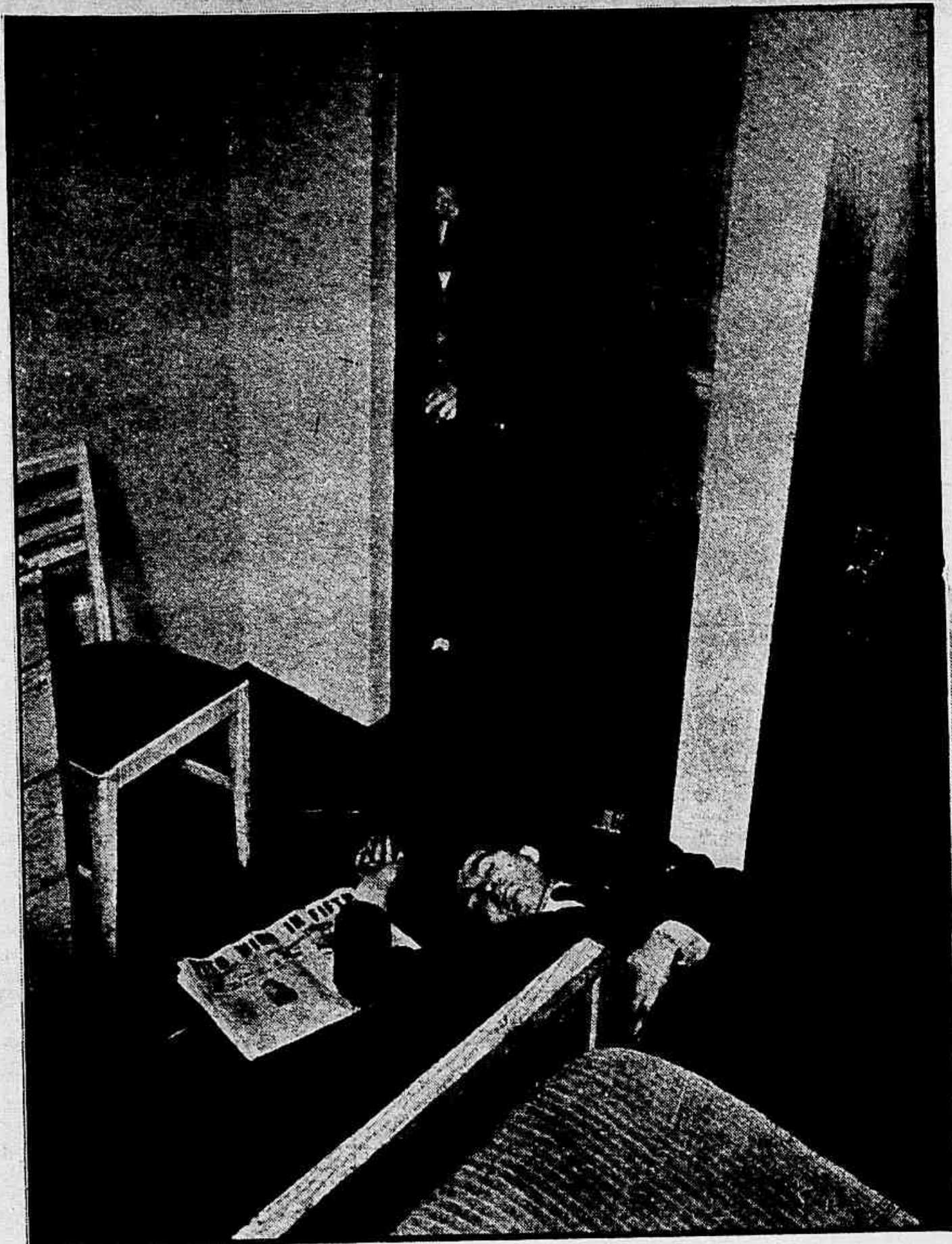
QUATRO VIAGENS — ESTE MAPA, RARISSIMO ALIÁS, PERTENCENTE À BIBLIOTÉCA PUBLICA DE NEW YORK, MOSTRA-NOS AÍ QUATRO VIAGENS DE CRISTOVÃO COLOMBO. SE A PRIMEIRA DESSAS VIAGENS FOI A MAIS PERIGOSA PELOS RISCOS DO DESCONHECIDO E PELA INSEGURANÇA DA ROTA, A QUARTA FOI INDUBITAVELMENTE A MAIS EXTENSA. CADA UMA DESSAS VIAGENS REPRESENTOU PARA O GRANDE DESCOBRIDOR PERIGOS QUE TERIAM FEITO OUTRO QUE NÃO ELE RECUAR. ENTRETANTO A SUA FÉ E A CONFIANÇA NOS SEUS PLANOS DAVAM-LHE A CORAGEM NECESSÁRIA. DA TERCEIRA VIAGEM, VOLTOU À SUA TERRA A FERROS.



A VITÓRIA FINAL — TRAZENDO RICOS E ESTRANHOS PRESENTES DAS TERRAS RECEM DESCOBERTAS DO OESTE — OURO, ALGODÃO, PLANTAS E ÍNDIOS — CRISTOVÃO COLOMBO APRESENTA-SE TRIUNFANTE ANTE A CORTE DE FERNANDO E ISABEL, QUE O RECEBEM COM JUBILO. CAVALHEIRESCAMENTE, ELE BEIJA OS DEDOS DA RAINHA. SUA DESCOBERTA HAVIA TORNADO A ESPANHA A MAIS RICA E PODEROSA NAÇÃO DA EUROPA E DO MUNDO. ELE FIZERA AOS REIS CATÓLICOS O PRESENTE DE UM MUNDO. COMEÇAVA ENTÃO UMA NOVA ERA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE.

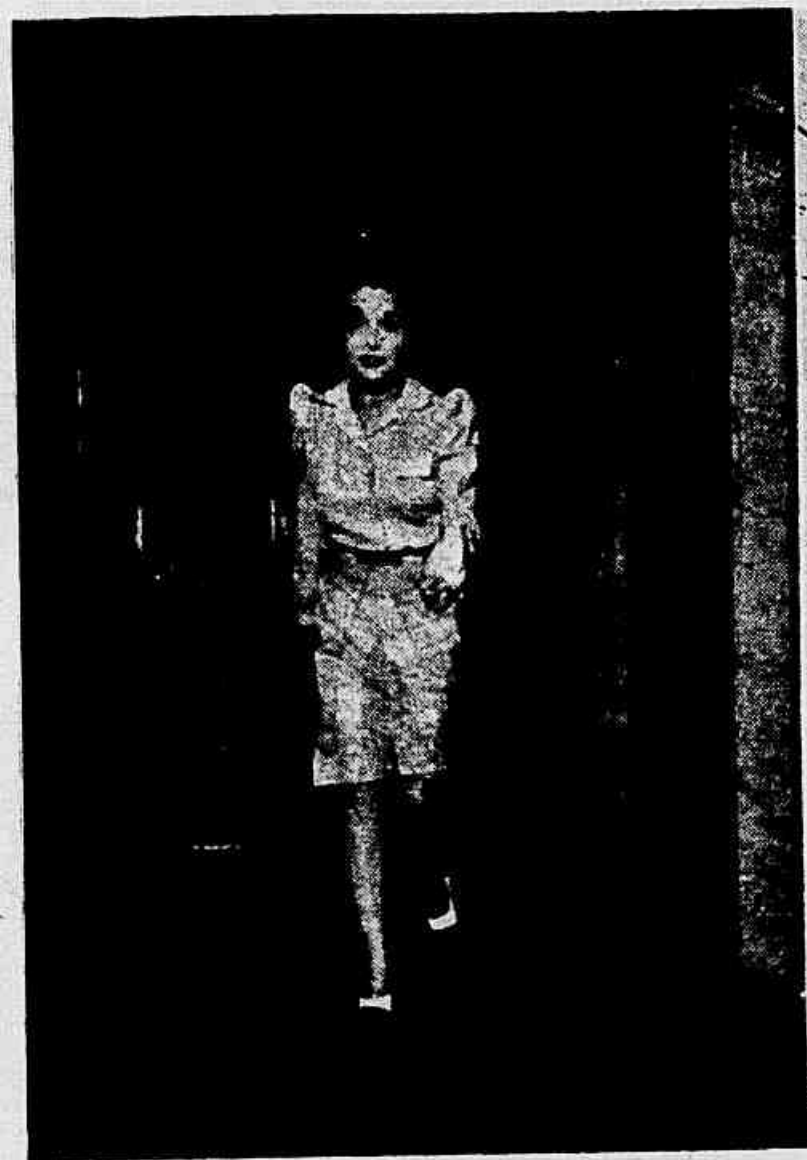
VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

O CASO DO BOOK-MAKER



1 A porta do quarto 713 no Hotel Nestor estava trancada com uma corrente... Através da abertura, o inspetor Hannibal Cobb pôde ver o corpo de Jim Boyd, o conhecido "book-maker", estendido no chão. Ele havia sido atingido na têmpora direita. Perto estava um revólver com a carga desfeita. Na cama podia-se ver a bolsa e o chapéu de uma mulher. O cabeçalho do jornal perto explicava a morte. A colocação da arma e o lugar do ferimento eram compatíveis com a hipótese de suicídio. Hannibal anotou os detalhes e questionou a...

2 Iburá Mae Dudley, que disse: "Voltei da pista antes de Jim e Carmen Caldo. A empregada e eu vimos os dois entrarem no quarto de Jim. Eles questionavam. Nós três estávamos interessados no páreo. Boyd retirou o dinheiro que todos puseramos em Vito e colocou-o em Drum. Mas Vito ganhou a corrida."



3 Boyd não nos podia pagar. Ele e Carmen discutiam tão alto que pude escutar todas as palavras, apesar da distância. Eles se calaram e de repente ouvi um tiro. Abri minha porta e vi Carmen correndo pelo corredor em direção ao seu quarto.

4 "Isto é mentira!" gritou Carmen atarracando-se com Mae. "Jim estava vivo quando o deixei". Cobb tirou da carteira de Carmen um livro de notas com o nome de Boyd. Ali estavam anotadas algumas especulações. O inspetor separou as duas mulheres, perguntando:

5 "Mae, você está certa de que Carmen deixou o quarto de Boyd depois da detonação? Mae assentiu com a cabeça. Cobb: "Você foi ao quarto"? Mae disse que não. Carmen declarou que roubara o livro de notas de Boyd ainda no hipódromo. Boyd seria realmente um suicida? Ou te-lo-iam matado? Qual das duas estaria dizendo a verdade?"

Veja a solução deste caso no próximo número.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

- LEVO UM BEM BARATINHO!



Não! Isso é o mesmo que se abanar com o pescoço, para poupar leque. Saiba economizar, mantendo suas gengivas rosadas e saudáveis com Lever S.R.

- LEVO UM

BEM GOSTOSO!

Não! Rocambole é uma coisa, dentífrico outra, bem diferente! Põe o gosto, mas exija que venha acompanhado do poder de proteger os dentes. Lever S.R. é assim.



- LEVO QUALQUER UM!



Não! Quando você precisa de médico, não procura qualquer um. Consulte o mesmo com seu dentífrico: para ter um sorriso lindo e sadio, peça Lever S.R.!

**- EU USO
Lever S.R.**



Muito bem!

Ótima escolha!

Que dentífrico completo é Lever S.R. — gostoso, econômico e refre cante! Sobretudo, proporciona a proteção de Sódio Ricinoleato, o famoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

UNIAS SR 113-0100

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedir de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o seu fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de po-
mado não gordurosa que penetra rapi-

duamente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

**ATAQUES EPILEPTICOS E NERVOSOS
INTRANQUILIDADE, INSÔNIA**



NOVO TRATAMENTO!

Não sofre mais! Há agora um tratamento moderno para combater os ataques nervosos ou epilépticos e a falta de sono MARAVAL (solução), calmante poderoso, providencial combinação de elementos opoterápicos e vegetais, que restitui a alegria e o sossego. Injeção hoje mesmo este tratamento verdadeiramente científico. Não encontrando nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário. Caixa 1874 - S. Paulo.

MARAVAL

Livros

ROMANCE TROPICAL, de Théo-Filho — Rio de Janeiro, 1944.

Théo-Filho

ROMANCE
TROPICAL



Episódio

O Sr. Théo-Filho ganhou as esporas de ouro da Ordem do Romance. A crítica, em geral, o elevou à primeira categoria dos seus eleitos; e algumas autoridades lhe designaram lugar, além de honras, d'ferente, á parte. Não se deve, pois, tratar este autor, sem alta cortesia e muito respeito.

Tendo cultivado primeiramente as aventuras cosmopolitas e os costumes mundanos... ou semi-mundanos, o romancista evoluiu para assuntos mais severos, estudando — os de maneira ao mesmo tempo mais severa e mais profunda. No presente volume, conta-nos, por entre paisagens do Norte e as intrigas da política e da ociosidade duma pequenina, necio esquecida cidade á beira-mar, a história dum naufrago que á mercê das ondas, vai dar aquelas sossegadas paragens. Justamente a localidade se chama Sossego. O corpo apareceu a bastante distancia da praia, flutuando, subindo e descendo na crista e no côneco das águas, como impermeável. Vai uma jangada buscá-lo. Está sobre a clássica táboa de salvação, quase inanimado. Trazem-no para terra, levam-no á farmácia local, para os primeiros socorros. O Boticário é indolente e dado ao alcool,

a esposa enérgica e compassiva. O homem não conhece uma palavra de português, não se pode averiguar que idioma é o seu, porque o políglotismo naquela terra deixa muito a desejar e o maior letrado local, cognominado o Castro Alves de Sossego, pouco passa de analfabeto. E apenas se apura o nome do indivíduo: Hans.

Donde vem Hans? De que se ocupava até ao momento do naufrágio? Qual a sua nacionalidade, o destino que levava, a eventualidade que interrompeu a viagem e o atirou em tão imprevista direção? Imprevista, realmente? O romancista prefere não nos dizer nada disso. O claro e louro Hans se nos apresenta como os homens que a sorte conduz ao alistamento na Legião Estrangeira da África e dos quais se não pergunta o que foram antes nem em que condições adotavam tal solução na vida. O autor nos nega o direito de interrogar este adventício, quer quanto ao seu passado quer quanto aos seus projetos de futuro. Às vezes parece simplesmente um espião ou, mais singelamente ainda, um vagabundo; mas pela ação além de nós afigurará um herói, um homem de gênio ou, acidentalmente embora e pela força das circunstâncias, um biltre da maior marca.

Hans fica por algum tempo hóspede do desleixado Juca Simões e de sua consorte, a decidida e generosa D. Zizi. Esta lhe trata da saúde, o veste apresentavelmente, conven-
ce o marido a ceder-lhe, por uma espécie de comandita, uma casa meio em ruínas e um pouco de terra que possuem a pequena distancia, para o interior. Sempre ajudado por ela, Hans, que espantosamente depressa aprendeu a entender aquela gente e a falar melhor do que ela, realiza prodígios de esforço e de iniciativa bem aproximados dos de Robinson Crusoe. Planta hortaliça, semeia cereais, colhe frutas, cria aves e rezes, empreende negócio de madeiras que se tornará deveras importante. Sem se impressionar com hostilidades de jacobinos e invejosos, nem com a bisbilhotice maldizente da viúva Fagundes que em si reúne e refina as duas Louzadas da Ilustre Casa de Ramires e para o caso se mancomunam com o Castro Alves de Sossego, o intruso prospera a olhos vistos e promete não só fazer a fortuna dos seus associados como tornar florescentes aqueles paupérrimos cafundós. De caminho, seduz a Sra. Simões ou por ela se deixa seduzir, o que, do ponto de vista do caráter e da lealdade, vem a dar na mesma. Depois, ataca a sua benfeitora, abusa da relativa candura duma pequena do mato, a Jagunça, deslumbrada pelo ouro vivo dos seus cabelos e a fresca alvura da sua carnção. Mas o romancista consegue destruir ou suficientemente atenuar no nosso espírito as incoerências daquela individualidade moral, tornando compatíveis a sua inteligência laboriosa e as fraquezas ou torpezas do seu instinto. Agredido cada vez mais rancorosamente por despeitados e xenófobos; traído por dois intrujões internacionais que metem naqueles negócios, Hans a tudo escapa, tudo resolve em seu favor. E, colocando-se oportunamente do lado dum dos partidos locais em luta acesa, vem a participar da situação, do prestígio do coronel vitorioso.

Começamos por ignorar tudo o que á origem e ás intenções de Hans dizia respeito, não chegamos a saber exatamente o que ele seja. O criador quiz deixar assim mesma, um tanto vaga ou incerta, a criatura. Não devemos, porém, queixar-nos disso. O escritor satisfaz a nossa curiosidade pelos tipos e costumes duma região em determinada época; deu-nos excelentes trechos picturais de litoral, campo e floresta; transmitiu-nos a sua segurança de observador, o seu refinamento emotivo, os seus entusiasmos e crônicas de comentador. E ao cabo destas quatrocentas e tantas páginas, só temos que o felicitar e lhe agradecer.

• • •

SOMBRAS QUE EU VI, contos de Maria José Bastos Ribeiro — Rio de Janeiro, 1944

SOMBRAS
QUE EU VI...

CONTOS

O primeiro destes contos estende-se, nem mais nem menos, por setenta páginas. Não sofreria de certo o interesse da narrativa, se lhe fosse dado mais rápido andamento em linguagem mais sucinta. Sente-se, porém, que a escritora se deixou seduzir pelo assunto, a ele se entregou e por ele se deixou levar — o que não deixa de constituir uma bela e preciosa virtude. Muitos autores se prejudicam pela preocupação de dominar o caso literário que se lhes ofereceu, impondo-lhe, bem patente e vitoriosa, a sua individualidade; mais ou menos o modificando ou inteiramente o transformando, a seu bel prazer; fazendo dele apenas motivo ou pretexto de est lo; e sobretudo querendo dar á obra a expressão dalguma coisa que nenhum outro prosador ou poeta poderia realizar. É a nota pessoal rebuscada, forçada, a originalidade a todo transe. E nos termos mais decisivos o grande artista Flaubert deixou dito que só quem escreva como toda a gente conseguirá ser original...

A Sra. Bastos Ribeiro trabalha os seus contos com desenvoltura e espontaneidade. E assim como não procura as dificuldades também delas se não arreceia. No primeiro destes contos, que ela inicia com um bem sentido e detalhado panorama sertanejo vigora o ódio, suscitado entre dois rapazes, Manézinho e Zé Maria, pela aspiração de amor da mesma criaturinha. O pretendente desprezado, Zé Maria, jurou tirar sua desforra, conquistando de qualquer maneira, depois de casada, a moça que o desprezara pelo outro. Esse plano foi frustrado e o pretenso sedutor recebeu o castigo que merecia — mas nem por isso desistiu. Ao contrário: á medida que ia correndo o tempo, mais lhe crescia o desejo da vingança. Passaram-se anos. Zé Maria, que casara com outra, tem agora um filho, Raul, de vinte anos, pouco mais ou menos, de bonita estampa e temperamento ardoroso; Manézinho tem uma filha, Ritinha, que é uma joia de graça e de candura. Ressurge ainda uma vez o caso dos Montecchi e Capuletts, mas a autora lhe dá uma variante que o faz passar da ficção shakespeariana para a realidade histórica. A fim de obter o consentimento do pai de Ritinha, o moço se excede nas suas demonstrações apaixonadas; Manézinho possuído da cólera do cônego Fulbert, faz infligir a Raul o infortúnio de Abelard; e Ritinha, arrastando o corpo já sem vida do seu amado — porque Raul, eis outra variante, não sobrevive á sua desgraça — vai se entregar, na cor-

Novos

rente dum rio, á piedade hospitaleira da Mãe d'Água. Ha um epílogo, no qual, decorridos ainda mais alguns anos, Manoel Pereira, Manézinho, procura esquecer-se ou consolar-se na afeição duma netinha, Yara, fruto daqueles amores condenados. E, se não se adapta aqui integralmente o *chavão tout est bien qui finit bien*, sempre é caso de se dizer, como o velho confessor complacente, que pod'ia ser pior.

As duas histórias, à exceção da última, são muito mais curtas e são também menos trágicas, mas nenhuma de feição sorridente ou ligeira. A Sra. Maria José Bastos Ribeiro toma a literatura a sério; e ela lhe pagou na mesma moeda, porporecionando-lhe esta obra deveras apreciável.

• • •

A ESTÉTICA DA MORTE, ensaio de Salomão Jorge — São Paulo, 1944.



As causas fisiológicas da morte, a morte e os filósofos, a morte na literatura e na arte, o pavor da morte, a volúcia da morte, o sono da morte, a eutanásia, a Ressurreição... Em tudo isso se podem superiormente inspirar os estetas da pena, do pincel, do cinzel... e do pensamento. O sr. Salomão Jorge, que em obras anteriores, prosa e verso, afirmara talento criador e belo estilo, desta vez se consagrou principalmente a reunir o que de mais elevado e edificante veio ficando de geração em geração, sobre o tema da extinção da vida ou da passagem duma vida para a outra.

As ideias e emoções próprias pouco espaço ele concede nestas duzentas e tantas páginas. Contentou-se, em geral, com as linhas bastantes para encadear e louvar os fragmentos alheios. Não deixou, porém, essa tarefa de assumir uma feição acentuadamente literária. Todas as páginas trazem uma citação, pelo menos, e algumas chegarão à meia dúzia; mas sempre, por entre esses excertos de sublimidade, graça peregrina ou refinado sentimento, o espírito compilador deixou valiosamente a sua anotação e o seu comentário. E as páginas finais: "Aleluia! Cristo ressuscitou..."

formam um poema em prosa que ainda se enriquece com os frutos da pesquisa erudita mas sobretudo se opulenta de conceitos e imagens originais.

Encontram-se aqui e além, pelo volume fôra, desacertos e impropriedades que, dada a inteligência e a cultura de tal escritor, só podem ser atribuídos a descuidos momentâneos da sua parte ou a tantas outras trações da tipografia de cumplicidade com a revisão. Assim por exemplo: "...pulverizavam-se os ossos num *chamariz*...". O poeta do "Livro dos Cânticos" assim se exprime no "Os dois granadeiros..." pintada á fresco... assistir o seu casamento... hoje, a meio dia... o persuade que... Marquês, pede perdão a Deus. Já se confessou?... *Irão me chamar*... O' terra, seja leve agora para Aisigêne, ela pesou tão pouco sobre ti"... E seja nos permitido ainda um reparo: é que, perante a estética, a capa do volume, francamente, deixa muito, deixa tudo a desejar.

• • •

MADONA DO AMOR, versos de Else Mazza do Nascimento Machado — Rio de Janeiro, 1944.

Esta poetisa, de nome tão longo, tem também grande talento. As suas obras, que ela, graças a Apolo e a todos os deuses, se não lembrou de submeter às excentricidades e violências dos cubikos do éxito a todo transe, cativam tanto pela sinceridade da inspiração quanto pelo esmero da fatura. Nelas, em vez dos artifícios e extravagâncias de certa corrente atual, se ha de necessariamente notar a espécie de probidade que em todos os tempos consistiu no cuidado e na procura da perfeição. E' escusado negar ou discutir este princípio de sempre, que encerra uma verdade universal: Não ha nobre pensamento onde não exista a harmonia da expressão. Ideia e forma andam em inalterável correspondência; vivem uma para a outra; não se separam nunca.

De temperamento rico e aguda emotividade, a sra. Else Machado recorda-nos, por vezes, os versos que diríamos feitos de sangue e de flama, sentidos e criados por Martins Fontes. Está nesse ditoso caso o soneto que se intitula DEZEMBRO:

*Sol de dezembro!... O dia é todo um festival!...
Um surto a mais de ação fecunda se inaugura,
e a esperança, a paixão, o frêmito e a quentura
encham os corações, no ciclo tropical.*

*Tudo retoma ao sol a glória natural:
a pujança do chão, transmutado em verdura,
a limpida fluidez do riacho que murmura,
e o fausto da montanha em seu mudo ritual.*

*Lateja dentro em nós um estranho poder
nesta manhã de luz! É justo agradecer
a Deus, em oração, a dádiva e o esplendor*

*com que abençoa o mundo e nos transforma a vida
numa aurora estival, na posse desmedida
das benesses da terra e da efusão do amor!*

• • •

J. L.



Jonathas Serrano — HISTORIA DA FILOSOFIA — Livraria Editora Valverde — Rio de Janeiro — 1944.

Propõe-se o novo livro do professor Serrano a expôr e resumir o pensamento filosófico através dos séculos. E' uma obra que tanto se destina a estudantes, no propósito declarado do autor, como a estudiosos, agradecidos a quem os faz recordar o aprendido o Autor dizendo bem no dizer pouco.

Depois de mostrar a ciência filha da curiosidade, o Autor classifica as ciências, estabelece o conceito da Filosofia, para lhe apresentar sucintamente a história.

Longo é o caminho da Filosofia através da História Universal. Antiguidade oriental, helenica, romana, idade média, tempos modernos, tempos contemporâneos. afluem á grande corrente do pensamento humano refletido na filosofia.

Todos os capítulos do Livro do professor Serrano relembram sem fátiga, com brevidade sem dano de substância. De perto interessa o capítulo intitulado *A Filosofia no Brasil*. O cultivo filosófico entre nós é de data não remota, contando mais expositores e vulgarizadores, de ideias e memórias surgidas em outros países, que propriamente pensadores. Em torno de um pensador, Farias Brito, há de agrupar-se quantos nossos se proponham a filosofar por conta própria, tal fez Farias Brito, a quem o Autor do livro rende homenagem de convicção e não de convenção, sente-se.

A obra do professor Serrano não carece de recomendação, recomenda-se, logo ás primeiras páginas, incitando á leitura de todas.

• • •

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro cabeludo

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550
EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. INF' DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866

REGRESSA AO BRASIL O DIRETOR DA "STANDARD"

A chegada do Sr. Cicero Leuenroth

Pelo avião internacional chegou a esta Capital o sr. Cicero Leuenroth, diretor presidente da Empresa de Propaganda Standard Ltda. que, depois de visitar os Estados Unidos e a Argentina, volta ás suas atividades á frente da conhecida empresa brasileira. Nos Estados Unidos, o sr. Cicero Leuenroth esteve em entendimentos com várias e novas firmas americanas, que decidiram confiar a sua propaganda á Standard, que demonstrou dessa forma a confiança técnica que merece no mercado internacional.

MENTIROSA !

(Continuação da pag. 29)

— Olhe, seu Beladona, eu...
— Espere. Você não tem a certeza de que ela é fiel?
— Não!
— Fale com ela sinceramente. Interrogue-a. Faça-a falar. Saberá pelo modo dela responder às perguntas...
— E' mais fácil dizer do que fazer...
— E' tudo quanto há de mais fácil...
— Porque ainda não experimentou...
— Não sei... Mas olhe, tenho uma idéia...
— As suas idéias, em geral, são terríveis!
— Olhe, eu começo a namorar a sua pequena.

E, ante o gesto impaciente do amigo:
— Espere. Só para vê se ela dá confiança ou não.

— Escute, Beladona, você não se enxerga não?

— Ora!
— Então você pensa que é irresistível?

E soltou uma boa gargalhada.

— Puxa, até que enfim encontrei um divertimento. Então você quer bancar o galã. Sai!

E ia descendo a rua, ainda, divertido com a observação do amigo, quando, de repente, a idéia lhe ocorreu: Beladona não servia, porém... Sim, poderia falar com Claudio, mas era arriscado... Era melhor desistir. Entretanto... Saberia... Sim, Queria saber, ter a certeza. Poder acusar. Não ser forçado mais a falar de suspeitas sem autoridade mas falar de provas concretas...

— Que idêal!
— Mas você faz?
— Claro.
— E promete que me contará tudo?
— Prometo. Só não posso garantir uma coisa.

— Que é?
— Se eu gostar do emprego e resolver ficar permanentemente?

— Ora, se ela aceitar a sua conversa, então, não me interessa mais!
— Está bem. Nesse caso, aceite!
— Combinado.
— Combinado.

— Quem está falando?
— Um admirador seu!
— Cláudio! você!
— Como reconheceu a voz depressa!
— Claro: como não conhecer a voz inconfundível do camarada mais vaidoso da cidade?

— Podia confundir-la com a do mais inteligente!

— Isso quer dizer que é a mesma pessoa?

— Exáto. E ainda a do mais infeliz e a do mais desocupado e a do mais triste, e solitário. Que tal um cinema hoje á tarde?

— Não posso.
— Por que?
— Tenho um cinema hoje, á tarde com o meu namorado...

— Desmarque!
— Para que?
— Para poder ir comigo!

— Será que vale?

— Eu mostro, quando você aceitar, como vale...

— Sem vergonha!

— Ele deu uma risada.

— Não sei por que. Não sou pretencioso. Tenho consciência do meu valor de conquistador...

— Eu vou, mas é só para provar que não adianta...

— Está aceito o desafio...

E estava ganha a primeira parte da batalha.

No dia seguinte ele tornou a telefonar:

— Você vai á praia hoje?

— Como tem a coragem de me telefonar depois do seu procedimento ontem?

— Que foi que eu fiz de mais? Não custa tentar, não é? Você não topou. Acabou-se.

— Está convencido de que o seu encanto não pesca qualquer uma?

— Estou.

— Então...

— Hum?...

— Então. A's dez horas na praia. Agora que eu ganhei a aposta...

— Oba!

— Mas como foi, Cláudio?

— Nada meu velho. Ela ficou firme. Eu fiz tudo mas não consegui nada!

— Muito obrigado. Isso é que é um amigo! Quando você precisar de algum favor, já sabe...

— Alô? E' o Julinho?

— E' você, Mariasinha?

— E'. Eu queria avisar a você que não posso ir á praia, hoje. Estou com uma dor de cabeça... Vou tomar uma aspirina e vou para a cama!

— Ah, coitada!

— Não é nada! Hoje á tarde eu já estou boa.

— Está bem. Então vou aproveitar para estudar um pouco. Não vou sair também.

— Até mais tarde, meu amor.

— Até mais tarde.

— Mamãe, onde está á minha roupa de banho?



A crônica social registrou o enlace matrimonial da srta. Eleonore Fleischmann, da alta sociedade carioca, com o sr. Peter Frankol, sócio gerente da firma In'imex, Sociedade Internacional de Importação e Exportação Ltda., realizado nesta capital, no dia 4 do mês de outubro de 1944.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Solução de "Você tem vocação para detective" O crime da espia

O inspetor Cobb soube não se tratar de um suicídio quando encontrou manchas de sangue do lado de fora da porta. Dardel admitiu ter estado no aposento depois da morte de Sigríd. Mas as impressões d'gêis de Von Hilken não poderiam estar no telegrama sem que tivesse voltado depois da hora em que declarou ter saído. (Veja o relógio no primeiro quadro do número passado). Vendo a sua mentira, Cobb prendeu-o. Hilken confessou o crime dizendo ter colocado as palavras "Você venceu" para simular um suicídio. Foi executado.

CRIMES SEM CAUSA

Continuação da página 15

— Muitos! Porém nenhum que forneça pista para descobrir o criminoso...

— Vestígios?

— Pegadas no jardim... Uma chave da porta principal... nenhuma impressão digital...

— Muito bem. Mas alguma coisa?

— Pegadas no jardim, sobre os canteiros.

— Tiraram moldes?

— Infelizmente foi impossível. Imagine você que os vizinhos andaram correndo para cima e para baixo pelo jardim e me desmancharam as pegadas.

— Isso depois de você as ter examinado?

— Sim. Eu ordenara que ninguém poderia entrar. Porém os vizinhos estavam curiosos e entraram pelo jardim para escutar o que se passava no gabinete. Quando os fiz sair era tarde demais.

— Mas esse vizinho que descobriu o corpo. Também estava entre os curiosos?

— Não. Esse tinha entrado comigo, para ser interrogado.

— Sim, já li o seu depoimento. E, a propósito, quem é Madame Lupton?

— É a pessoa mais rica da rua.

— Que tem ela?

— Sofre de neurastenia. Desde que a filha morreu ela nunca mais foi a mesma. O marido da filha também já morreu. Vive com uma neta.

— Filha da falecida?

— Exatamente.

— Onde moram?

— Bem perto. No fim da rua.

— Por que telefonar para o vizinho, então? Por que não mandaram alguém avisar?

— Com certeza porque estando a neta a sós com a avó não poderia sair para avisar...

— É muito compreensível, não há dúvida. Mas você que conhece bem essa rua. Inspetor...

— Há vizinhos que eu faço essa renda toda a noite...

— Muito bem. Você que conhece bem essa rua, diga-me: Quem daqui da rua tem um motivo para matar o Dr. João e a esposa?

— É exatamente isso que me preocupa, Superintendente. O bilhete que encontramos tem toda a razão. Todos estimavam o doutor e a esposa. Ele era querido por todos. Ninguém tinha motivo para matá-lo. Os que o conheciam, aqui na rua, achavam-no um homem admirável. Ele era realmente um grande homem.

— Nesse caso...

— O criminoso tinha razão...

— Não se esqueça de que poderia também ser uma criminosa...

— É verdade...

De repente, o Superintendente Hanley fez um sinal para que o Inspetor fizesse silêncio. Levantou-se depois, cuidadosamente, e se aproximou da janela. Abriu a cortina de repente. Não havia ninguém, mas lá quasi na esquina, um vulto de mulher desaparecia.

— Quem é?

— A neta de Madame Lupton...

— Tenho minhas suspeitas de que ela estava ouvindo o que díssemos...

— Por que?

— Reparei que a cortina oscilava, como se alguém a segurasse para que, abrindo, não revelasse sua presença. Porém ouvindo parar a conversa pela se afastou arredondada. A gente dessa rua demonstra muita curiosidade. A propósito quais foram os vizinhos que andaram colaborando com os criminosos?

— Como?

— Sim, homem. Aqueles que apagaram as pegadas...

— Ah... o senhor me assustou...

— Não sei por que. Quais foram?

— ... não foram muitos. Cinco ao todo. A solteirona que mora no 12, Marta Stevens, um rapaz que namora a srta. Lupton, Julio Carlton, o casal Barnes que mora bem defronte e a esposa do vizinho que descobriu o corpo, Linda Roster.

III



Hanley suspirou. Custara mas obtivera resultados. Agora todos os dados do problema estavam diante dele. Restringia as suspeitas a um grupo de pessoas. Com interrogatórios cuidadosos chegara a um resultado que se não era satisfatório era um passo adiante na solução de enigma. Conseguira, interrogando guardas postados em cada uma das esquinas da rua, certificar-se de que fora um dos habitantes da rua que cometera o crime. Pois desde seis horas estava ela deserta e não tinha passado ninguém a não ser os habitantes. Ora isso pode parecer estranho. Por que um guarda em cada extremidade da rua, vigiando? Hanley descobriu que o casal Barnes, o mesmo que estivera espionando, curioso, o corpo, pela janela, e contribuíra para apagar as pegadas, havia muito era suspeito pela polícia de chantagem. Estavam sendo vigiados. Sabia que na rua não tinham descoberto o seu jogo. Porém costumavam sair todas as noites para destinos diversos, o marido e a mulher, para receber o dinheiro que lhes cabia pela chantagem. Porém, como as vítimas, nesse caso, recusavam-se quasi sempre a denun-

ciar o criminoso à polícia, com medo de que os seus segredos viessem a ser descobertos, era preciso pegá-los em flagrante para poder acusá-los. Tinham os dois policiais ordem de seguir o criminoso. Estava assim explicada a vigilância da rua. Resta porém uma hipótese: A de que um intruso estivesse ali desde antes das seis horas. Era impossível Hanley revistar toda a rua. Os guardas, às três horas da manhã, não tinham abandonado os seus postos. O criminoso era um dos moradores, por que ninguém saía dali. Hanley no seu interrogatório aos guardas perguntara se algum deles vira alguém a ravessando a rua, ou entrando em casa de outro. Porém, vigiando ambos a casa dos Barnes, eles não tinham prestado atenção ao movimento da rua, exceto para observar quem entrava. Assim, era bem possível que o criminoso tivesse passado despercebido dos guardas.

Estava na rua o criminoso. Era um dos moradores. Vejamos os moradores. Havia doze casas na rua: era uma passagem mais do que uma rua.

N.º 1:

Madame Lupton e sua neta Evelyn.

Motivo?

Possibilidades: A avó estivera doente, afirmava, e a neta dissera estar tomando conta dela. Nem prestara atenção ao que ocorrera. Telefonara ao médico e o telefone estava com defeito. Telefonara para o vizinho pedindo que o chamasse, pois não poderia deixar a avó sozinha. Mas, apesar dessa explicação satisfatória, porque fora libilhotar a janela do gabinete enquanto o superintendente conversava com o guarda noturno? Não tinha criada que corroborasse o testemunho da avó e da neta.

N.º II.

Julio Carlton. Mora sózinho. Dissera estar dormindo. Não tem criados em casa. Nada ouviu até o grito de alarme.

N.º III.

Mário Roster, vizinho do médico. Não o conhecia bem, apesar de serem vizinhos. Saía muito pouco. Só conhecia o médico de falar ao passar este na rua: — "Bom dia". — "Boa tarde". Linda Roster, sua esposa. Idem, idem. Acordaram ambos quando o telefone tocou. O marido fora a ir o médico e a esposa ficara em casa. Depois, quando o marido voltara correndo para a casa ao ouvir o grito da esposa do médico, ela Linda que também ouvira, saiu, para ver que acontecera. Tinham criada por hora, que dormia fora.

N.º IV.

O médico e sua esposa. Uma criada, Rosa. Acordara com o grito da patroa. Dizia dormir profundamente.

Só mais duas casas estavam ocupadas. Uma delas era a do casal Barnes que segundo eles e os guardas só tinham saído de casa ao ouvir o grito. Os guardas confirmavam isso. Tinha os olhos na casa de Barnes que era defronte do médico.

As outras casas estavam desocupadas, com exceção da de Marta Stevens, solteirona excêntrica, que morava no N.º 12, no outro extremo da rua, e que dissera ter ouvido o grito. Morava só. A criada também para ela vinha por hora e não dormia lá.

Hanley suspirou. O problema era intrincado. Ninguém, aparentemente tinha um motivo. Todos contavam com poucas variantes a mesma história.

Conclui na pág. 47

Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele em 1.235 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes.

O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



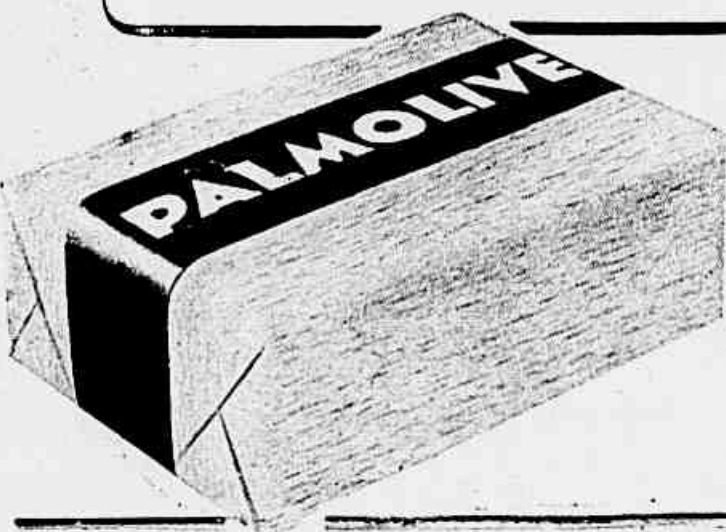
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar. — Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÊM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

• Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Standard Propaganda

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTINA



A de sua cabeça!...
Ninguém é mais jovem
que seus próprios ca-
bellos.... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso,
significa velhice, embora se tenha vinte
annos... Cabello vivo, abundante, bri-
lhante, é juventude — embora se tenha
cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO
DE BARRY, antes de pentear-se, não só
dá brilho e maciez ao cabelo, como de-
fende-o contra a caspa e evita o encane-
cimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância á ve-
lhice — TRICÓFERO DE BARRY é re-
commendado para amaciar o cabelo, faci-
litar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero
de **BARRY**

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno
POR CORRESPONDENCIA, o
Curso completo de Corte e Costura.
Estude em sua própria casa, nas
horas livres, sem deixar suas
ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente
GRÁTIS

Figurinos da última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos
gastos, será uma excelente modista,
perfeitamente preparada para fazer
qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

MADE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CX. POSTAL 5058 - S. PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me

GRÁTIS E SEM COMPROMISSO,

o folheto e as in-

formações comple-

tas sobre o Curso

de Corte e Costura.

199

Nome

Rua

Cidade

Estado

Damos nesta página dois elegantes
modelos de meia-estação, próprios
para a tarde, passeio ou visita, em
tecidos leves; luvas combinando com
o padrão da fazenda. O segundo, ao
alto, oferece às leitoras também um
conjunto pela parte de trás. Em
outras páginas, terão encontrado
outros figurinos, todos obedecendo
aos estilos mais em voga e dentro
da estação primaveril em que nos
encontramos.



CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidias ru-
gas na testa e ao
redor dos olhos,
as sardas, man-
chas, cravos e es-
pinhas, são traiçoeiros inimigos da
beleza da mulher. Quando surgem
estas imperfeições, lançando nu-
vens sobre a sua felicidade, con-
fie nas virtudes do Creme Rugol.
Rugol corrige rapidamente as cau-
sas do envelhecimento prematuro
da cutis. Este famoso creme em-
belezador, usado todas as noites
em suaves massagens no rosto,
pescoço, e todos os dias como
base do "maquillage", remove as
impurezas que se acumulam nos
poros, fortalece os tecidos, dá vi-
gor e mocidade à pele. Com ape-
nas uma semana de uso do Creme
Rugol a sua cutis poderá ficar ma-
cia, limpa e acetinada, aumentan-
do os seus encantos e protegendo
a sua felicidade. A felicidade
de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

Alguns Modelos

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

Galeria IMPERIO

Realizou-se, a 27 do mês findo, no altar da igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, um officio religioso, comemorativo da passagem do aniversário da fundação da GALERIA IMPERIO, a tradicional casa de móveis, antiguidades, prataria e objetos de arte antiga e moderna da rua Chile n.º 27.

A cerimonia atraiu ao templo católico da rua do Rosario numerosas figuras de nossa melhor sociedade, em cujo



seio contam os proprietarios do conhecido estabelecimento comercial um vasto circulo de amigos e admiradores.

Terminada a cerimonia religiosa, que se revestiu de rara beleza liturgica, teve lugar uma agradável visita ás modernas instalações da Galeria Imperio, onde os presentes, depois de fidalgamente recepcionados pelos componentes da firma O. Oliveira & Cia. Ltda. com uma lauta mesa de doces finos e licores, viveram momentos de verdadeiro prazer espiritual, deliciados na contemplação dos maravilhosos objetos expostos nos bem organizados mostruários da Galeria Imperio, que é, sem a menor dúvida, um louvavel exemplo de atividade comercial honesta e inteligentemente orientada, e constitue, por isso mesmo, um legitimo motivo de orgulho para nossa Capital.

Dos atos comemorativos desse feliz aniversario, a nossa reportagem colheu os expressivos flagrantes fotograficos que ilustram esta noticia, vendo-se, á direita, os membros da firma O. Oliveira & Cia. Ltda. e o ministro celebrante, entre pessoas amigas que assistiram á missa na igreja de Nossa Senhora da Boa Morte; e, á esquerda, um aspecto da exposiçao permanente da Galeria Imperio.

Sensacionais descobertas na Historia Universal

Por CAIO CESAR PINHEIRO

Os grandes pesquisadores de verdades — com o senhor Kenneth Wood á frente — estão abalando essas velhas colunas que eram a glória e o presépio da História Universal.

Todos nós tínhamos por essa velusta e d'gna História uma veneração de servos humildes d'ante de um potentado da Idade Média. A História Universal era co-

mo um recesso sagrado onde só penetravam os eleitos, os grandes eruditos, os super-homens que andavam pelo mundo espalhando como semi-deuses as graças da Sabedoria.

Era assim a História Universal — a fonte sagrada da nossa illustração!

Mas, os homens dinamicos do século vinte, não satisfeitos com o progresso delirante da electricidade, da velocidade, do rádio, da televisão, de tudo — resolveram também enveredar pelo passado, perfurar o passado, e observar á luz do raciocínio, da ciencia experimental, da psicologia, da lógica, da química, esta caouza simples e fácil que se chama Verdade!

E a Verdade começou a aparecer, nítida e fria, sob a impiedosa investigação dos analistas implacaveis.

Logo de início se descobriu uma cousa espantosa, sensacional e terrivelmente verdadeira: — Nunca, jamais, o grande Anibal — que viera da Africa á frente das suas pavrosas hostes barbaras para arrasar a gloriosa Roma dos Cesares — atravessou os Alpes!

Não ha; nunca houve o menor indício dessa travessia prodigiosa. E é uma lenda ridícula a que afirma que os guerreiros de Anibal abriam brechas na rocha dura despejando sobre a mesma tonéis de ácido azótico!

Não houve até hoje mais absurda heresia científica, porque o ácido azótico nunca poderia destruir a rocha alpina!

Dentro ainda dessa formidável Roma antiga, outro fato ficou absolutamente comprovado: — Seneca, que tanto admiravamos pela grande cultura filosofica e pela rigidez moral; Seneca, o impávido e impoluto preceptor de Nero — foi simplesmente um usurario ambicioso, vivendo de escandalosos favores do governo, trapeçando tão sordidamente que Nero, indignado, mandou que se suicidasse abrindo as artérias. E esse Seneca que foi na História um raro exemplo de estoicismo e pureza moral, deixou ao morrer, uma fortuna fabulosa.

Agora, passando do esplendido mundo romano, ao deslumbrante mundo grego da antiguidade, iremos ver um fato que nos desorienta e nos decepciona terrivelmente.

Quem, ao ler a História da Grécia, não se recorda com fremitos do mais puro entusiasmo, da passagem gloriosa das Termopilas, o celebre desfiladeiro da Tessália? Quem não admirou o heroismo assombroso de Leonidas e dos seus trezentos espartanos? Quem não conhece a celebre frase de Xerxes: "Entrega as tuas armas!"; e a resposta mais celebre ainda de Leonidas: "Venha tomá-las"?

Quem não leu, porventura, sem calefrios de emoção essa página soberba de sublime loucura?

Pois bem, meus amigos; Termopilas é outra lenda detestável!

Não foram trezentos os gregos que se postaram nesse desfiladeiro. Não! Foi um magnifico exército de sete

mil homens, dos melhores da Grécia, ou mesmo doze mil como querem outros historiadores, que tentaram deter ali o exército persa sob o comando de Xerxes!

E pior ainda! Os gregos pensavam que Termopilas era a única passagem nas terras da Tessália; e Xerxes invadiu as terras gregas por outro caminho mais fácil e melhor!

E assim a História Universal vai se retocando, modificando, sob a observação aprimorada dos homens de ciencia, dos analistas, dos investigadores infatigaveis. Dia a dia vão se descobrindo novos erros, novos rumos, novos horizontes mais nítidos, mais puros, sem "o manto diáfano da fantasia".



E em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

**Seus pratos
SERÃO APROVADOS
POR TODOS...**

...si preparados com a saborosa Maizena Duryea. Sopas, pudins e demais pratos preparam-se facilmente com Maizena Duryea e ficam mais saborosos e altamente nutritivos.

Aqui está o segredo de alimentos deliciosos e apetitosos e de fácil digestão — MAIZENA DURYEA.

À VENDA EM TODA PARTE

E o palhaço o que é?

Conclusão da pag. 14

UM ANO E OITO MESES DE VAIÁ

— E quando começou a ser palhaço?

— Eu tinha já dezoito anos. Trabalhara, dentro do circo, em tudo o que era possível.

Comecei como vendedor de bolinhos. Fui ginasta, equestre, trapezista. Entretanto, a minha vocação fôra sempre esta: ser palhaço. Fazer as crianças rirem. Éste o meu maior desejo.

Já dei alegria a quatro gerações e esta é a maior alegria da minha vida.

Entretanto, quando me anunciaram que deveria substituir o palhaço da minha companhia que adoecera subitamente, senti medo.

Naquele tempo, ser palhaço era uma coisa muito séria. Não era para qualquer um. Hoje, dizem que os palhaços são muitos, que andam aí pela rua...

Entrei no picadeiro. O público que esperava o palhaço da companhia, recebeu-me com vaias. E até o fim do espetáculo não cessaram de vaiar estrepitosamente.

O pior, no entanto, seria depois. No dia seguinte havia novo espetáculo. Meus nervos estavam em pandarécos. Como podia enfrentar aquele público hostil? A representação foi um autêntico fiasco.

Não era possível fazer graça. Choviam no picadeiro cascas de banana, laranjas, as vaias estrugiam sob a lona. De repente, senti uma dôr aguda na cabeça, aqui — e Benjamin mostrava-nos uma cicatriz — levei a mão ao lugar. Ela ficou tinta de sangue. Perdi os sentidos. Haviam me atirado uma pedra. Durante um ano e oito meses, fui ininterruptamente vaiado. Não desanimei entretanto e continuava a dar espetáculo. Eles tinham razão. Afinal de contas eu não sabia fazer graça e o público queria graça.

— E as pedradas?

— Jogaram-me naturalmente muitas pedras, mas felizmente a pontaria não era boa.

FRANZ LEHAR DESMENTE RAUL PEDERNEIRAS

Um dos episódios interessantes da vida de Benjamin foi a carta que ele escreveu ao autor da Viuva Alegre.

Queria uns esclarecimentos sobre a indumentária dos personagens.

Franz Lehar prontificou-se a responder, dando as informações pedidas.

Pela primeira vez, aqui no Brasil, a peça foi levada com aquelas roupas.

No intervalo, Raul Pederneiras entra no camarim de Benjamin de Oliveira.

— “Que é isto?” Perguntou apontando para a roupa de Benjamin.

— É o embaixador.

— “Rata”, disse Raul ao ouvido de Benjamin.

Este, sem responder, mostrou-lhe a carta de Lehar.

Raul estava vencido.

BENJAMIN E O PALHAÇO — METADE PALHAÇO METADE BENJAMIN. ELES ENTRETANTO SÃO UMA SÓ E A MESMA COISA. BENJAMIN NASCEU PALHAÇO. A SUA VOCACÃO VEIO DO BERÇO E ATÉ O FIM DA VIDA ELE HA DE LUTAR PELO SEU IDEAL.



MAIS ANTIGO PALHAÇO DO BRASIL, O DECANO DA CLASSE, RODEADO PELA SUA COMPANHIA. ELAS TEEM AINDA MUITO APRENDER E SOFRER PARA CHEGAR AONDE ELE CHEGOU. “COMO PALHAÇO CHEGUEI ONDE PODIA” DISSE-NOS BENJAMIN.



APESAR DOS SEUS SETENTA E QUATRO ANOS, BENJAMIN AINDA FAZ DAS SUAS TRAVESSURAS. ANTES DO ESPETÁCULO, AMEAÇA QUEIMAR O VESTIDO, COM O FERRO DE ENGOMAR. CLOTILDE DORBY, EMPRESÁRIA DO CIRCO DORBY, ONDE BENJAMIN TRABALHA ATUALMENTE, CASTIGA-O PELA TRAVESSURA.



1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

Anselmo Domingos

**Não! VOCÊ NÃO É
UM FRACASSADO**
de há muito você procura...

...deveria brincar um remédio para a esse mal que o de rime moral e fisicamente per nte a sociedade. CATUASE COMPOSTA é o remédio preparado com um grande vegetal de nossa flora, cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o a cálcio da "loimbeira" e hormônios cerebrais letitular. age rapidamente no combate à debilidade neuromuscular: viril, astenia (fraqueza nervosa) de ânimo... Não encontrado na sua farmácia, peça ao depositário Caixa Postal, 1374 - São Paulo.

CATUASE COMPOSTA

quer dia quem sai de vez é o público.

COMPENETRAÇÃO:

Aquele ator, coitado, é tão brioso, tão sério nas suas obrigações, que antes de uma peça estreiar, estuda o papel...

Assim não vai, não.

DESPEDIDA:

Lá se foi o elenco de Luiz Inglezias, depois de uma temporada brilhante. O público dos Estados vai ver o novo repertório do elenco mais homogêneo do nosso atual teatro. E em março, se Deus quizer, talvez a primeiro do mês, aqui teremos de volta Eva Tudor e seus artistas, muito possivelmente com uma peça do próprio Luiz Inglezias. Assim seja.

ACERTO:

Desfaçam-se os boatos de que o Fenix vai para as mãos de outros. Continuará na casa, até o fim do ano que vem, Bibi Ferreira e sua Companhia.

CONFUSÃO:

Jaime Costa recebeu das mãos de

Renato Alvim uma adaptação de "A mulher do padeiro". Não quis ou não pôde montar e devolveu a peça. Então o Renato entregou a peça a Procopio Ferreira, que ainda a tem nas mãos. Mas há qualquer coisa atrapalhando o adaptador, que já foi visto na Sociedade de Autores gesticulando, reclamando e dizendo que não queria saber de mais nada. Falam que há proibição do autor legítimo do original, não consentindo que se represente a peça. Falam na fábrica do filme. Falam outras coisas. Enquanto isso o Renato Alvim continua com a peça enrolada, os cabelos em pé e cada vez mais atrapalhado. Por falar nisso, eu nunca traduziria nem adaptaria a "Mulher do padeiro". Bem dizia o Berliet Junior, que essa mulher era "trapalhona"...

FARTURA:

Para a próxima temporada do Serador, a Companhia Procopio-Norma já tem um montão de peças novas. Autores que fizeram entregas: Paulo Magalhães, Raimundo Magalhães Junior, José Vanderley, Batista Junior, Daniel Rocha e outros. E' possível que dos outros saia alguma coisa que preste.

LIQUIDAÇÃO:

Vende-se por qualquer preço, a tratar imediatamente no teatro Carlos Gomes, um bom punhado de velharias. Só se faz negócio com todo o lote. Menos os artistas.

O preço desta edição é de Cr\$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

JUSTIFICATIVA:

a enfim sempre se soube! Não se em mais aquela que o presadíssimo rito deixaria de tomar parte nas lavadeiras" do João Caetano. E' a ninte, a razão porque o fumoso coço não tomou parte na finada peça zitana: As coisas não iam bem no teatro da praça Tiradentes e a trouxa de sapo ia aumentando de dia a dia. Chegaram as lavadeiras e o Oscarito sabia que dava em água suja. E então casu para não ver a sujeira. A informafoi-me dada de fonte limpa. E di mais. Ao ler a opereta dos tres ores portugueses reunidos num só, marido de Margot Louro declarou ca-brico:

- Nessa eu não vou!

- Por que? perguntou a Beatriz arragando as mangas.

- Ora essa, o que é que as lavadeiras terem? Trouxas, não é? Pois comigo o.

E casu naquele passo de dois para trás um para a frente.

MULETOS:

Contam que Palmeirim Silva não

entra em peça de treze letras. Que o De Chocolat não entra em cena sem se benzer. Que os artistas da "Comédia Brasileira" carregam grossas figas de guiné. Mesmo assim — credo Cruz! — não são dos mais felizes e tem sempre ao lado a sombra das azas negras...

Foi por isso, com sua argúcia de observação, que Procopio Ferreira re-



BEATRIZ COSTA

solheu mandar às favas as histórias de amuletos. Vai estreiar num certíssimo dia 13 de uma infalível sexta-feira. E por via das dúvidas estreará com o Diabo!

FORTUNA:

Voltemos ao assunto Oscarito que por sinal teve aqui um vantajoso clichê, na semana passada, sem nada de mais por baixo. Façamos a compensação, portanto.

O caso é o seguinte: está ganhando 18 mil cruzeiros por mês, ou como queiram, 18 contos mensais, pelos seus serviços e os de sua esposa d. Margot Louro, no teatro João Caetano. E' o artista mais caro do teatro brasileiro.

SAIDAS:

A Companhia do teatro Recreio estreou muito bem, com o guarda-roupa de Eva Stachino, a dupla Jararaca e Ratinho, a tropicalíssima Aracy Cortes, a bailarina de fogo, etc. Agora, porém, estão todos fazendo a pista. Já saiu d. Aracy, já saiu a bailarina, já saíram os "boys", vai sair a peça do Ary e qual-

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

PRISÃO DO VENTRE?
PILULAS
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GENTIL
Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitue às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorroidários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou droarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-oito-sete-quatro) - São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

MESBLA
SECÇÃO de PINTURAS
ACABA DE CHEGAR
o famoso
Cimento DUCO
★
COLA TUDO:
PORCELANA, VIDRO,
CRISTAL, LOUÇA, etc.
★
DISTRIBUIDORES:
RUA DO PASSEIO, 48-56
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE
PELOTAS RECIFE DELO HORIZONTE NITERÓI

UM
PRODUTO
DUPONT
MARCA REG.

A Venda
nas Casas de Ferragens,
Tintas, Rádios, Electricidade

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

HERANÇAS

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 23)

penho uma série de razões pecuniárias, que em nada alteram o meu propósito; e então o senhor ameaça-me, como se eu fôra uma criança ou um imbecil, e lança-me á cara todas as brutalidades que lhe vêm á boca: pela primeira vez fico conhecendo o homem que é meu pai: começo a detestá-lo e, uma vez por todas, perco-lhe o respeito: insulto-o! Desde esse infeliz momento, toda a indiferença que o senhor tinha por mim transformou-se em ódio, ódio, legítimo e mortal. E, de então até hoje, o senhor, apesar dos meus esforços em ser bom filho para minha mãe, não procura disfarçar sequer a profunda aversão que eu lhe inspiro! Não é esta a verdade?

— Sim, é! Eu te odeio, porque o teu proceder para comigo, negando-te a aceitar a esposa, cujo dote vinha salvar tua família da miséria, foi indigno e cruel em vista da franqueza com que te falei e das súplicas que te fiz!

— Indigno?! —

— Foi mais: foi degradante, porque foi uma extorsão, foi um roubo!

— Oh!

— Sim, um roubo! Posso prová-lo!

— Não! Não há razões que justifiquem a exigência de tal sacrifício, nem há homem de bom senso que se preste a casar pelas conveniências pecuniárias do pai!

— Ah! Eu fui um déles! Como tu, saí do colégio para aprender a ganhar a vida longe de minha terra; ao voltar a esta casa meu pai apontou-me, como te aponte, a mulher com quem devia eu casar. Recalcitrei, como tu recalcitraste mas o pobre homem trouxe-me para este quarto, que era então o seu gabinete de trabalho, fechou-se comigo e, chorando abriu-me o coração e contou-me a sua vida; disse-me que seu casamento tinha já sido feito em idênticas circunstâncias para salvar meu avô de uma vergonhosa ruína, e pintou-me nua e crua, tal qual como diz contigo, a sua tristíssima posição. Ele, coitado, tinha aqui em casa uma órfã rica e feia, de quem era tutor, e de cujo dote lançara mão; a maioria dela estava a bater á porta; ia chegar o momento da prestação de contas e meu pai não tinha com que. A sua última esperança era o meu casamento com a pupila, essa detestável criatura que foi depois tua mãe. Pois bem! eu, aliás apaixonado por outra mulher, de quem até hoje nunca mais me esqueci; eu não tive ânimo como tu tiveste, miserável, de abandonar meu pai ao desespero e ao opróbrio que o esperavam e sacrifiquei-me por ele. Era o meu dever de filho — cumprí-lo. Meu filho, por sua vez, não fez o mesmo a meu favor — lesou-me! E' um ladrão!

— Cale-se, por amor de Deus! exclamou o rapaz, sentindo que a cólera, dentro dele a custo reprimida, ameaçava rebentar.

— Não me calarei! Hás de me ouvir!

— Oh! cale-se! cale-se! não me queira fazer mais desgraçado do que sou! Cale-se, ou não responderei por mim!

— Ameaças-me?! bramiu o pai. Não te tenho medo!

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-frescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

O rapaz cerrou os punhos, rilhando os dentes. Tremiam-lhe os músculos da face, tal era o esforço que fazia para conter-se.

E os dous olharam-se, em mudo e ofegante desafio. Pai e filho mediram-se com o mesmo ódio, com a mesma irracionalidade hereditária, com a mesma loucura consanguínea.

Uma palavra mais, só uma palavra, bastaria para os lançar um contra o outro.

Mas a porta da sala abriu-se de roldão, e a mãe acudiu correndo para o filho, a cujo pescoço se agarrou com ímpeto.

— Meu filho, não lhe batas! não lhe batas, implorou a miséria.

— Não lhe tocarei! Obrigado, minha mãe... Ele, porém, que saía já da minha presença! Não o posso ver!

— Lembra-te de que ele é teu pai!...

— Seu pai, nunca! vociferou o outro. Não é possível que este monstro seja meu filho!

E, espumando de raiva, dirigiu-se á mulher, com o punho fechado e o braço estendido, quase a tocar-lhe no rosto:

— Esse bandido é teu sangue, é só teu sangue! Semelhante traficante nunca poderia ter procedido de mim! Concede-me de qualquer cigano ou de qualquer vaqueiro errante!

— Ah! gemeu a mulher em um grito de dor e de revolta, levando ao coração ambas as mãos, como se o tivessem apunhalado.

— Rua! berrou o pai. Sai já daqui de minha casa! Rua, miseráveis!

E atirou-se sobre o filho, para o lançar fora.

Ouviu-se então um bramido de fera assanhada. O rapaz com um movimento rápido, empolgara-o pela cintura, gritando-lhe feroz:

— Tu és que sairás, infame! Vou despenhar-te pela escada!

E travou-se a luta, irracional e bárbara. Pai e filho eram ambos possantes e destemidos. O rapaz cingia o outro pelos rins e, aos arrancos, procurava arrojá-lo para o corredor. Mas o adversário resistia, e os dous estreitaram-se com mais gana, feitos em um só, em uma só mole, ofegante e furiosa, que rodava aos trancos pela casa levando aos trambolhões o que topava, despedaçando móveis e vidraças, esfregando-se pelas paredes, a rodar sempre, fundidos em um infernal abraço de ódio, filho de ódio, de ódio do mesmo sangue.

Afinal fraqueou o mais velho, caindo de joelhos. E o outro, de pé, começou a arrastá-lo penosamente para o lado da escada.

— Hás de sair! Hás de sair!

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

O arrastado forcejava para resistir ainda, escorando-se no chão com os pés, com as pernas e com os cotovelos; mas, polegada a polegada, ia cedendo. Arravam como dous touros.

— Larga-me! Larga-me!

— Hás de sair! Hás de sair!

E aproximavam-se do patamar. Já parte do caminho estava vencido. Não tardaria o primeiro degrau. O mais velho, porém, a certa altura do corredor, fez um supremo esforço para erguer a cabeça e, pondo as mãos, suplicou de joelhos, quase sem fôlego:

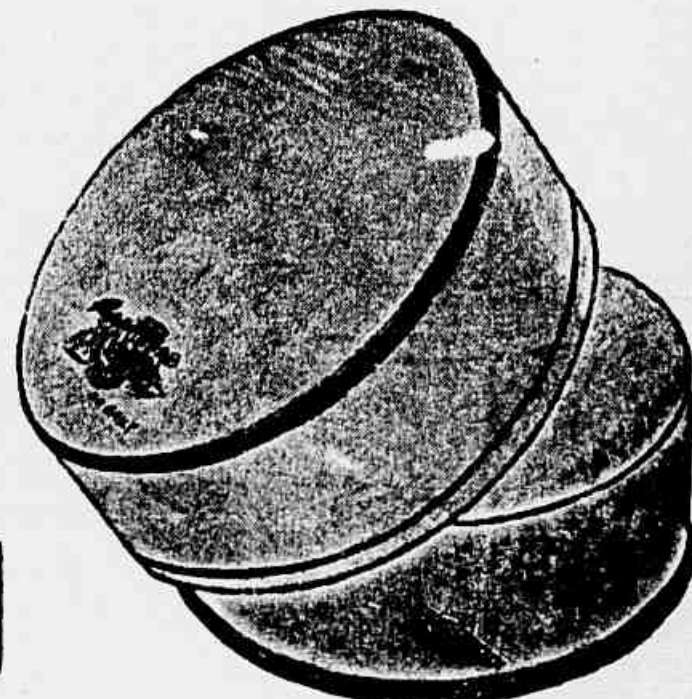
— Para aqui, por amor de Deus! Não me leves mais adiante!... Foi até aqui, neste lugar justamente, que eu, nestas mesmas condições, uma noite como esta... arrastei teu avô como me estás arrastando agora!... Não me leves além do que eu o levei!... Não seria justo!... Vingaste-o!... Estamos quites!

Pó de Arroz
RÊVE ROSE
de GALLY
Sonho
que se tornou realidade!...



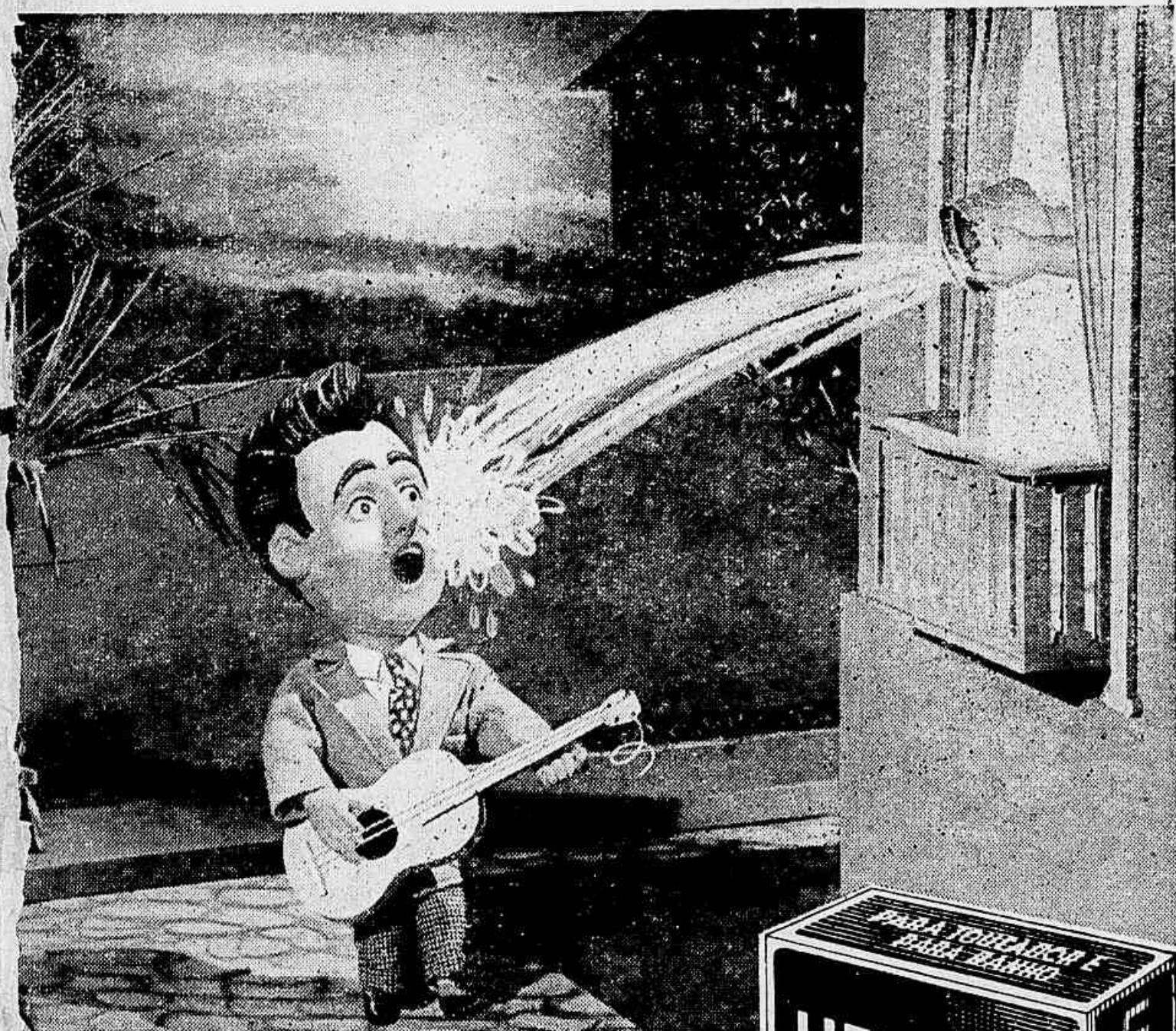
Róseos sonhos de amor... desejos de aprimorar a sua beleza e sedução... este é o momento em que o pó de arroz Rêve Rose, de Gally pode transformar o seu sonho numa realidade, dando ao seu rosto o novo fascínio de um irresistível encanto! Finíssimo pó de arroz, com artística apresentação, em oito tonalidades e suave perfume, Reve Rose, de Gally é um produto indispensável em seu toucador.

Nas cores: Branco - Rosa - Raquel - Ocre claro
- Ocre escuro - Ocre rosée - Gitane e Péche



À VENDA EM TODO O BRASIL

"tal" que não usa **LIFEBUOY**



Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! A usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

SEGURA SEU 'ASSEIO CORPORAL'!



LINTAS Lr-15 80-0220 A

OUTROS MODELOS

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

BLOMBINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

COSTUME JUVENIL, COMBINAÇÃO
DE DUAS CORES COM BOR-
DADO.

COSTUME DE ALGODÃO, CASACO
BRANCO E TELHA, SAIA TELHA.

ORIGINAL COSTUME COM PINÇAS
PESPONTOS E UVA GOLA EM GODET
EMBUTIDA NOS PESPONTOS.

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

GRACIOSO COSTUME COM
ENFEITES DE PINÇAS E
PESPONTOS



incarelli

MIRANTE ROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

CRIMES SEM CAUSAS

Conclusão da pág. 39

Pegou o bilhete que o criminoso deixara. A letra era apressada e disfarçada... Virou, distraidamente a folha e leu o que o médico estivera escrevendo.

— "Lupton. Fiquei como um desesperado. Era impossível. Tomara todas as precauções. Mas, para um clínico fazer uma operação de emergência... Estava destreinado. A paciente morreu. Os jovens clínicos, na minha opinião devem, de vez em quando, fazer uma experiência de operação, para, quando forçados a isso, não cometerem o mesmo erro que eu"...

Hanley pulou na cadeira.

— Onde está a continuação? Onde está a continuação?

O Inspetor que esperava que ele acabasse de ler, disse:

— A continuação do que, superintendente?

— Os papéis. Os papéis que o médico estava escrevendo...

— Estão sobre a mesa...

— Onde?

— Apanhe. Imediatamente!

— Aqui está... Ia dizendo o inspetor quando parou, abrutamente. Ué!

— Que foi?

— Desapareceu!

— Onde estava?

— Sobre a mesa. Não toquei em nada.

— Mas, nesse caso...

— Alguem roubou...

— Inspetor.

— Pronto Superintendente?

— Lembre-se da nossa conversa de ainda há pouco?

— Sim...

— E lembra-se quem estava atrás da cortina?

— A srta. Lupton...

— Exatamente. Compreendeu?

— O senhor quer dizer que ela roubou os papéis depois de nós sairmos.

— Por que não?

— Mas ela já não ia entrando em casa quando o senhor a viu?

— Quem a impedia de voltar, enquanto interrogávamos os guardas?

— Meu Deus!

— E há mais, Inspetor. Há mais!

— Mais?

— Sim. Leia isso....

O Inspetor, muito espantado, leu.

— Viu o nome, Inspetor?

— O nome de... Lupton?

— Sim.

— Que lhe parece?

— Bem, parece que a mãe da Srta. Lupton que morreu quando ela nasceu...

— Morreu por negligência ou descuido do médico...

— E que...

— E que a senhorita Lupton...

— ...ou a avó...

— Matou o médico e a esposa...

— Mas por que a esposa, também?

— Talvez por que foi surpreendida por ela...

— E a telefonema?

— Justamente para despistar...

— Se foi a neta...

— Se foi a avó...

— Vamos, Inspetor?

— Vamos, Superintendente...

Porem já estava chegando á porta quando o inspetor disse.

— Não!

O Superintendente parou, espantado.

— Que houve?

— Não pode ser! Que tolíce a minha...

— Que foi?

— Eu, preocupado em investigar o fato, esqueci-me de que sou testemunha!

O Superintendente sobressaltou-se:

— Testemunha?

— Sim. Estava a dois passos quando o crime foi cometido. Por isso, cheguei tão prontamente. Superintendente, tenha a bondade de tomar nota porque eu vou dar testemunho.

O Superintendente abriu o caderno de nota e falou:

— Diga...

O Inspetor começou:

— Fazia a minha ronda habitual. Passei pelos guardas que não se referiram a mim, pois nem acharam necessário. Sou o guarda noturno. Não era preciso nem dizer que eu estava aqui. Pois passei pelos guardas, pouco antes do crime e vim subindo a rua pelo lado esquerdo, justamente onde está a casa do doutor, e vinha do lado de baixo, isto é, passei, primeiro, pela casa de Madame Lupton, e subi a rua, em direção á casa da solteirona Stevens. Porém, ao passar pela casa de Carlton, notei que estava aberto o portão e que ele, como é seu costume,

deixara um maço de cigarros, para mim, em cima da mesa da varanda. Entre, sentei-me um instante, para fumar. Confesso isso. Não deveria ter feito, e era irregular, mas fiz. Estava... do alí, quando ouvi Mário sair de casa... o médico de que se estava chamando... Ouvi a voz dele, depois o grito de Maria Martin. Fiquei um momento interdito, sem crer, realmente, no que ouvia. Finalmente, corri para a casa do médico, onde encontrei Mário que arrombara a porta e entrara...

— Mas, você quer dizer que estava na casa de Carlton?

— Sim.

— E que dominava a rua toda?

— Não. Via uma seção dela, compreendendo a casa dos Barnes, porém a casa do médico e a de Mário, no mesmo lado que eu, escapavam...

— Mas tem a certeza de que ninguém passou para cima, para o lado da casa do doutor?

— Tenho. Estava olhando a rua.

— E não compreende o que acaba de dizer?

— Acaba de revelar o nome do criminoso.

— Como?

— O' estupidez humana! Você não diz que ninguém passou para cima?

— Sim.

— E que a casa dos Barnes estava vigiada?

— E que ouviu Mário acordar e sair a uma hora em que o criminoso já estava dentro da casa do doutor?

— Sim!

— Quem mais resta que não foi mencionado, que mora mais acima e podia ter passado sem que você visse?

— Ah!

— Sim. A velha solteirona Marta Stevens.

— Mas, por que uma velhinha...?

— Não havia um bilhete dizendo que não acharíamos o motivo? Com certeza uma outra negligência do doutor...

— Os papéis que desapareceram!

— Com certeza confissão de mais uma negligência do médico...

— ...que constituiu o motivo do crime...

— Afinal de contas, não foi preciso achar o motivo para o crime...

— O acaso, como frequentemente faz, conspirou contra a assassina!

— Graças a Deus!

— Amém.

ORGANDY
DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TONICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA
FARMACIA
RUA DE JANEIRO
T. T. T. T. T.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Pequenos
BANKETS



Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!



Típos da Romania.

Esboços.
(Inverno de 1927)



Contra-regra: ruído discreto de bancos.

OFICIAL — Meus amigos, Londres foi bombardeada pela oitava vez no dia de hoje. Os boches preparam com grande entusiasmo a invasão... e não tenham a menor dúvida que a ilha está embandeirada para receber tão agradável visita!...

Côro: gargalhadas.

OFICIAL — Mandámos fazer um palanque especial para o marechal Herman Goering e o sr. Joseph Goebbels...

Côro: risadas distantes.

OFICIAL — Bem, senhores, em nome do ministro do Ar felicito-os pela conduta impecável como receberam no céu de Londres com os seus "Spitfires" e "Hurricanes" os "Messerschmidts" de nossos intransigentes e teimosos amigos do outro lado do Reno... Bem... Agora o serviço desta noite. A esquadrilha do tenente Smith Buchanan atacará as docas do Havre. Aqui está o roteiro...

OFICIAL — Capitão Robert Speed!...

VOZ — Presente!...

OFICIAL — Comandarás mais uma vez a tua esquadrilha... Partirá esta madrugada e bombardeará quatro depósitos de combustíveis no Gironde... Conforme foi exposto no início da reunião presente, só lhes resta aguardar novas instruções se por acaso surgirem... Está tudo dito por hoje!... Good Luck, rapazes!...

Técnica: murmúrios.

OFICIAL — Capitão Leslie Westbury!...

LESLIE — Presente!...

OFICIAL — Preciso falar-lhe em meu gabinete!...

LESLIE — Perfeitamente, meu coronel!...

OFICIAL — Queira acompanhar-me...

OFICIAL — Capitão Leslie Westbury, vai ser incumbido de uma perigosa missão...

LESLIE — Já fui notificado dessa tarefa, meu coronel, e, creia, muito me apraz essa missão...

OFICIAL — Embarcará num bombardeiro esta noite... Os aviões da Raf transportam panfletos, bombas e agentes do nosso serviço secreto... Não ignora isso, não é verdade?

LESLIE — Estou ciente disso, meu coronel!...

OFICIAL — O seu avião passará às três da manhã sobre uma aldeia francesa... e o senhor saltará de paraquedas a poucos quilômetros de Benoet, que é o nome dessa aldeia!... Conhece, não é verdade?

LESLIE — Onde se acha a minha esposa...

OFICIAL — E foi por isso mesmo que o serviço secreto o escolheu... O senhor partirá esta madrugada às três da manhã...

Técnica: disco de motor de avião.

VOZES — Good Luck, Leslie!... Felicidades, capitão!...

Técnica: disco de avião a toda força.

INTERLÚDIO

Técnica: disco de avião em pleno vôo.

OFICIAL — Alô, Smith!... Algo de novo?

PILOTO — Acho que vai estourar... Aquelas núvens...

Técnica: trovada bem distante.

OFICIAL — Procure mais altitude... Vôe a seis mil pés...

PILOTO — OK!... Capitão...

Técnica: ruído mais forte de motor de avião.

OFICIAL — Estamos a quinze minutos da Vendéia...

Técnica: disco de trovada mais forte.

OFICIAL — Procure ganhar altitude, Smith... Se for possível voaremos por cima da tempestade...

PILOTO — O.K., capitão!...

Técnica: aumentar o volume de motor.

CAPITÃO — Está rugindo bem o motor?

PILOTO — Maravilhosamente, capitão!...

CAPITÃO — Bem... Vou ter a última palestra por hoje com o capitão Westbury...

INTERLÚDIO

CAPITÃO — Capitão Westbury... estamos chegando... Tudo bem?

LESLIE — Espero o sinal, capitão Raleigh...

CAPITÃO — Bem... tenho ordens do coronel Brandley, de repetir mais uma vez as instruções recebidas... Westbury, meu amigo, não te inquietes se vires o teu nome entre os oficiais do teu regimento mortos em Dunquerque.

LESLIE — Quer dizer então que minha mulher na França imagina-me morto?

CAPITÃO — Provisoriamente... O teu relógio-pulseira e a tua carteira já foram enviados num pacote e já chegaram a Benoet por intermédio da Cruz Vermelha Internacional...

LESLIE — Não me esqueci disso, meu caro Raleigh. E esse amigo 44?

CAPITÃO — O senhor 44 já nos informou que a tua "viúva" exibiu no salão do castelo de Benoet o teu falso retrato. O serviço de contra-espionagem nazista tem falsas informações sobre o falecido capitão Leslie Westbury...

LESLIE — O caminho está livre?

CAPITÃO — Livre.

LESLIE — E onde descerei, Raleigh?

CAPITÃO — Descerás ao sul da linha de demarcação, em paraquedas... É muito mais prudente do que deixar-te na zona ocupada...

LESLIE — Na aldeia de Martenay, na Vendéia?

CAPITÃO — Exatol

LESLIE — E esse capitão Detang?

CAPITÃO — Já está informado da tua partida por uma irradiação clandestina. Está à espera da passagem do nosso bombardeiro... Podes confiar nesse antigo combatente da Legião Estrangeira... Sabes então o que tens a fazer na região de Brest, meu caro Westbury?

LESLIE — Vender bastantes artigos domésticos... (risos) Uma coisa, Raleigh... Nunca saltei de paraquedas... confesso que estou um pouco nervoso... Qual a impressão que se tem?

RALEIGH — Não posso explicar bem... mas dir-te-ei que é uma coisa agradável. Melhor do que subir uma ladeira, meu velho... Cansa menos... (risos) Vais atirar-te como um aprendiz de natação que pela primeira vez salta do trampolim para a água fria...

Técnica: ruído forte de motor.

LESLIE — Estamos descendo...

Técnica: cessar ruído de tempestade.

RALEIGH — Saimos da zona tempestuosa... Espera!... Alô, Smith!... Estamos chegando!...

PILOTO (bem distante) — Voamos sobre os campos da Vendéia, capitão Raleigh!...

RALEIGH — A quantos pés?

PILOTO — O altímetro marca dois mil pés...

RALEIGH — Prepare-se, Westbury... Ao saltar conte os segundos rituais e pule pela corda...

LESLIE — Compreendido, Raleigh...

RALEIGH — Vai sentir um impulso logo após puxar o

corda... Terá a impressão de que um gigante o suspende pelas axilas... Depois a descida será suavíssima... Talvez aterre num ribeiro... num teto ou sobre a pavimentação duma estrada...

Técnica: ruído de motor forte.

RALEIGH — Descemos ainda mais... Incline-se sobre o alçapão do bombardeiro e espere o sinal!...

Técnica: avião mais forte.

RALEIGH — Então, Smith?

SMITH — Dois mil pés... Atenção!...

RALEIGH — Atenção, Westbury!...

PILOTO (distante) — Pronto!...

RALEIGH — Boa sorte, Westbury!... Salte!...

LESLIE — Obrigado!... Até a Vitória!...

Contra-regra: ruído de um alçapão que se abre.

Técnica: ruído de motor mais forte; de avião que vai desaparecendo lentamente.

INTERLÚDIO

DETANG — Que horas são no teu relógio, Severin?

SEVERIN — Duas e quarenta e cinco...

DETANG — Certinho com o meu relógio... Ele deve passar por aqui dentro de poucos minutos... já devia ter chegado...

Técnica: ruído bem distante dum motor de avião.

DETANG — Ele!...

SEVERIN — Qual foi o sinal combinado, capitão Detang?

DETANG — Se o agente secreto viesse no bombardeiro, ele passaria por cima da aldeia de Marthenay a muito pouca altura...

Técnica: ruído de avião que vai crescendo lentamente.

DETANG — Olhe!... Acendeu as luzes da cauda...

SEVERIN — Estou avistando o bombardeiro... E ele desce... desce...

DETANG — Sim... é o sinal... está voando baixo...

Técnica: volume forte de avião durante oito segundos e decrescer lentamente.

DETANG — O sinal... Vamos!... O agente deve ter saltado...

Técnica: avião distante.

DETANG — Para o bosque... próximo ao ribeiro...

Técnica: cessar avião.

DETANG: para o campo de restolhos...

SEVERIN — Foi o lugar combinado, capitão Detang?

DETANG — Sim... Indiquei o bosque que fica junto a esse campo... difícil de se enganar...

DETANG (chamando) — Ei!... Leon Vestraet!... (pausa) Ei, Leon Vestraet!...

SEVERIN — E' esse o nome do agente?

DETANG — Sim...

SEVERIN — Aquêlê cercado de sebes e silvas... quem sabel...

DETANG — Fique aqui... Severin... (pausa e distante) Leon Vestraet!...

LESLIE (distante) — Leon Vestraet!...

DETANG — Oh!... Bravos!... Bravos!... Vamos!... Tudo bem?

LESLIE — Magnificamente, meu amigo... magnificamente...

DETANG — Vamos... deve ter frio até à medula... Tenho um conhaque preparado e a casa fica aqui perto!... Severin... Rápido!... Na frente para a cabana!...

INTERLÚDIO

DETANG — Agora o café, Severin... bem quente...

Contra-regra: ruído de vidros e gorgolejar de líquido.

DETANG — Mais um gole, capitão Leslie Westbury...

LESLIE — Mais uma vez, capitão Detang... Minha esposa, como vai ela? Viu-a o senhor?

DETANG — Não se preocupe, capitão Westbury... Vai muito bem... e está sendo cortezmente tratada pela oficialidade do Estado Maior que requisitou o castelo...

LESLIE — Esta notícia é um grande desafogo, capitão Detang... E a família de minha esposa?

DETANG — Só falei ao general e madame Westbury...

LESLIE — Mas... como recebeu a notícia de minha morte, capitão?

DETANG — Como só poderia receber uma esposa que adora o marido... mas creio que o negócio de fotografias trocadas... animou-a bastante...

LESLIE — Você disse alguma coisa?

DETANG — Bem sabe que nada poderia dizer... Instruções dos superiores...

LESLIE — Ah!... E' verdade!...

DETANG — Mais um gole, capitão Westbury!

LESLIE — Obrigado!... (estalando a língua).

DETANG — Que tal?

LESLIE — Capitão Detang... não sei se Napoleão ganhava as batalhas, mas que distilava um conhaque famoso, disso não tenho a menor dúvida...

DETANG — Meus cumprimentos, capitão Westbury... Recebeu uma bela missão... Perigosa e digna dum oficial com bela fôlha de serviço...

LESLIE — E creio que a sua, capitão Detang, não é desprovida desses perigos... Contrabandista de homens... Retribuo-lhe a polidez, capitão Detang...

DETANG — E' preciso auxiliar os amigos... e depois eu não gosto de jogar bridge. Mas falemos seriamente... Recebi um recado na tarde de ontem do senhor 44... Avisou-me que era urgente que passasse para o outro lado...

LESLIE — Conto com você para isso, meu caro Detang!

DETANG — E não estou aqui para outra coisa, meu amigo... O essencial é não estragar a operação. A vigilância se torna mais severa. Segunda-feira à noite, eles mataram um rapaz...

LESLIE — Um espião, Detang?

DETANG — Não!... Um pobre diabo que ia roubar umas batatas para comer...

LESLIE — E como conseguiremos passar para a zona ocupada para ançar Benoet?

DETANG — Madame Merigault.

LESLIE — Madame Merigault?

DETANG — Madame Merigault é uma velha francesa que tem mais flama ainda que a "Marselhesa", capitão Westbury... E' proprietária dum albergue na estrada de Saumur... O albergue das Três Espigas!... E' uma matrona que tem mais bigode do que um homem e tem um braço que muitos bêbedos conhecem de sobra e não querem experimentá-lo uma segunda vez.

LESLIE — Podemos confiar então nessa mulher, Detang?

DETANG — Sem a menor hesitação...

LESLIE — Fica muito longe daqui?

DETANG — Oitocentos metros desta aldeia... Podemos ir agora... depois do café... E' verdade... Ó Severin!... E esse café?

SEVERIN (distante) — Está quasi pronto... começou a ferver...

LESLIE — Enquanto esperamos o café deixe-me preparar a minha bagagem...

Contra-regra: ruído cesto pesado sobre uma mesa.

DETANG — Que é isso? Esse cesto... Pescador à linha?... Faz parte do seu disfarce este cesto de pesca, Westbury?

LESLIE — Olhe para dentro do cesto!...

DETANG — Olá-lá!...

LESLIE — Sou pescador de ondas... as ondas curtas, meus amigos...

DÓTANG — Hum... agora tornou-se mais perigosa a sua situação, Westbury... com êsse aparelho de rádio dentro dêsse cesto... Se o seguram está frito!

SEVERIN (passos rápidos e ruído de louças) — O café, capitão... o café!...

DETANG — Deixe a bandeja aí, Severin, e vá na nossa frente...

SEVERIN — Ao albergue de madame Merigault?

DETANG — Sim... Avise-a de nossa chegada... Entraremos pela porta dos fundos. E se estranhar algo no caminho, volte ao nosso encontro...

SEVERIN — Très bien... mon capitaine...

INTERLÚDIO

Técnica: murmúrios de restaurante.

VOZ — Como é, Merigault!...

MERIGAUT — Espere!... (passos) Escute uma coisa, meu detestável inimigo... Não pense que por ser um sub-oficial boche, vai me meter medo!... Espere, se quer ser atendido!...

CÔRO — (Gargalhada).

MERIGAUT — Outro dia botei o cabo de vassoura em um que disse que alemão na França não paga o que bebe!...

CÔRO — (Gargalhadas).

MERIGAUT — François!... Traga o que beber para esta mesa... Cobre adiantado...

MERIGAUT — Que bebes tu, Severin?

SEVERIN (baixinho) — Já estão lá dentro, Merigault!...

CÔRO — (Risadas).

MERIGAUT (baixinho) — Sim... (gritando) Não ouvieste, brutal!... Estou falando contigo!... Que bebes? Já estás embriagado só com a vista das garrafas?

SEVERIN — Um conhaque, velha coruja!... Um conhaque!...

MERIGAUT — Ó François!... Um conhaque aqui para êsse nariz de papagaiol (baixinho) E veio o outro?

SEVERIN — Sim...

MERIGAUT (gritando) — Fale alto!... Não fales baixo... Fiado, não, senhor... Cobre aqui dêsse marmanjo se êle quizer beber!... (risadas).

DETANG — Olhe por aqui, Westbury... Está cheio de soldados alemães...

LESLIE — E que velha corajosa... Como os trata!... E êles aturam até o fim... e sem uma palavra!...

DETANG — Eles levam tudo na troça!...

LESLIE — Não é muito velha, madame Merigault...

DETANG — Entrou nos cinquenta... é forte como a senhora Angot, e gorda como tôda saudável camponesa do Angevin...

LESLIE — E autoritária...

DETANG — De uma cordialidade preciosa, Westbury... Uma patriota sob os tons de Juno de 200 libras, com um coração de ouro e uma dedicação ilimitada à causa dos Aliados.

LESLIE — Realmente... E' um tipo de 'mulher que desconcerteria os romancistas anglo-saxões, habituados a pintar a francesa sob os traços da morena faceira e frívola...

DETANG — Esta mulher, meu caro Westbury, tem nas veias a seiva milenar da velha província de Anjou. O marido foi morto no Marne em 1914. Ela jurou fazê-los pagar caro o grande desgosto da sua vida. Não tem medo de nada!...

LESLIE — Eu presenciei um pouco... Ela aterroriza os soldados e sub-oficiais que aqui entram...

DETANG — Ela merecia a cruz de guerra com palma e tudo... Já auxiliou mais de 600 homens a atravessar a fronteira nos dois sentidos...

LESLIE — Reunirem-se a De Gaulle...

DETANG — E os suspeitos procurados pela Gestapo...

LESLIE — Ela está falando a Severin...

DETANG — Severin avisa-a então que estamos à sua espera...

LESLIE — Sim... Ela encaminha-se para aqui...

Contra-regra: passos. maçaneta.

Técnica: ruído de restaurante e murmúrios mais fortes três segundos e ficar em back-ground.

MERIGAUT — Bon soir, jovens...

DETANG — Boa noite, madame Merigault... Algo?

MERIGAUT — Não se preocupem... Os meus homens estão de olho vivo... Não há perigo, só há boches caindo de bebedeira...

DETANG — Aí está o amigo que lhe falei...

MERIGAUT — Então é você que vai fazer um trabalho entre os Fritz?

DETANG — Sim...

MERIGAUT — Inglês... Oh!... Parece-me que já o vi em qualquer parte e não faz muito tempo...

LESLIE — Na igreja de Benoet, madame Merigault... No dia do meu casamento!...

MERIGAUT — Oh!... O oficial inglês que se casou com a castelã Kergueven? Sim... Sim... Um copo de vinho, meu amigo... Pobre rapaz... Cortaram o fio da lua de mel a ponta de tesoura... mas não há de ser nada... Vamos, um copo de vinho...

Contra-regra: gorgolejar de líquido.

LESLIE — Basta, madame... Obrigado...

DETANG — Madame Merigault... Eu gostaria de conduzi-lo esta noite. Que caminho me aconselha?

MERIGAUT — A falar a verdade, meu capitão, há cinco dias que a estrada não está boa. Sabe que eu tenho um informante entre êsses excomungados boches... E' o Felwebell Shuete, que comanda o posto de Petit Moustiers. Esse grande porco vem rofocilar-se aqui. Eu lhe dou gratuitamente macarrão e salsichas. E êle me adora...

DETANG — Quer dizer que lhe revela onde estão as sentinelas?

MERIGAUT — Justamente... e isso é esplêndido, pois me facilita para mandar o rapaz com a correspondência secreta para a zona... Soube assim que os postos foram duplicados ao longo da estrada nacional, do grande Maine e da Floresta de Saint Luc...

LESLIE — Não recebeu o aviso que devia passar ainda esta noite para o outro lado, capitão Detang?

DETANG — Sim... Ordem do senhor 44.

MERIGAUT — Só há uma ordem urgente a cumprir... Bem sei que homens como vocês não medem e tão pouco avaliam o perigo duma tarefa... Mas, se têm de passar esta noite para o outro lado, aviso-lhes que é preciso muito cuidado...

DETANG — A ordem é passar...

MERIGAUT — Tudo preparado?

DETANG — Quem? Ele?

MERIGAUT — Sim... Como poderá êle justificar-se na aldeia de Benoet junto às autoridades de ocupação?

DETANG — Ele tem todos os documentos fornecidos e forjados pelo Intelligence Service... Um passaporte belga com o nome de Leon Vestraet... Profissão, jardineiro... Evacuado da Bélgica em junho e refugiado em Tarn... Um salvo-conduto emitido pela Mairie de Castres... Um cartão de racionamento de carne semi-consumido, a fotografia em cartão postal, da irmã, uma flamenga, tirada em Anvers, com um carimbo belga e algumas linhas banais... Que diz, madame Merigault?

MERIGAUT — Palavra de honra... estou quasi contratando êsse jardineiro (risos).

LESLIE — Quando acha que posso tomar caminho para Benoet?

MERIGAUT — Antes das dez horas... Porque as rondas circulam mais cedo ainda.

LESLIE — Às dez horas, então?

DETANG — Sim...

MERIGAUT — Senhores!...

Contra-regra: ruído de gorgolejar de líquido.

MERIGAUT — Senhores!... Pela França e pela Grã-Bretanha!...

Contra-regra: toque de copos.

TODOS — Pela liberdade!... Abaixo os tiranos!...

INTERLÚDIO

Técnica: disco de vento e disco dum riacho.

DETANG — Sempre marginando o riacho, Westbury...

LESLIE — Felizmente a noite está escura... Nem uma estrela no céu...

DETANG (baixinho) — Westbury!... Ventre à terra... Deitemo-nos!... Cuidado!... Nem uma palavra... (pau-sa) Vamos...

LESLIE — Nada?

DETANG — Falso sinal, felizmente...

LESLIE — Foi e ainda é um bom caçador, Detang!...

DETANG — Aprendi as manhas dos guerrilheiros árabes no deserto, Westbury... Do outro lado é a zona ocupada.

LESLIE — Se não me engano, lembro-me que por aqui tem uma ponte, não é verdade?

DETANG — Exatol... A cem metros, mais ou menos... Essa ponte fica abaixo cem ou cento e cinquenta metros da correnteza...

LESLIE — Naturalmente guardada pelas sentinelas...

DETANG — Sim... aqui está o ribeiro... Vamos atravessá-lo... a água dá apenas pelo ombro!... Vamos!...

Contra-regra: três tiros.

DETANG — Abaixem-se, Westbury... esconda-se entre os caniços do rio... Ligeiro!

LESLIE — Fomos vistos!...

Contra-regra: gritos bem distante do microfone: Pega!...

Crown!... Pega!... Moon!...

Técnica: latidos distantes.

DETANG — Por Deus!... Lá estão eles com os seus cães policiais. Fomos vistos e estão examinando a outra margem... Escondamo-nos aqui...

Técnica: latidos fortes que se aproximam.

DETANG — Os cães descobriram-nos pelo farol... Veem em nossa direção!...

LESLIE (baixinho) — Os alemães estão examinando a outra margem...

DETANG — Vamos parar aqui...

LESLIE — Os cães vão encontrar-nos pelo farol.

DETANG — Possivelmente, se eu não viesse prevenido para isso... Westbury, abra por mim, o bolsão de couro... Você está mais à vontade... não posso perdê-lo de vista... abra o bolsão...

LESLIE — Diabos... está escuro... Como se abre isso, Detang?

DETANG — Fêcho éclair... Westbury... está na parte superior do bolsão...

Técnica: latidos distantes.

DETANG — Achou?

LESLIE — Achei!... (correr fêcho éclair) — Upa! Que coisa horrível!... Que cheiro medonho!... Que é isso embrulhado nesse papel, Detang?

DETANG — Meu truque, Westbury... Tenho esse truque patenteado: S.G.D.G. Vai ver como surte efeito... Desentrole... abra o embrulho! (ruído) Ligeiro, capitão Westbury... cães já se orientaram.

Técnica: latidos mais próximos em segundo plano.

VOZES (bem distantes) — Upa!... A êles!... A êles!... (latidos).

LESLIE — Mas que cheiro horrível! Carne podre!

DETANG — Justamente... carne apodrecida... Já adivinhaste, não? O corpo humano, meu caro Westbury, tem um cheiro especial e muito bom para um cão policial, mas este material é espêto!

LESLIE — Compreendi a eficiência do seu truque, meu caro capitão Detang...

Técnica: latidos mais fortes.

DETANG — Estão retirando as correntes dos cães... Se não fôsse essa carne apodrecida, capitão Westbury, em menos de cinco minutos estaríamos nos dentes desses molossos... Lance a carne na corrente do riacho! Não está amarrada a táboa? Verifique se está bem amarrada!

LESLIE — Otimamente!

DETANG — Lance a carne nágua...

LESLIE — Lá vai!

DETANG — Observe agora como tudo vai modificar...

LESLIE — O odor da carne vai com o fio da corrente...

DETANG — E os cães irão com ele... e os boches também...

Técnica: latidos que se afastam cada vez mais.

LESLIE — Afastam-se... Os latidos já estão a uns cinquenta metros...

DETANG — Seguem a carne que vai arrastada pela corrente da outra margem.

LESLIE — Viu-os... olhe... a sombra dos guardas... os cães arrastam-nos... sentiram a carne...

DETANG — Quatro guardas... (latidos bem distantes).

VOZ — Ligeiro! Ligeiro, Wilhelm! Nero farejou o cara que foge! Vamos colhê-lo como uma flôr! Vamos, Nero! Wulf! Vamos!

DETANG — E irão assim até o fim da corrente... (rindo) Então, Westbury, que acha?

LESLIE — Meus cumprimentos. Foi muito bem pensado esse seu artifício... A Legião Estrangeira é uma escola!

DETANG — Muito ainda se tem de aprender com os guerrilheiros árabes, meu caro Westbury... Bem... o perigo já passou. Vamos! Vamos para casa... não podemos passar hoje...

LESLIE — Voltar?

DETANG — Voltar e estudar um plano mais seguro... A guarda está duplicada e hoje com o que acaba de acontecer, o serviço de vigilância vai ficar muito atento... Vamos para o albergue de Mme. Merigault.

INTERLÚDIO

MADAME — Fizeram bem não se arriscarem a noite passada...

DETANG — Vigilância redobrada?

MADAME — Movimentar-se-ão as patrulhas até ao amanhecer... Jovens! A ocasião sonhada surgiu... muito menos perigosa do que passar a fronteira à noite... O capitão Leslie Westbury entrará na zona ocupada amanhã, em plena luz do sol, ao meio dia.

OS DOIS — Ao meio dia?

MADAME — Ao meio dia!

DETANG — Como?

MADAME — O capitão Westbury entrará na zona ocupada ao meio dia, como recém-casado.

LESLIE (dando uma gargalhada) — Eu? Recém-casado? Diabos... Como se complica a minha situação... Minha esposa ficou viúva por ordem do Intelligence Service, e eu, o falecido, é que vou contrair matrimônio?...

MADAME — Justamente... Num estado de guerra tudo é possível acontecer.

DETANG — Explica-nos esse teu plano, minha velha.

MADAME — Digo-lhe que é uma oportunidade única. Amanhã...



HALL DE ENTRADA

"A mais viva impressão é sempre a primeira", costuma dizer o povo em sua singela sabedoria. Levando em conta êste adágio, convem dar aos que visitam sua residência uma primeira impressão que lhes grave favoravelmente na memória a imagem do conjunto de sua casa.

Com êste fito oferecemos aqui um modelo de *entrance hall*, mobilado em estilo moderno e tipicamente americano.

Por trás do grande sofá está entretanto colocado um grande biombo chinês, com imagens brancas desenhadas sôbre o fundo de charrão negro.

Este móvel empresta ao *hall* um luxo oriental, que dá à entrada da linda residência um aspecto de distinção e severidade.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Os brasileiros na ofensiva

Acontecimento de magna importância na história do nosso país, capaz de ficar como um separatório marco de 2 épocas — antes e depois da segunda grande guerra mundial — foi a atitude desassombrada do Brasil tomando o seu lugar ao lado das Nações Unidas. As vetustas e gloriosas terras da Itália, onde a humanidade viveu alguns dos seus momentos culminantes, estavam destinadas a presenciar a chegada e a entrada em ação dos nossos patrícios. Pela primeira vez soldados brasileiros lutam no solo da Europa, constituindo um exército regular.

Estes jovens misturando o seu sangue ao da mocidade de todos os povos que lutam pela liberdade, pela justiça e pela extinção da tirania da superfície do mundo, são credores da nossa admiração e do nosso respeito.

Eles estão garantindo para nossos filhos e netos uma situação melhor no futuro.

Estamos lutando contra a tirania e a opressão, que o povo brasileiro nunca pôde suportar, desde as origens da sua história.

Assumindo esta atitude, estamos apenas sendo coerentes com as nossas crenças e as nossas tradições.

Sempre lutamos contra invasores e imperialistas, desde os primórdios da nossa história, quando mal tínhamos uma noção clara e definida de nacionalidade.

Esta consciência de união e de independência foi sempre o nosso lema.

Nunca o Brasil teve tanta consciência do seu papel na história, da sua existência como nação livre, que sabe defender os seus direitos e zelar pela sua liberdade.

Com isto demos também ao mundo um exemplo de firmeza e determinação, ingressando definitiva e gloriosamente para as páginas da história.

Estes rapazes são os vingadores dos seus irmãos que morreram assassinados por aqueles submarinos que vieram praticar o seu crime nas costas do nosso país.

Provavelmente, os comandantes das tripulações daqueles corsários, em pleno delírio da invencibilidade da "super raça", não contavam que outros navios sairiam dos nossos portos, carregados de soldados armados e decididos que iriam, em solo europeu, ajudar a extinguir a então invencível "Wermacht".

Hitler havia estendido o seu domínio por quase todo o continente europeu. Contando com a covardia e a decadência dos seus vizinhos, as suas tropas espalharam-se pela Europa. A humanidade viu-se na iminência de ser estrangulada pelos bárbaros.

Todas as regras de direito internacional, todos os fundamentos da moral e da justiça foram esmagados pelos nazistas. Eles não acreditavam que dentro de poucos anos pudessem ser julgados pelas suas vítimas.

Se olharmos entretanto para os mapas da guerra atual, podemos verificar o quanto mudou a situação.

Aperta-se inexoravelmente o cerco à Fortaleza cuja inexpugnabilidade foi tão fartamente propagada pela propaganda nazista do dr. Goebbels.

Em toda parte, estes homens desassombrados que deixaram as comodidades do seu lar e a segurança que desfrutavam, convergindo de todos os extremos do mundo, encontram-se lado a lado na luta contra o inimigo comum.

Seu sacrifício construirá o mundo de amanhã. Eles não serão esquecidos pelas gerações vindouras. E' a eles e aos seus dirigentes que ficaremos devendo a tranquilidade no mundo futuro.

REVISTA DA SUPLEMENTO I



General João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da 1.ª Divisão das Forças Expedicionárias Brasileiras que ora se empenham em combate no setor do 5.º Exército, onde os brilhantes feitos das armas brasileiras mereceram do primeiro ministro britânico palavras elogiosas.

General João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da 1.ª Divisão das Forças Expedicionárias Brasileiras que ora se empenham em combate no setor do 5.º Exército, onde os brilhantes feitos das armas brasileiras mereceram do primeiro ministro britânico palavras elogiosas.

Major-general Mark Clark, comandante do 5.º Exército americano no setor do Tirreno. Enquadrado sob o comando deste notável militar americano estão as Forças Expedicionárias Brasileiras que, juntamente com os americanos e ingleses, veem realizando neste momento notáveis avanços num terreno difícil.

Em toda parte, estes homens desassombrados que deixaram as comodidades do seu lar e a segurança que desfrutavam, convergindo de todos os extremos do mundo, encontram-se lado a lado na luta contra o inimigo comum.

Seu sacrifício construirá o mundo de amanhã. Eles não serão esquecidos pelas gerações vindouras. E' a eles e aos seus dirigentes que ficaremos devendo a tranquilidade no mundo futuro.

Já houve comentaristas de guerra que classificaram a campanha da Itália como uma das



O general Mascarenhas de Moraes inaugura, no acampamento das tropas brasileiras, na frente italiana, os serviços de comunicação com o Brasil. Vemos o comandante em chefe da F. E. B. depositando uma carta endereçada à pátria distante.

MA
ESPE
REV
D
SEM
7 DE OUTUB

Os brasileiros na ofensiva

Acontecimento de magna importância na história do nosso país, capaz de ficar como um separatório marco de 2 épocas — antes e depois da segunda grande guerra mundial — foi a atitude desassombrada do Brasil tomando o seu lugar ao lado das Nações Unidas. As vetustas e gloriosas terras da Itália, onde a humanidade viveu alguns dos seus momentos culminantes, estavam destinadas a presenciar a chegada e a entrada em ação dos nossos patrícios. Pela primeira vez soldados brasileiros lutam no solo da Europa, constituindo um exército regular.

Estes jovens misturando o seu sangue ao da mocidade de todos os povos que lutam pela liberdade, pela justiça e pela extinção da tirania da superfície do mundo, são credores da nossa admiração e do nosso respeito.

Eles estão garantindo para nossos filhos e netos uma situação melhor no futuro.

Estamos lutando contra a tirania e a opressão, que o povo brasileiro nunca pôde suportar, desde as origens da sua história.

Assumindo esta atitude, estamos apenas sendo coerentes com as nossas crenças e as nossas tradições.

Sempre lutamos contra invasores e imperialistas, desde os primórdios da nossa história, quando mal tínhamos uma noção clara e definida de nacionalidade.

Esta consciência de união e de independência foi sempre o nosso lema.

Nunca o Brasil teve tanta consciência do seu papel na história, da sua existência como nação livre, que sabe defender os seus direitos e zelar pela sua liberdade.

Com isto demos também ao mundo um exemplo de firmeza e determinação, ingressando definitivamente e gloriosamente para as páginas da história.

Estes rapazes são os vingadores dos seus irmãos que morreram assassinados por aqueles submarinos que vieram praticar o seu crime nas costas do nosso país.

Provavelmente, os comandantes das tripulações daqueles corsários, em pleno delírio da invencibilidade da "super raça", não contavam que outros navios sairiam dos nossos portos, carregados de soldados armados e decididos que iriam, em solo europeu, ajudar a extinguir a então invencível "Wermacht".

Hitler havia estendido o seu domínio por quase todo o continente europeu. Contando com a covardia e a decadência dos seus vizinhos, as suas tropas espalharam-se pela Europa. A humanidade viu-se na iminência de ser estrangulada pelos bárbaros.

Todas as regras de direito internacional, todos os fundamentos da moral e da justiça foram esmagados pelos nazistas. Eles não acreditavam que dentro de poucos anos pudessem ser julgados pelas suas vítimas.

Se olharmos entretanto para os mapas da guerra atual, podemos verificar o quanto mudou a situação.

Aperta-se inexoravelmente o cerco à Fortaleza cuja inexpugnabilidade foi tão fartamente propagada pela propaganda nazista do dr. Goebbels.

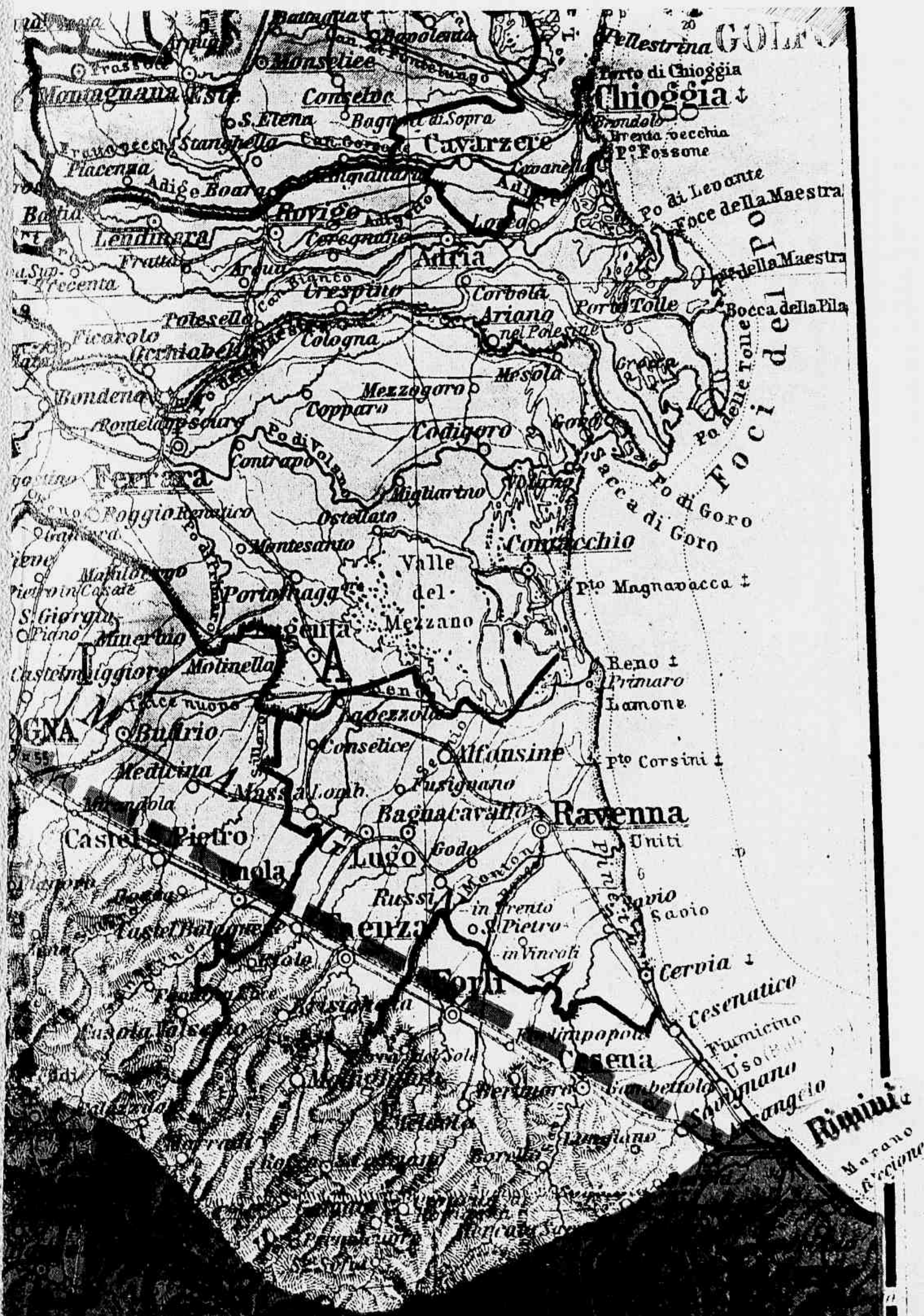
Em toda parte, estes homens desassombrados que deixaram as comodidades do seu lar e a segurança que desfrutavam, convergindo de todos os extremos do mundo, encontram-se lado a lado na luta contra o inimigo comum.

Seu sacrifício construirá o mundo de amanhã. Eles não serão esquecidos pelas gerações vindouras. E a eles e aos seus dirigentes que ficaremos devendo a tranquilidade no mundo futuro.

REVISTA DA SUPLEMENTO



SEMANA DE GUERRA



mais difíceis e mais brilhantemente conduzidas na atual conflagração. Ela representa a continuação de uma das mais espetaculares e decisivas batalhas desta guerra, ganha pelos aliados: a batalha de El Alamein, onde foi contido o avanço das tropas germânicas que pretendiam fazer junção com o outro braço de tenaz que avançava pela Rússia, e atingiu a pequena aldeia de Ordzonikidze, do Cáucasso. O encontro nessas duas tenazes significaria a posse do Mediterrâneo, o aprisionamento da quase totalidade das esquadras inglesa e americana que se encontravam naquele mar e a possibilidade de uma junção na Ásia com as tropas japonesas.

Era o velho sonho germânico, para cuja realização o Kaiser sacrificou suas tropas. Hitler voltou a cometer o mesmo erro. Stalingrado e El Alamein foram o golpe de morte nesta esperança há tanto acalentada pelos pretensos dominadores do mundo. El Alamein foi a primeira surpresa desagradável para os que acreditavam na invencibilidade dos nazistas e na superioridade dos seus homens.

A estratégia de Montgomery conseguiu ludibriar a astúcia da "Raposa do Deserto" e desferir-lhe um golpe fatal.

As hordas nazistas foram incessantemente açoitadas na guerra infernal das areias escaldantes do norte da África.

Primeiro ordenadamente e depois em fuga desabalada, eles foram tomar fôlego na Tunísia, para reorganizar as suas forças desbaratadas.

Em Tunis, a derrota do general Arnim, se-
tando a sorte de quase duzentos mil homens, veio pôr termo à grande batalha da África, na qual os teuto-germanos perderam alguns exércitos e uma quantidade assombrosa de material.

Entretanto, os aliados não deram trégua aos seus inimigos.

Primeiro Pantelaria e depois as grandes ilhas italianas foram invadidas mediante operações anfíbias que vinham antecipar os resultados da grande invasão.

O estreito de Messina foi atravessado e o território metropolitano da Itália invadido.

Começava a luta no continente. Fora derubado o primeiro bastião da "Europa Festung".

Dentro do quadro geral de vitórias aliadas que vem caracterizando este ano de guerra, alguns acontecimentos de importância têm se verificado na Itália, sobretudo no que diz respeito à participação das nossas forças, sob o comando geral do general Mascarenhas de Moraes.

As palavras elogiosas de Churchill, ao se referir aos nossos patrícios no seu último discurso, equivalem a um atestado de capacidade do nosso exército.

E' conhecida a sobriedade de linguagem do premier e a parcimônia com que costuma usar os seus adjetivos.

Isto os torna para nós de enorme importância.

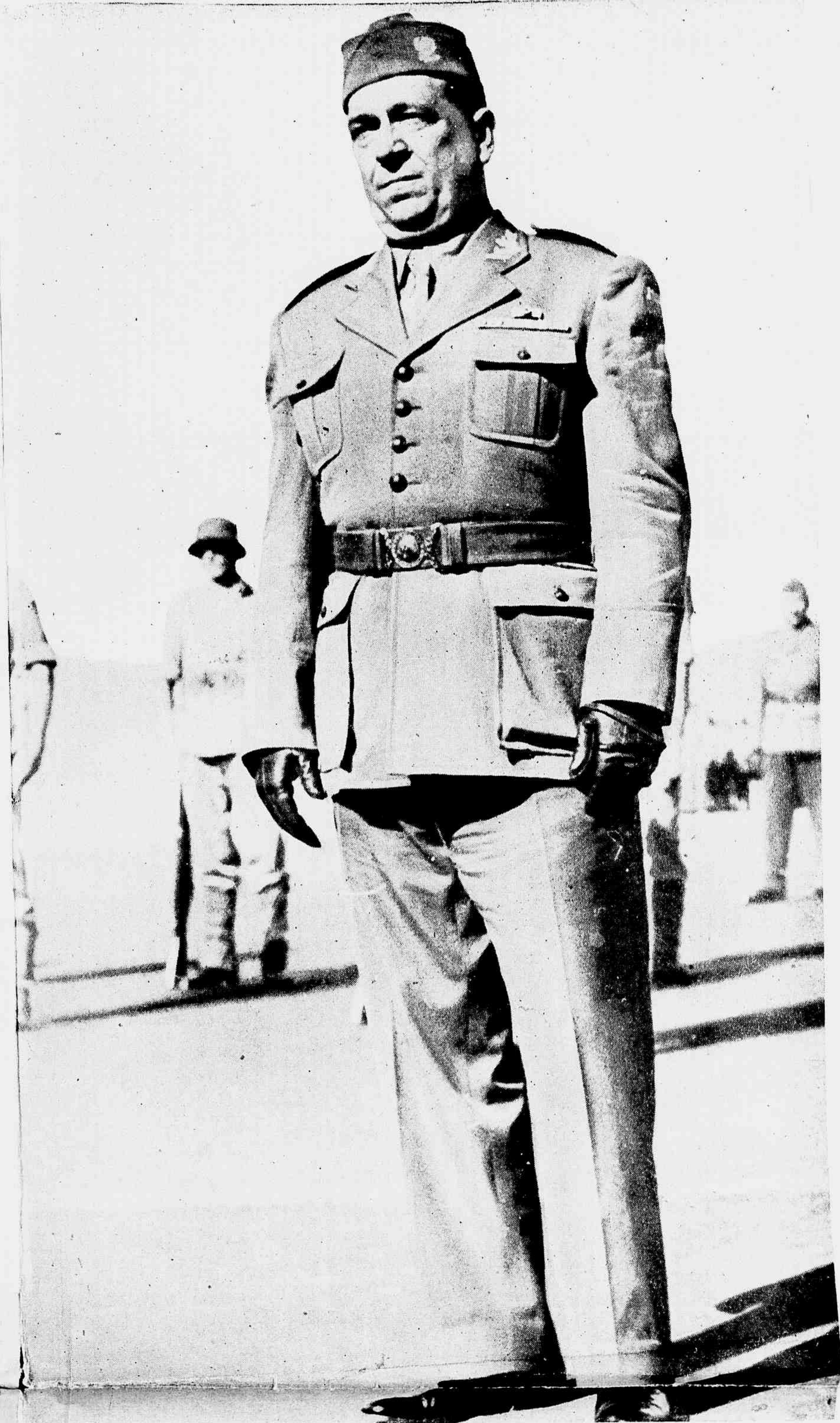
Um dos maiores construtores da guerra, este homem cuja fibra admirável o colocará na galeria dos grandes vultos da história, anunciou ao mundo o valor dos nossos soldados e da nossa colaboração na luta contra os nazistas.

Ainda há poucos dias o ministro da Guerra do Brasil general Eurico Gaspar Dutra embarcou para a Europa, para o setor onde lutam os brasileiros.

Importante setor do V Exército onde combatem forças brasileiras, norte-americanas e britânicas, foi confiado ao comando do nosso ministro da Guerra.

Brevemente estarão vencidos os Apeninos e as nossas tropas atingirão a planície que o conduzirá, juntamente com os soldados dos outros países aliados, à estrada para Berlim.

A REVISTA DA SEMANA, visando focalizar o setor onde se batem os nossos patrícios resolveu mudar o seu mapa. Neste que publicamos hoje poderão ser acompanhados, pelos nossos leitores, os avanços das nossas tropas na Itália.



General Zenóbio da Costa, comandante da infantaria divisionária das Forças Expedicionárias Brasileiras, que vem, em pleno combate nas escarpas dos Apeninos, provando as suas excelentes qualidades de valeroso soldado e ardiloso estrategista. Juntamente com o general Mascarenhas de Moraes e o general Cordeiro de Farias está conduzindo a vitória os nossos patrícios.

General Sir Harold Alexander, comandante em chefe das forças aliadas no Oriente Médio, que dirige atualmente a campanha da Itália, setor onde vem confirmando a sua fama de extraordinário estrategista e chefe militar, enfrentando e vencendo as forças alemãs do general Kesselring.

ARCHE

...Carla
...Romano

A black and white portrait of a man in a military uniform, likely a general, sitting at a desk and writing with a pen. He has a mustache and is looking slightly to the left. The image is grainy and appears to be a photocopy or a scan of a photograph.

**STA
A
ANA**

A black and white photograph of a military band marching in formation. The band members are wearing uniforms and carrying large brass instruments, likely tubas or euphoniums, which are held high above their heads. They are moving in a line across a field.

Já em território italiano, os soldados brasileiros fazem exercícios, onde demonstram o seu garbo e a sua resistência física, qualidades estas altamente demonstradas ante as tropas veteranas alemãs do general Kesselring.

ALEMANHA E POLÔNIA

LEGENDA
----- Limite Internacional



A Fortaleza da Alemanha

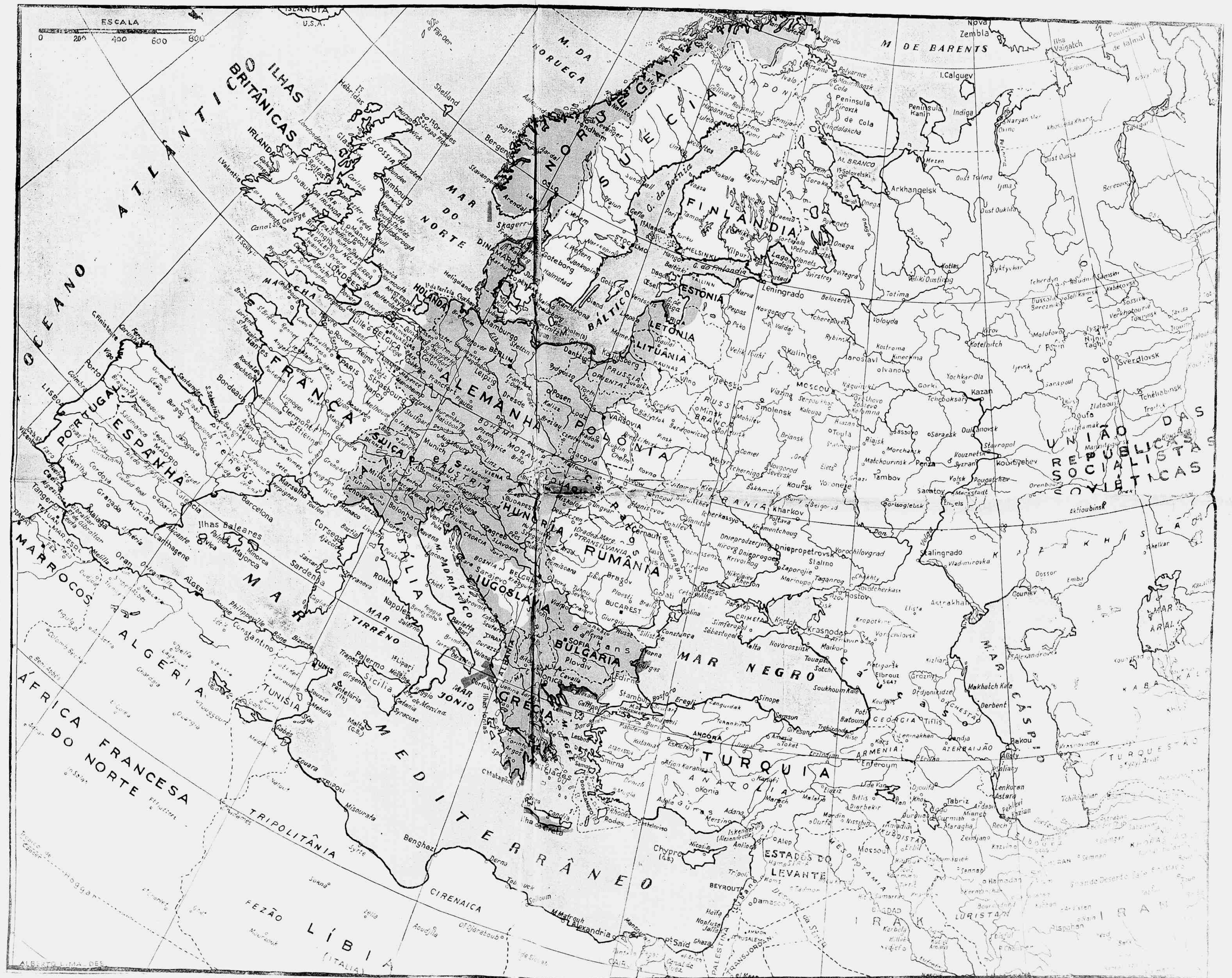
Durante o século XIX, a Alemanha tornou-se uma potência mundial, graças à sua localização estratégica no centro da Europa. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica.

Devido ao seu tamanho, a Alemanha tornou-se uma potência mundial, graças à sua localização estratégica no centro da Europa. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica.

Devido ao seu tamanho, a Alemanha tornou-se uma potência mundial, graças à sua localização estratégica no centro da Europa. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica. A Alemanha foi a única potência que conseguiu manter a unidade territorial durante a Revolução Francesa e Napoleônica.

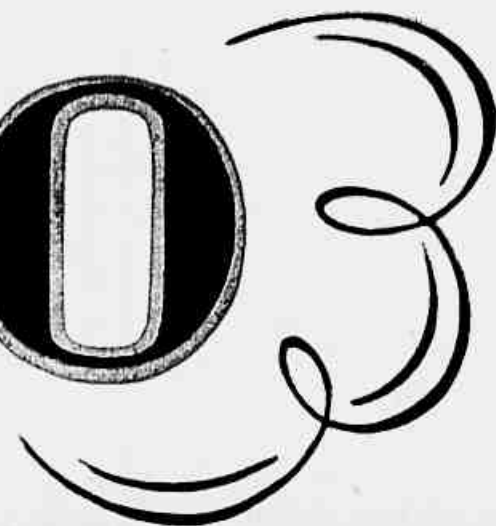
ROUMANIA

Oradea mare (Gross-Waradin)
Cluj (Klausenburg)
Mures (Maros-Vasvárhely)
Bucuresti (Bukarest)



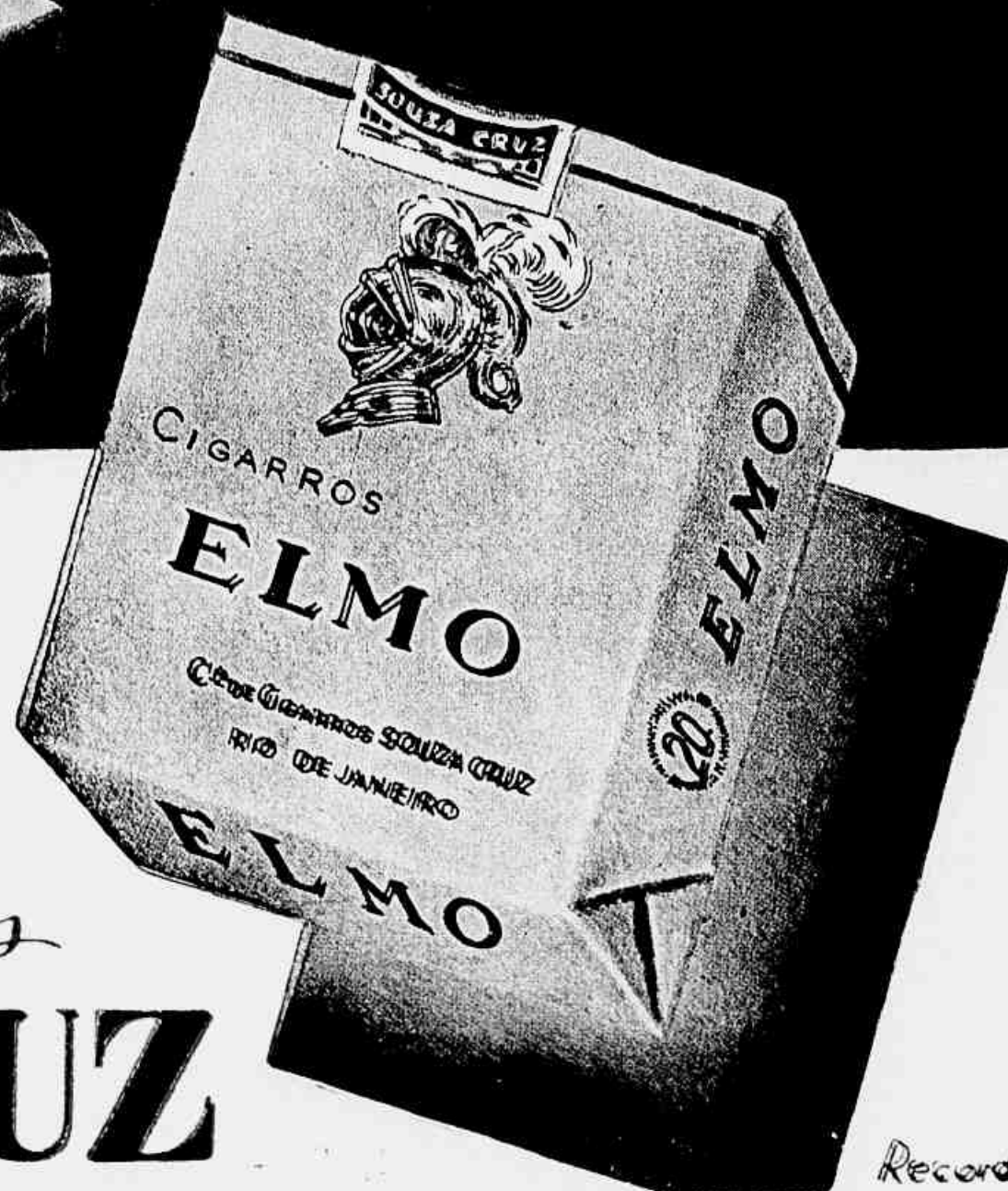


ELMO



PARA UM BOM FUMANTE
UM BOM CIGARRO

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record